

Rejane Mendes Moreira de Almeida Magalhães

Rui Barbosa
na Vila Maria Augusta

Ministério da Cultura
Fundação Casa de Rui Barbosa

Rio de Janeiro

2013

Sumário

APRESENTAÇÃO – Homero Senna	4
A CASA	6
História da Vila Maria Augusta	7
Aquisição por Rui Barbosa	9
Aquisição pelo Governo Brasileiro	12
O HOMEM	17
Nome	18
Físico	20
Hábitos	22
Trajes	24
Saúde	25
Voz	30
Hábitos alimentares	32
Sobriedade	33
Lazeres	34
Distração preferida	35
Paixão pelas plantas	36
Capacidade de trabalho	39
Livros	41
Carros	45
Memória	48
Coragem	50
Crença	52
O MEIO	61
Influência paterna	62
Presença materna	66
Irmãos	68
Maria Augusta, a companheira	71

Vida de família	75
Amigo das crianças	79
Serviçais	80
Vida social	83
Alguns amigos	86
Inimigos	99
A Vila Maria Augusta em festa	101
BIBLIOGRAFIA	104

Apresentação

Quando fui informado de que Rejane Mendes Moreira de Almeida Magalhães havia sido incumbida de escrever um trabalho sobre a vida de Rui Barbosa na Vila Maria Augusta (a mansão da rua São Clemente, onde Rui residiu de 1895 até falecer), nem por um instante duvidei da boa qualidade do resultado. Porque se trata de uma pesquisadora que tem paixão pelo maior dos baianos, o que a levou a ler tudo o que sobre ele se publicou e a anotar meticulosamente os 130 tomos até hoje editados das suas Obras Completas.

Embora organizado sem maiores preocupações técnicas, o fichário resultante dessas leituras e anotações é precioso e tem sido muito útil a toda a Casa. É comum o Setor Ruiano receber consultas a respeito de frases e conceitos de Rui, proferidos nas mais diversas ocasiões, em cinquenta anos de vida pública. Graças às fichas de Rejane, as consultas hoje podem ser respondidas, por assim dizer, imediatamente.

Como se esse cabedal de conhecimentos não bastasse, para escrever este trabalho ampliou ela suas leituras, voltou a percorrer as diversas biografias de Rui, pesquisou artigos de jornal, depoimentos verbais, cartas íntimas e manuscritos existentes no Arquivo da Casa, tarefa em que foi ajudada por Eni Valentim Torres.

O resultado é o volume que aqui está, cuja principal característica é a base documental. Rejane não avança uma informação, um conceito, uma opinião, sem dar a fonte. Sua preocupação de autenticidade às vezes chega a ser excessiva. Mas isto está longe de constituir um defeito.

Em suas páginas vamos encontrar não o Rui jurista, político, diplomata, grande orador e jornalista, mas, ao contrário, *o homem* Rui Barbosa, com seus hábitos domésticos, suas roupas, sua maneira de tratar a mulher e os filhos, suas preferências, suas idiossincrasias e as coisas de que realmente gostava no dia a dia da vida.

Mais do que uma biografia, é, na parte que interessava à pesquisa, o resumo de várias biografias e estudos sobre o Conselheiro. Como era o seu café da manhã? Quais os pratos de sua preferência? Que remédios costumava tomar? A que divertimentos ia com maior frequência? Quem eram seus amigos mais íntimos?

A tudo isto e a muito mais a autora responde com precisão e clareza. Trata-se, em suma, da *petite histoire* de Rui Barbosa. Mas, como sempre acontece, esses dados miúdos da

vida quotidiana de um grande homem ajudam-nos a compreendê-lo melhor e a ver aspectos da sua biografia que os estudiosos preocupados em erguer-lhe a estátua nem sempre revelam.

É de justiça salientar a prestimosa colaboração que, na redação do texto e na montagem final dos capítulos deu à autora a colega Miriã Pinheiro.

Da dedicação e do esforço dessas competentes pesquisadoras resultou um trabalho que de certo modo completa a imagem do patrono que esta Casa, criada para cultuar-lhe a memória, tinha obrigação de oferecer ao público.

Além da de Rui, uma figura emerge destas páginas, com o porte, a desenvoltura e a distinção de uma grande dama: dona Maria Augusta, âncora do coração e do caráter do marido, como ele próprio a definiu, vida e alma do solar de São Clemente, no largo período que vai dos fins do século XIX até 1923. E é grato verificar como as vidas dessas duas criaturas se entrelaçam por tão longo tempo, compondo um lar que era um dos centros mais notórios de irradiação e convergência da vida social e política do Brasil na Primeira República.

Rio de Janeiro, julho de 1989

Homero Senna

A CASA

História da Vila Maria Augusta

O terreno onde está situada a Vila Maria Augusta integrava o latifúndio Fazenda de São Clemente, do padre Clemente Martins de Matos, provisor e vigário-geral do bispado e tesoureiro-mor da Sé, além de hábil negociante.

A fazenda ocupava a maior parte do vale de Botafogo e "a frente [...] estendia-se da atual rua Marquês de Olinda à do General Polidoro, indo os fundos até além do largo dos Leões e Humaitá, às vizinhanças da Lagoa".¹

O primeiro desmembramento da fazenda foi feito pelo padre Clemente Martins e, depois de sua morte, em 1702, o restante da propriedade passou a pertencer ao padre Pedro Fernandes Braga. Este também desmembrou a parte que ia da atual rua São Clemente até perto da capela das Irmãs da Imaculada Conceição,² vendendo-a a Almeida Cardoso, que, seis dias depois, passou-a para o capitão Antônio Marques Sesimbra.

Já no século XIX, o conselheiro José Bernardo de Figueiredo (sogro de Pedro de Araújo Lima, visconde e marquês de Olinda) era proprietário da chácara que abrangia as terras da atual rua Marquês de Olinda até a rua São Clemente e se estendia até a rua Eduardo Guinle. Ele também loteou a chácara e vendeu a área em questão a José Fortunato da Cunha e Maria Cláudia da Cunha, sua mulher, que compraram em 22 de julho de 1848 o terreno, arrematado em leilão judicial promovido por Carlos Collmen & Companhia, Castro Justino Borcel e outros. José Fortunato, por sua vez, em 22 de novembro de 1849, vendeu o lote da rua São Clemente nº 66, de 9.000 m² com algumas benfeitorias a Bernardo Casimiro de Freitas, primeiro barão da Lagoa, comendador da Ordem de Cristo, negociante da praça do Rio de Janeiro, por 7:000\$000 rs., escritura fl. 27v a 28, livro 193, cartório do 2º ofício de notas. O barão da Lagoa demoliu as benfeitorias e mandou construir em 1849 – por coincidência o ano do nascimento de Rui Barbosa – uma casa à maneira neoclássica de Grandjean de Montigny, composta por "dois corpos ligados entre si" além de "telheiro, banheiro e galinheiro" no terreno que continha "jardim, horta, pomar e grande parreiral sobre vergalhões e barras de ferro".³

¹ COARACI, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*, p. 324. Ver também MACIEL, Inocêncio da Rocha. Relatório do tombamento das terras da Ilma. Câmara Municipal do Rio de Janeiro. 1872. p. 249. Documento existente no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

² Cf. FREIRE, Felisbelo. *História da cidade do Rio de Janeiro*, p. 348-351.

³ CERTIDÃO da escritura de ratificação de venda da casa e terreno da rua São Clemente, nº 98, de 15 de novembro de 1880. 2º ofício de imóveis, livro 246, fl. 38v.

Em 10 de Janeiro de 1879, a mansão com a respectiva chácara, já figurando sob o n° 98 da rua São Clemente, foi vendida pelo barão da Lagoa, viúvo, a seu genro, o segundo barão da Lagoa (Antônio Maria do Amaral) e filhas (a baronesa da Lagoa, Carolina, e a baronesa de Luso, viúva) a Albino de Oliveira Guimarães, comendador, conselheiro e capitalista, de nacionalidade portuguesa, casado com Luísa, filha de Castorina de Oliveira Castro, então conhecida figura social. Segundo depoimento de Luísa Mendes de Oliveira Guimarães "foi o falecido Albino quem lhe deu [à propriedade] a aparência que tinha quando Rui a comprou".⁴

Através de procuração a Manuel Moreira da Fonseca, datada de 23 de fevereiro de 1886, o comendador Albino e sua mulher, de passeio na Europa, deram-lhe poderes especiais e gerais para "admitir e despedir inquilinos do seu prédio da rua São Clemente, 98, podendo vender o mesmo prédio e chácara particularmente ou em leilão público".⁵ De fato, quatro anos mais tarde, a 12 de maio de 1890, o imóvel foi vendido em leilão ao capitalista inglês, dono de um trapiche no Rio de Janeiro, John Roscoe Allen e sua mulher, Grace Willian Allen.

A 23 de maio de 1893, Rui e Maria Augusta tornaram-se proprietários do imóvel da rua São Clemente, n° 98, que nesse mesmo ano, tomou o n° 104.

⁴ GERSON, Brasil. *História dos subúrbios*, 37.

⁵ Certidão da procuração dada a Manuel Moreira da Fonseca. Documento existente no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB. Localização: DA 124/504-2(8-10).

Aquisição por Rui Barbosa

A casa, onde moro, foi comprada por mim a John Roscoe Allen e sua senhora, em 23 de maio de 1893, por instrumento celebrado em notas do tabelião Evaristo.¹ [...] Do preço de cento e trinta contos de réis, que me custou, só tive que entrar com sessenta; porquanto os setenta remanescentes representam uma hipoteca de que assumi a responsabilidade.

[BARBOSA, Rui. Resposta a César Zama. In: _____. *Discursos parlamentares*, p. 57. (OCRB, v. 23, 1896, t.5).]

Sobre os sessenta contos pagos no ato da compra, Rui esclarece que os tomou por empréstimo a Afonso Luís Pereira da Silva – capitalista, amigo e colaborador de Carlito (Carlos Viana Bandeira, cunhado de Rui) na criação do Banco Impulsor –, dando como garantia o prédio adquirido. Uma segunda hipoteca da casa foi feita, em notas de cartório à Companhia Mercantil Hipotecária, no valor de setenta contos, que seriam pagos no dia 24 de outubro do mesmo ano de 1893.

Foi Antônio Martins Marinhas, capitalista, amigo e cliente de Rui que "lhe propôs e mesmo recomendou" a compra da casa na rua São Clemente, nº 104.

Não adiantaram as ponderações de Carlito sobre o que já se dizia de Rui sem ter comprado casa alguma, quanto mais "quando souberem que comprou um palácio".²

O plano concebido por Rui e Marinhas "de adquirir-se a propriedade sem abrirem mão de qualquer importância", constituiu-se uma transação que foi a maior preocupação de Rui no exílio, na Inglaterra, forçado pelas acusações de envolvimento na Revolta da Armada. Antes de viajar, Rui nomeou Carlito seu procurador e agente em todos os negócios.³

Numa carta, seguramente procedente de Buenos Aires, de 28 de novembro de 1893, dirigida a Carlito e por ele reconhecida como sendo de Rui Barbosa, foram traçadas as determinações de como devia proceder na questão da hipoteca da casa e de outros negócios pendentes. Carlito não recebeu esta carta, porque estava preso; todavia, ela caiu nas mãos de Antônio d'Araújo Ferreira Jacobina, que, primo e amigo da família, dedicado e corajoso, passou a se corresponder com Rui no exílio.

¹ Evaristo Vale de Barros.

² BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 41.

³ Cf. carta de Rui a Jacobina, de Buenos Aires, em 15 de janeiro de 1894. In: BARBOSA, Rui. *Mocidade e exílio*, p. 216-219.

Jacobina era, então, presidente do Banco Construtor e diretor do Banco das Classes Laboriosas e espontaneamente assumiu, ao lado de Carlito, os encargos de Rui.⁴

Américo Jacobina Lacombe, neto de Jacobina, esclarece que foi seu avô que "organizou a caixinha para salvar a casa de São Clemente [...] Os amigos do Rui se cotizaram para pagar as prestações. Quando Rui chegou, pagou todo mundo, e a casa se salvou".⁵

Na sua carta de Teddington, Londres, de 12 de setembro de 1894, Rui alertou Carlito para a precariedade da saúde de Afonso Luís Pereira da Silva e o instruiu a liquidar o negócio, "entregando as letras e purgando a hipoteca". "Enquanto preso e sempre que podia", diz Carlito, "eu tomava providências acerca desses negócios que eram, então, os meus primeiros cuidados."⁶

Segundo Carlito, seu primo João Luís Viana (Juca ou Bijuca) se prestou

a dar todo o concurso de sua boa vontade ao Jacobina, quanto às providências e aos arranjos relativos à casa de São Clemente e à mudança para ela, das alfaias e tudo o mais [da casa de Rui] da Praia do Flamengo.⁷

Além de Bijuca, também Alfredo Viana Bandeira, irmão de Maria Augusta, Helena Dobbert (filha de Adelaide, irmã de Maria Augusta) e o marido Manuel de Carvalho Leite cuidaram de tudo, segundo carta de Jacobina a Rui, datada de 1º de agosto de 1894. Bijuca, no testemunho de Jacobina, foi inexecedível na sua dedicação a Rui, propondo-se mesmo a morar na Vila Maria Augusta, para assim cuidar das contas e dos livros e vigiar melhor as obras.

Logo que compraram a casa, Maria Augusta e Rui combinaram com a firma do arquiteto Antônio Jannuzzi e Irmão & C. "um plano de adaptações e reformas. [...] Mas antes que Rui firmasse um contrato, [...] Jannuzzi [...] atacou o serviço [...] sem receber nada por conta". A princípio ele queria cobrar setenta contos pelo trabalho, mas terminou concordando com a proposta de Carlito, no valor de quarenta contos. Depois de pedir a Sancho de Barros Pimentel, companheiro de Rui de escritório, para preparar um recibo, Carlito procurou Jacobina, que, depois de certa irritação, concordou que ele tinha realizado "excelente negócio" e liquidou a dívida "em duas prestações iguais".⁸

Jacobina esclarece o negócio Jannuzzi, em carta a Rui, de 16 de janeiro de 1895: "Quarenta contos foram pagos à vista e quinze quando acabar as obras. Não foi tudo como eu

⁴ Ibid., p. 208.

⁵ Depoimento de Américo Jacobina Lacombe em 21 de abril de 1976, para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

⁶ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 171, 173.

⁷ Ibid., p. 168.

desejava, porém estamos livres de aborrecimentos que eu penso ele nos daria mais tarde".⁹ Em cartas de 23 de setembro de 1894 e 14 de março de 1895, sugere a Rui a compra dos tapetes, cortinas e móveis, que em Londres seriam mais baratos e de melhor qualidade.

A pedido de Rui, na carta a Carlito, de Teddington, 17 de setembro de 1894, foi renovado com a Companhia Aliança da Bahia um seguro da casa de São Clemente pelo preço que custou, mais o valor das obras, dos livros e dos móveis.

De volta do exílio, Rui e família vieram diretamente para a Vila Maria Augusta, devidamente preparada, nos mínimos detalhes, pelos amigos e parentes. Américo Jacobina Lacombe lembra que Maria Augusta contava que já encontrara o pente e a escova na penteadeira. Daí em diante, Rui vai firmar sua presença na nova residência: objetos adquiridos nas suas viagens, como por exemplo uma reprodução fotográfica da tela *A Virgem com o rosário*, pertencente ao Museu do Prado, que o casal Rui Barbosa adquiriu durante o exílio, em passagem por Madri; porcelanas e mobília da Inglaterra; móveis, lustre e azulejos da Holanda; tapetes e sofás da Argentina vão compor os ambientes. Os livros vão se avolumando e devagarinho vão se espalhando pela casa toda. O parque vai tomando nova feição, cuidado e embelezado por seu dono.

⁸ Ibid., p. 176-177.

⁹ Original manuscrito existente no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

Aquisição pelo Governo Brasileiro

Segundo Américo Jacobina Lacombe, deve-se creditar a Maria Augusta a preservação da biblioteca e da casa de São Clemente.

Após a morte de Rui, ocorrida em 1º de março de 1923, seu velho amigo, senador Antônio Azeredo, apresentou um projeto com emendas do senador Irineu Machado, autorizando o Poder Executivo a adquirir a casa com o mobiliário, a biblioteca, o arquivo, os manuscritos e as obras inéditas de Rui Barbosa. O projeto tinha o aval de Maria Augusta, que, segundo afirma Carlos Viana Bandeira, era a herdeira universal dos bens do marido. Ele assegura no seu livro *Lado a lado de Rui* a existência de um testamento no qual ele teria figurado como testamenteiro e o desembargador José Joaquim da Palma e João Luís Viana como testemunhas.¹

Sabe-se que, além da casa de São Clemente, a Vila Maria Augusta, Rui deixou: a casa de Petrópolis (situada na avenida Ipiranga, nº 405 e adquirida em 13 de outubro de 1913 por sessenta contos de réis – 60:000\$000 rs.) e um seguro de cinquenta contos de réis – 50:000\$000 rs., feito em 6 de junho de 1903 com a Companhia Sul América, em benefício de sua filha solteira Maria Luísa Vitória.

A casa de São Clemente tornou-se dispendiosa e a ideia de preservá-la, cultuando assim a memória do marido, sorriu a Maria Augusta como a mais querida a seu coração. Ela havia recebido duas propostas bem mais vantajosas do que a avaliação feita: uma de compra da casa oferecida pela embaixada inglesa e a outra de compra da biblioteca, pelo Jockey Clube de Buenos Aires. No entanto, ela não teve dúvidas: mesmo "com prejuízo monetário evidente",² em 1924 vendeu a casa, mobiliário, biblioteca, manuscritos, arquivo e a propriedade intelectual das obras de Rui à Fazenda Federal dos Estados Unidos do Brasil, pelo valor de dois mil, novecentos e sessenta e cinco contos de réis – 2.965:000\$000 rs.³

O crédito autorizado ao ministro da Justiça, senador João Luís Alves, inimigo figadal de Rui, através do decreto nº 16.651 de 23 de outubro de 1924, não foi todo empregado. Por esse motivo, da compra foi excluído o mobiliário, exceto as estantes.

¹ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 149.

² Depoimento de Américo Jacobina Lacombe em 21 de abril de 1976, para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

³ Cf. cópia de certidão de escritura do 10º Ofício de Notas de 20 de fevereiro de 1940, livro 172.

Por meio do decreto nº 5.566 de 5 de novembro de 1928, o presidente da República, Washington Luís, restabeleceu o crédito e adquiriu os móveis que ficaram com a família. Lamentavelmente, muita coisa se dispersou, pois uma parte fora leiloada. No entanto, conforme declarou em depoimento Américo Jacobina Lacombe, diretor da Casa de Rui Barbosa a partir de 1939, pouco a pouco ele conseguiu incorporar ao acervo a cama do casal da residência de Petrópolis e as cadeiras de couro da biblioteca.

Durante certo tempo, a casa ficou fechada, e até se cogitou transformá-la numa escola. A prefeitura resolveu abrir uma nova rua – a Assunção –, para facilitar a comunicação com a rua São Clemente e chegou a cortar um pedaço do parque, derrubando as árvores. Washington Luís determinou que o prefeito Antônio Prado restabelecesse o parque e pessoalmente veio verificar se a obra estava sendo cumprida.

A 13 de agosto de 1930, Washington Luís inaugurava a Casa de Rui Barbosa, primeiro museu brasileiro no gênero, e na ocasião dava nome a cada uma das suas dependências, de acordo com a atuação de Rui na política (Salas Constituição, Federação, Buenos Aires, Civilista, Pró-Aliados, Haia, Questão Religiosa, Abolição, Estado de Sítio, Instrução Pública, Queda do Império); no Direito (Salas *Habeas Corpus*, Casamento Civil, Código Civil, Dreyfus); na vida familiar (Salas Bahia, Maria Augusta, João Barbosa).

Eis uma sucinta descrição de tais dependências:

1. Ao subir a escadinha lateral, dobrando-se à esquerda, encontra-se a primeira dependência da casa: a Sala de Haia – nome que traz à memória o triunfo de Rui como embaixador extraordinário e plenipotenciário e delegado do Brasil em Haia, quando, em 1907, defendeu o princípio da soberania e da igualdade das nações. Rui chamava essa sala de Gabinete Holandês, por ela conter os móveis que foram utilizados na conferência e adquiridos na Holanda: uma secretária, três cadeiras com assento e encosto de couro e uma estante. Durante certo tempo, foi o quarto de sua filha Baby (Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra).

2. A seguir, Sala *Habeas Corpus*: antigo quarto de dormir do casal Rui Barbosa. O nome assinala a atuação do advogado Rui Barbosa ao impetrar, em 1892, junto ao Supremo Tribunal Federal da República, o primeiro *habeas corpus* sobre matéria política em favor dos militares, poetas, jornalistas e membros do Congresso, reformados, demitidos e desterrados pela ditadura de Floriano Peixoto.

3. Sala Maria Augusta: quarto de vestir daquela que foi vida de sua vida, alma de sua alma, a companheira de 46 anos de convivência feliz, "inspiração e alento nas boas ações" de

Rui e que não poderia deixar de ser homenageada. Não somente a "sua" casa tomou o nome de Vila Maria Augusta, como também o seu quarto de vestir.

4. Sala Pró-Aliados: assim designada para lembrar a participação de Rui no movimento em favor dos Aliados da 1ª Guerra Mundial. Rui, diretor-presidente da Liga Brasileira pelos Aliados, condenou as atrocidades da Alemanha sobre Bélgica, Polônia e Luxemburgo e reclamou a solidariedade e a revogação da neutralidade do Brasil. Era a sala de espera.

5. Sala Federação: lembra a campanha de Rui pela federação das províncias. No Congresso do Partido Liberal, em 1º de maio de 1889, Rui apresentou a proposta de uma monarquia federativa, ideia não aceita, o que motivou sua recusa da pasta do Império oferecida pelo primeiro-ministro, visconde de Ouro Preto. Era o salão de visitas, onde se realizavam os bailes e as recepções.

6. Sala Buenos Aires: destinada aos saraus, à música e aos retratos da família. Em Buenos Aires, Rui, embaixador extraordinário e plenipotenciário, representou o Brasil no 1º Centenário da Independência Argentina, em 9 de julho de 1916. Na oportunidade, pronunciou uma conferência de repercussão internacional: "*Los conceptos modernos del derecho internacional*", mais conhecida como "O dever dos neutros", protestando contra a neutralidade impassível entre o direito e o crime e erigindo como princípio verdadeiro o da "neutralidade vigilante e judicativa".⁶

7. Sala Civilista: pequeno escritório onde Rui passava grande parte de seu tempo redigindo seus discursos e pareceres e realizando seus estudos e pesquisas. O nome da sala recorda a Campanha Civilista de 1909-1910, quando Rui disputou com o marechal Hermes da Fonseca a Presidência da República (1910-1914). Era o Gabinete Gótico, devido aos arremates das estantes em estilo gótico que compõem o ambiente.

8. Sala Constituição: homenagem à Constituição de 24 de fevereiro de 1891. Rui, ministro da Fazenda do Governo Provisório, foi encarregado de rever o projeto da 1ª Constituição da República. Modificou-lhe a redação e a estrutura. É o salão principal da biblioteca com suas estantes monumentais, onde estão afixadas placas de metal em baixo relevo com as iniciais de Rui: RB.

⁶ BARBOSA, Rui. Problemas de direito internacional: conferência na Faculdade de Direito de Buenos Aires em 14 de julho de 1916. In: _____. *Escritos e discursos seletos*, p. 114.

9. Sala Casamento Civil: alude à campanha de Rui pela obrigatoriedade do casamento civil, antes facultativo, tendo o casamento apenas religioso valor também civil. Era o quarto de vestir de Rui.

10. Sala Código Civil: era chamado de Gabinete Branco. Designado redator da Comissão Especial do Senado para examinar o Projeto do Código Civil, Rui apresentou um parecer contendo mais de mil emendas à linguagem do texto que fora revisto por seu antigo professor Ernesto Carneiro Ribeiro. Da polêmica travada entre os dois resultou um dos mais importantes trabalhos de Rui: a *Réplica*.

11. Sala Abolição: evoca uma das mais brilhantes campanhas de Rui. A abolição dos escravos foi uma das suas metas, desde os tempos acadêmicos da Faculdade de Direito do Recife. Intensificou-se a luta quando Rui, estudante da Faculdade de Direito de São Paulo, ingressou na maçonaria na Loja América, onde apresentou um projeto de abolição do ventre das escravas pertencentes aos maçons, anterior à Lei do Ventre Livre. A campanha alcançou o seu apogeu no momento em que o conselheiro Manuel Pinto de Sousa Dantas encarregou Rui da redação do projeto da Lei dos Sexagenários. Era o quarto do casal Antônio Batista Pereira e Maria Adélia, filha mais velha de Rui e Maria Augusta.

12. Sala Instrução Pública: relembra a causa do ensino, que foi objeto da preocupação de Rui. Quando redator da Comissão de Instrução Pública, ele apresentou, na Câmara dos Deputados, pareceres e projetos de reforma dos ensinos primário, secundário e superior e, em retribuição aos serviços prestados, recebeu do imperador dom Pedro II o título de conselheiro. Rui foi precursor: da educação física, ao enquadrá-la no currículo estudantil e por considerar seus professores no mesmo nível dos demais cadeiras; do ensino musical, também enquadrado no curso geral; e principalmente do ensino do desenho e dos trabalhos manuais, considerados básicos para o ensino industrial, com vistas à criação de uma mentalidade industrialista no país. Era também dependência da família Batista Pereira

13. Sala Estado de Sítio: a doutrina do estado de sítio foi fartamente estudada por Rui e se constitui num rico material para estudantes e pesquisadores de direito e de ciências políticas. Era o quarto das crianças do casal Batista Pereira.

14. Sala João Barbosa: era a sala de estar, onde Rui, sua família e amigos íntimos se reuniam após as refeições para conversar. Foi assim nomeada para prestar homenagem a João José Barbosa de Oliveira, médico, diretor-geral do Ensino Provincial (BA) e deputado geral pela Bahia, pai de Rui, grande influência e presença constante na vida do jurista.

15. Sala Bahia: era a sala de jantar no tempo de Rui. A mobília foi trazida de Londres, em 1895, exceto as cadeiras, que foram confeccionadas no Brasil. Homenageia sua terra natal,

a Bahia, "verde ninho murmuroso de eterna poesia, debruçado entre as ondas e os astros". Na Bahia, Maria Adélia Barbosa de Oliveira embalou o primeiro sono de seu filho, Rui. Na Bahia também, Rui Barbosa repousa em seu último sono.

16. Sala Questão Religiosa: era a sala de almoço. A Questão Religiosa foi objeto de interesse e discussão de Rui jornalista. Nas páginas do *Diário da Bahia* defendeu a liberdade de crença e lançou as sementes da separação da Igreja do Estado, que se transformaram em lei, de sua autoria, durante a sua gestão no Ministério da Fazenda (1889-1891).

17. Sala Dreyfus: a sala recebeu o nome de Alfred Dreyfus, oficial francês de origem judaica, acusado de alta traição, condenado e deportado para a ilha do Diabo. Rui, perseguido pela ditadura florianista, exilou-se na Inglaterra e, indignado pela injustiça cometida contra Dreyfus, protestou veementemente pelo *Jornal do Commercio*, na primeira de suas "Cartas de Inglaterra". Essa sala ficava abaixo da cozinha e, na época de Rui, era o refeitório dos criados. Durante certo tempo, foi o gabinete do diretor da Casa de Rui Barbosa.

18. Sala Queda do Império: evoca um dos mais brilhantes momentos da carreira de Rui Barbosa – jornalista e redator-chefe do *Diário de Notícias*. Seus artigos candentes de críticas à Monarquia, editados sob o título de *Queda do Império*, contribuíram para o advento da República. Era o escritório de Batista Pereira, foi o salão de leitura da Casa de Rui Barbosa e abriga hoje a diretoria do Museu. Por sugestão de Américo Jacobina Lacombe, os nomes dessa sala e da anterior passaram a designar os espaços no andar superior dessa mesma ala e que eram as dependências dos criados.

O HOMEM

Nome

Rui é a abreviação de Rodrigo. No *Dicionário etimológico da língua portuguesa* de Antenor Nascentes encontramos:

Rui, abreviação de Rodrigo (*Ro(dr) i (go)*), passando pelas formas: Roí, Ruí, (Daupiás, *Recreações filológicas*, 258). Antes de Roí, Leite de Vasconcelos supõe *Rodigo*, por dissimilação, *Roigo* ou *Rodio*, *Roío*, e para a deslocação do acento manda confrontar *moinho* e *múinho*, na linguagem minhota, e *Tuí* a par de *Túi*. *Roy* aparece nas *Linhagens*, p. 207. Em espanhol *Ruy*, como se escrevia no português até bem pouco.²

Luís Viana Filho afirma que João José ao dar o nome de Rui a seu filho primogênito, nascido a 5 de novembro de 1849, pretendeu homenagear seu pai, Rodrigo.³

Tanto na certidão de batismo, expedida em 5 de novembro de 1850, no discurso no Ginásio Baiano, em 1865, na matrícula na Faculdade de Direito do Recife e no documento de transferência, para Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo, e no respectivo diploma, de 27 de outubro de 1870, no registro de casamento, datado de 6 de agosto de 1877, na nomeação para ministro da Fazenda, no título eleitoral, na designação para representar o Brasil na 2ª Conferência Internacional da Paz em Haia,⁷ como nos vários trabalhos e artigos jornalísticos firmados, apenas figura o nome "Rui Barbosa". Não se sabe qual o motivo de seu pai, João José Barbosa de Oliveira, não ter acrescentado o seu último sobrenome ao nome do filho, mas houve quem assegurasse que foi para minorar as influências perniciosas "que ele [Rui] deixara de assinar o último dos seus apelidos paternos".⁴

Rui tornou-se um símbolo, um guia. Muitos brasileiros nascidos no século XX adotaram seu nome graças a sua influência e projeção, é o que afirma Rui Bloem.⁵

Lembra Rubem Braga que "o povo guardou o nome Rui como quase sinônimo de inteligente, de sabichão".⁶ Também Affonso Romano de Sant'Anna recorda o uso da

² NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, p. 267.

³ VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 5.

⁷ As certidões de batismo e casamento, bem como a indicação para delegado em Haia, encontram-se no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, no Inventário Analítico do Fundo Rui Barbosa, Série Documentos Pessoais de RB, DP1.

⁴ SANTOS, Francisco Martins dos. Rui Barbosa: o homem e o advogado à luz da ciência, da liberdade e da justiça. In: CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS. *Contribuição...*, p. 65.

⁵ BLOEM, Rui. Rui.

⁶ BRAGA, Rubem. Rui Barbosa e a Inglaterra.

expressão "Fulano é um Rui" para designar um gênio e conta que havia um programa humorístico no rádio, em que um personagem "repetia, como elogio máximo, 'Homem é o Rui'". Acrescenta que "nos tempos do João Goulart, numa campanha para eleger San Tiago Dantas (político de esquerda), um alto-falante o chamava de 'novo Rui'". E alerta para o fato de Rui figurar "na direita e na esquerda".⁷

Já Fábio Lucas registra a expressão "rio barbosa", colhida por um amigo seu, de certa região de São Paulo para indicar "coisa especial", "fora do comum", e a "frase 'isto é rio barbosa de bão!' empregada para qualificar determinada coisa".⁸

Dias Gomes, autor do seriado *O Bem-Amado*, através do personagem Odorico Paraguaçu, prefeito de Sucupira, popularizou o nome de Rui, atribuindo-lhe conceitos discutíveis de erudição.

⁷ SANT'ANNA, Affonso Romano de. Quem é inteligente no Brasil?

⁸ LUCAS, Fábio. O mito de Rui Barbosa.

Físico

Criatura deserdada, pela natureza, dos predicados, com que se exerce a sedução de homem a homem, talvez não mal-encarado em moço, mas, hoje em dia, aguarentado pelos anos, cara de poucos amigos, boca de raros sorrisos e, por sobretudo, ao que me dizem todos os dias, velho e revelho.

[BARBOSA, Rui. Minas vitoriosa: conferência, 2 abr. 1919. In: _____. *Campanha presidencial*, p. 149.]

Rui era, fisicamente, parecido com seu pai João José: de estatura baixa, 1,58 m; corpo de adolescente, franzino e ligeiramente encurvado, 48 quilos de peso; circunferência torácica de 84 cm, circunferência do abdômen de 72 cm; cabeça grande de poucos e lisos cabelos, em desacordo com o corpo; media 57 cm de diâmetro e parecia maior pela conformação; orelhas grandes, fronte espaçosa, largas entradas laterais, rosto oval, nariz médio e quase grego; boca bem traçada, bigodes grossos caindo pelos cantos da boca, lábio inferior saliente num prognatismo visível; olhos vivos de hipermetrope, pescoço longo, colarinho de 36 cm; bem proporcionado de membros; tez morena de sertanejo.

Conta Luís Viana que Rui era noivo de Maria Augusta quando veio tentar a vida no Rio de Janeiro. Munido de cartas de apresentação do conselheiro Dantas, procurou o senador Zacarias de Góis e Vasconcelos; este, que era temido pelo seu sarcasmo e pela sua mordacidade, ao terminar a leitura da carta referiu-se ao tamanho de Rui observando que ele era "mais pequeno do que seu pai".¹ Foi o bastante para que Rui não mais o procurasse.

Este é Rui Barbosa. Outras características, resultantes da impressão causada àqueles que o conheceram, talvez ajudem a retratá-lo melhor:

Figura mirrada e feia.²

Nunca os que conviveram com Rui o acharam feio, tal a irradiação da sua bondade, o magnetismo da sua pessoa, o prestígio da sua maravilhosa inteligência.³

Fitava com superioridade, um tanto carrancudo. [...]
Não era homem bonito como Castro Alves, mas perfeito de corpo.
[...] Pouco ria, mas o sorriso lhe era familiar.⁴

¹ VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 62.

² ANDRADE, Carlos Drummond de. Rui, naquele tempo.

³ PEREIRA, Edgar Batista. *A casa de São Clemente*, p. 32.

⁴ BITTENCOURT, Liberato. *Rui Barbosa*, p. 26-27.

Eu estava verificando a mentira das caricaturas que exageravam as dimensões da cabeça de Rui Barbosa, mingando-lhe o físico. Teria um metro e sessenta. A cabeça não era enorme nem desproporcional.⁵

Corpo raquítico com olhos em fogo, em viva agitação.⁶

Despido de formosura, [...] simpatia respeitosa, embora pouco comunicativa, talvez grave demais para a idade que sempre lhe foi gratuitamente aumentada, posto que suavizada pela vivacidade do olhar. Corpo de criança; cabeça de velho. Era feio no físico [...]. Mas atraía.⁷

Estatura abaixo da mediana, de corpo franzino e grande cabeça, em que a calva aumenta ainda mais a fronte ampla. Os olhos vivos e doces [...] denotam a agudeza do espírito.⁸

Pequenino, franzino, quase anão, feio, sem nenhum atrativo pessoal, cabeça enorme num corpo de estatura para criança, circunspecto, de fisionomia fechada.⁹

Aura de sutil beleza emanava dele.¹⁰

Deu-me a impressão duma pessoa frágil, pequena... a tez um pouco morena.¹¹

⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. Como conheci Rui Barbosa.

⁶ FRANCO, Jaime. A gloriosa existência de Rui Barbosa. In: CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS. *Contribuição...*, p. 153.

⁷ GONÇALVES, Silo. *A Águia de Haia*, p. 26 e 46.

⁸ MENESES, Nazaré. *Rui Barbosa*, p. 50.

⁹ REBEL, Pereira. Rui em Haia, p. 98.

¹⁰ VILLAÇA, Antônio Carlos. O ninho da "Águia de Haia". In: SENNA, Homero (Org.). Rui: sua casa e seus livros, p. 173

¹¹ Depoimento de Luís Viana Filho, em 10 de setembro de 1976, para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

Hábitos

Do que tenho logrado saber, o melhor devo às manhãs e madrugadas. [...]

Ao que devo, sim, o mais dos frutos do meu trabalho, a relativa exabundância da sua fertilidade, a parte produtiva e durável da sua safra, é às minhas madrugadas. Menino ainda, assim que entrei ao colégio alvidrei eu mesmo a conveniência desse costume, e daí avante o observei, sem cessar, toda a vida. Eduquei nele o meu cérebro, a ponto de espertar exatamente à hora, que comigo mesmo assentara, ao dormir. Sucedia, muito amiúde, encetar eu a minha solitária banca de estudo à uma ou às duas da antemanhã. Muitas vezes me mandava meu pai volver ao leito; e eu fazia apenas que lhe obedecia, tornando, logo após, àquelas amadas lucubrações, as de que me lembro com saudade mais deleitosa e entranhável.

[...] Até agora, nunca o sol deu comigo deitado e, ainda hoje, um dos meus raros e modestos desvanecimentos é o de ser grande madrugador, madrugador impenitente.
[BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*, p. 28.]

Rui levava uma vida austera e metódica. Acordava muito cedo, entre quatro e cinco horas da manhã. Lavava o rosto, no quarto de vestir (Sala Casamento Civil). Encaminhava-se para a biblioteca (Sala Constituição), em frente ao quarto de dormir (Sala *Habeas Corpus*), e estudava até a chegada do barbeiro, às 6h15min.¹ Depois, demorava-se meia hora no banho morno, vestia ainda o pijama sobre o qual usava o roupão e, na companhia de Maria Augusta, tomava o café da manhã. Às "sete horas já estávamos de café tomado".²

Enquanto se alimentava, lia os jornais, assinalando com lápis vermelho o que interessava e comentando os acontecimentos do dia.

Nas manhãs de sol, sempre acompanhado de Maria Augusta, visitava o jardim, aí permanecendo uma hora. Ao voltar para casa, trancava-se no gabinete de estudos (Gabinete Gótico – Sala Civilista), absorvido pelo trabalho e alheio a tudo.

Às onze e meia era avisado do almoço; no quarto de vestir mudava de roupa e, às doze horas, almoçava com a família (Sala Questão Religiosa). Por volta de uma hora saía para as sessões do Senado ou para o Tribunal; percorria as livrarias, ia ao cinema. Às 16h, mais ou menos, voltava para casa, ia ao encontro de Maria Augusta. Se ela estava com visitas, seguia

¹ COSTA, Antônio Joaquim da. *Rui Barbosa na intimidade*, p. 37.

para o quarto de vestir, onde mudava de roupa. Pedia o chá e tornava aos livros. Após o jantar, às 19h, descansava uma hora na sala de estar (Sala João Barbosa), conversando com os íntimos e, com uma faquinha de marfim, ia abrindo as páginas dos livros novos.³ Feito isto, retirava-se de mansinho, descia a escada de serviço, passava pelo salão da biblioteca e encaminhava-se para o seu gabinete de trabalho, onde estudava até que o cansaço o vencesse. Vestia o pijama ou o timão – o roupão – e, às dez e meia, onze horas, deitava-se. Na cama, ainda lia mais um pouco até o sono chegar.

² Depoimento de Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra (Baby), filha mais nova de Rui, para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 10 de abril de 1975.

³ Ibid.

Trajes

Vestia-se bem, sobriamente e sem os exageros do tempo e da moda.¹ Sem faceirices nem vaidades, foi um homem irrepreensivelmente limpo, que, mesmo em casa, na intimidade, se apresentava impecável, de maneira que pudesse receber quem quer que fosse e a qualquer hora. Aí, preferia calças brancas de linho ou brim liso, ou em fantasia, e paletó da mesma fazenda ou de lã escura, nos dias de frio. Fora de casa, preferia sobrecasacas e fraques de tons cinza claro ou escuro, ou ainda azul-marinho, de fazendas diferentes; coletes, camisas de peito duro, punhos e colarinhos postiços engomados, gravatas brancas de laço horizontal, ou coloridas.²

Suas roupas eram feitas pela Casa Raunier, ou pelo Brandão, um alfaiate português. "Quando veraneava em Petrópolis ou em Friburgo, saía à rua com um fraque de linho."³ Calçava botinas pretas ou marrons inteiriças de elástico, Clark, nº 36; chapéus de fino feltro cinzento, mole, de abas reviradas, ou de chile, com debrum e fita quase branca, tamanho 61. "Meias, só de algodão finíssimo. [...] Camisas, roupa de baixo, lenços, da Torre Eiffel,⁸ tudo muito simples, mas da melhor qualidade".⁴

Nada de joias, a não ser a aliança na mão direita, o relógio de ouro Patek Philippe pendente do colete, em cuja cadeia havia um medalhão com o retrato de Maria Augusta. De ouro, também os botões da camisa e dos punhos. O anel de grau somente exibia em banquetes e cerimônias oficiais. Usava sempre óculos ou *pince-nez*.

Rui raramente portava bengala; pasta, quando havia necessidade; guarda-sol de cabo de junco; guarda-chuva de castão de ouro e "um livro, para ler no bonde ou na carruagem, desde quando passou a usá-la".⁵

Suas roupas duravam bastante: chegava a ter costumes de 12, 14 e 16 anos. Como era homem cuidadoso, tudo nele tinha aspecto de novo.

Apesar de todo o zelo no vestir, Rui "não impressionava pelo traje".⁶

¹ Cf. BITTENCOURT, Liberato. *Rui Barbosa*, p. 27.

² Cf. BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 23.

³ BARBOSA, Francisco de Assis. *Rui Barbosa visto por sua esposa...*, p. 48.

⁸ A Casa Raunier, elegante estabelecimento de venda de roupas e tecidos, ficava na rua Uruguaiana, 55. Clark, até hoje existente na Inglaterra, era uma famosa sapataria, com fabricação própria de calçados, situada na rua do Ouvidor 35. A Torre Eiffel, também elegante loja de roupas masculinas, ficava na rua do Ouvidor 97-99. Todas no Rio de Janeiro. [Nota desta edição.]

⁴ PEREIRA, Edgar Batista. *A casa de São Clemente*, p. 31.

⁵ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 23.

⁶ LOSSIO, Rafael de. *Rui Barbosa*. In: CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS. *Contribuição...*, p. 11.

Saúde

Não lhe respondi imediatamente, [...] por ter passado mal estes dois dias. Não é moléstia de risco ou gravidade: mera perturbação gástrica, bem que violenta. Mas a dor de cabeça, consequência dela, que me acometeu de ontem para hoje, não me deixava escrever.

[Carta de Rui Barbosa a Antônio Batista Pereira, da fazenda Rio das Pedras, de 10 de janeiro de 1911. Original no Arquivo da FCRB].

Rui jamais se libertou da preocupação de sofrer do aparelho digestivo.

Em 1870, no decorrer do quinto e último ano na Faculdade de Direito de São Paulo, enfraquecido pela vida intensa de estudos e de ação política, adoeceu: sentia tonteiras e vertigens. O dr. Jaime Serva, médico que cuidou dele e na casa de quem passou a residir, recomendou repouso e o proibiu de ler e de fazer qualquer esforço de memória. Apesar de tudo, Rui saiu-se bem nos exames finais e antecipadamente colou grau de bacharel em Direito.

Chegando à Bahia, voltou a sentir tonteiras e vertigens.

O contínuo queixar-se do estômago, do fígado e enxaqueca fez convergir tanto as suas atenções, como as de seus médicos [entre eles o velho amigo, dr. Salustiano Ferreira Souto e o dr. Jerônimo Sodré Pereira] para o aparelho digestivo.¹

Os médicos mostravam-se indecisos, ora prescrevendo dieta rigorosa, ora aconselhando repouso e sangrias sucessivas até melhorarem as vertigens, mas João Barbosa "preferiu suprimir as sangrias e limitou o tratamento a um longo período de férias".²

De passagem pela Bahia em 1872, o dr. Pedro Francisco da Costa Alvarenga, piauiense, diplomado em Bruxelas, clínico em Lisboa e amigo de João Barbosa, examinou Rui e concluiu pelo diagnóstico de anemia cerebral e subnutrição, não encontrando qualquer problema no aparelho digestivo do doente. Rui melhorou e, no ano seguinte, viajou para a Europa.

"Na França, repartindo-se entre Paris e Enghien-les-Bains, permaneceu cerca de quatro meses consultando médicos" (E. Langlebert, Ch. Fauvel e Chéron), cujos remédios, dietas e

¹ PAULO FILHO, A. Rui Barbosa hipermetrope, p. 202.

² VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 38.

conselhos extravagantes – como "prescrição de carne crua e pomadas no couro cabeludo e axilas" – foram ineficazes. É possível que algumas das alterações de saúde fossem causadas pelo constante trabalho de leitura e escrita a que eram submetidos seus olhos e pela inobservância dos preceitos de higiene visual, o hábito de ler à luz de vela.³

Os médicos "não cogitaram [...] do exame de refração, para pesquisa do defeito ocular, congênito e familiar, de cujo tratamento, por meio de lentes adequadas [...] haveria de resultar pronto alívio à maior parte dos sofrimentos".⁴

Rui ter-se-ia iniciado "no uso das lentes entre 1873 e 1876, isto é, logo depois das melhoras obtidas com as indicações terapêuticas do dr. Pedro Alvarenga",⁵ que talvez tivesse atentado para a hipermetropia.

Ao tempo do seu noivado com Maria Augusta (1876), Rui usava luneta.

Libertado de tal defeito, lia, escrevia e assistia quase diariamente ao cinema sem se queixar de cansaço da vista. [...] Seu padecimento principal, desde a mocidade, foi a cólica hepática, de que se curou fazendo as estações de água de Carlsbad, em casa, por indicação médica. [...] Suas crises de enxaqueca [...] decorriam, antes, de contrariedades, mormente políticas, ou de ataques à sua honra pessoal, aos quais era muito sensível, ou de achar-se à míngua de recursos pecuniários para saldar compromissos imediatos. [...] Nessas crises se recolhia ao leito, quando já não suportava mais, de pé, as fortes dores de cabeça. Vomitava bÍlis, e queria o quarto às escuras e silêncio completo.⁶

Durante sua lua de mel em Friburgo, contraiu tifo e por dois meses sua vida esteve em perigo.⁷

Em agosto de 1891, quando ainda morava no Flamengo, foi acometido de uma broncopneumonia e, no impedimento do prof. dr. João Paulo de Carvalho, seu médico, foram indicados dois nomes para assumir o tratamento: Francisco de Castro e Cipriano de Freitas. Rui implicava com o primeiro porque ele rompera com seu amigo Anísio Circundes de Carvalho. A conselho de Tobias Monteiro, Maria Augusta escolheu Francisco de Castro,⁸ que, daí então, tornou-se um grande amigo.

³ Cf. PAULO FILHO, A. Rui Barbosa hipermetrope, p. 200 e 210.

⁴ Ibid., p. 187-188.

⁵ Ibid., p. 212-213.

⁶ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 273.

⁷ Cf. VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 75.

⁸ Cf. CASTRO, Aloísio de. *Recordações de Rui Barbosa*, p. 81-82.

Rui era muito propenso a ter gripes fortes.⁹ Numa ocasião em São Paulo, foi assistido pelos drs. Baeta Neves e Matias Valadão. Sabe-se que por volta de julho de 1909, fez tratamento de banhos de estufa com o dr. Álvaro Alvim.

Em 16 de dezembro de 1910, com a saúde abalada pelo desgaste político, Rui vai repousar na fazenda Rio das Pedras, em Campinas. Daí segue para Poços de Caldas e hospeda-se no Hotel do Globo. Aí, consultou os médicos drs. Pedro Sanches, Faria Lobato e Mário Mourão, juntamente com seu médico, dr. Luís Barbosa. Seu cunhado Carlos Viana Bandeira o levou ao dr. Modesto Guimarães, que o examinou e aplicou-lhe hipnose.

De hidrocele Rui foi operado pelo famoso cirurgião dr. Eduardo Chapot Prévost,¹⁰ não se sabe quando.

Em 15 de setembro de 1915, ao se preparar para a missa de Pinheiro Machado, Rui foi procurado pelo amigo João de Assis Lopes Martins, que lhe reclamava um parecer. Faltava conferir uma citação e, ao subir na cadeira-escada para apanhar um livro na estante, desastradamente caiu e quebrou a tíbia da perna esquerda. Foi operado pelo prof. conde Augusto Brandt Pais Leme, que o reteve ao leito durante setenta dias.¹¹ Costumava dizer que esta havia sido a última rasteira que Pinheiro Machado lhe dera.

Em agosto de 1922, no Rio, Rui adoeceu gravemente com edema pulmonar, agravado por sintomas de uremia. Seus médicos proibiram-no de qualquer leitura e esforço físico e, apesar de reagir milagrosamente, seu organismo ficou bastante debilitado. Mesmo assim, em 10 de janeiro de 1923, após ter adiado a viagem por três vezes, foi veranejar em Petrópolis. Retomou aos poucos seus hábitos de leitura e de passeios pelo jardim. A 27 de fevereiro desse ano, contrariado com os rumos da política baiana, discursou durante horas, numa reunião em sua casa. Ao concluir, sentiu um aperto doloroso na garganta. Chamou-se imediatamente seu médico em Petrópolis, dr. Edgar Correia de Lemos, que o examinou e achou seu estado gravíssimo. No dia seguinte, o dr. Edgar, o dr. Luís Barbosa, médico da família no Rio, e o dr. Modesto Guimarães confirmaram o diagnóstico: paralisia bulbar. No dia 1º de março, como Rui não apresentou melhoras, foi chamado do Rio o otorrinolaringologista prof. João Marinho, que nada pode fazer. Às 20h25min desse dia morreu Rui Barbosa.

⁹ Depoimento de Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra (Baby), para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 10 de abril de 1975.

¹⁰ Cf. BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 274.

¹¹ Depoimento de Américo Jacobina Lacombe para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 21 de abril de 1976. Cf. COSTA, Antônio Joaquim da. *Rui Barbosa na intimidade*, p. 30-31 e ANJOS, Ciro dos. O Gabinete Branco. In: SENNA, Homero (Org.). *Rui: sua casa e seus livros*, p. 149. Carlos Viana Bandeira (*Lado a lado de Rui*, p. 125) contesta essa versão.

Além dos médicos citados, Rui consultou o dr. Benício de Abreu, o dr. Miguel Couto, em casos especiais, e os oftalmologistas drs. José Cardoso de Moura Brasil, Hilário de Gouveia, Joaquim Pereira da Cunha, José Antônio de Abreu Fialho e Fernando Augusto Ribeiro Magalhães.

Rui não tinha bons dentes, apesar de não se descuidar de escová-los e tratá-los assiduamente. Sabe-se que um de seus dentistas foi o dr. William Booth Hentz, casado com a professora Eleonora Leslie Hentz, do Colégio Progresso – frequentado por Dedélia e Chiquita, suas filhas. Há notícias de outro dentista seu, o dr. Charles Keyes.

Em 1884, Rui "usava o vinho Quinado de Silva Araújo, e pílulas de carne crua envolvidas em canela, manipuladas em casa por sua sogra dona Maria Luísa [...]. Costumava tomar 'Coca e Cola' (fórmula do dr. Francisco de Castro) e 'Cola Teno'".¹²

Tinha sempre "ao alcance da mão o Fosfato Ácido de Horsford".¹³

Numa entrevista ao *Pasquim*, Alceu Amoroso Lima afirmou que Rui, um dia em sua casa em Petrópolis, numa conversa sobre medicina homeopática, revelou um conhecimento enciclopédico ao fazer uma preleção sobre a "natureza da homeopatia, os remédios homeopatas e suas aplicações".¹⁴ Possuía muitos livros sobre homeopatia, tinha uma caixa, a que chamava farmácia, bem abastecida de medicamentos.

Ao tomar remédios homeopáticos, seguia o exemplo do pai. Fazia uso de *Ignatia* ou *Coffea*, nas insônias, e *Nux-vomica* ou *Camomilla*, nas indisposições ligeiras.¹⁵

Desde cedo Rui familiarizou-se com a biblioteca de seu pai e se interessou por assuntos de medicina, atento às palestras dos médicos amigos que frequentavam sua casa.

Conta-se, que, ainda acadêmico de direito, de férias no interior da Bahia, indicou o uso do tártaro para um doente de garganta. Como seu pai o recriminasse, ele, confiante, provou conhecer o emprego e manipulação do tártaro no tratamento de certas moléstias.¹⁶ Por esse fato Rui foi chamado de "doutorzinho".

Aloísio de Castro diz:

O dr. Rui Santos veio a descobrir velhas receitas do seu punho, receitas todas inocentes. Uma possuo deste gênero. Foi quando, indo eu de visita ao desembargador Palma, que se achava doente, ali encontrei Rui Barbosa junto ao leito do seu velho amigo. Sorrindo, o desembargador [...] quis o meu parecer sobre a prescrição do

¹² BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 274.

¹³ PEREIRA, Edgar Batista. *A casa de São Clemente*, p. 42.

¹⁴ LIMA, Alceu Amoroso. O jovem dr. Alceu.

¹⁵ Cf. carta de João José Barbosa de Oliveira a Rui, da Bahia, em 14 de julho de 1869. In: CORRESPONDÊNCIA, primeiros tempos..., p. 87.

¹⁶ Cf. RUI e a medicina.

antipirético que lhe acabava de aconselhar o grande brasileiro. Aprovei a receita e guardei o autógrafo.¹⁷

No Arquivo da FCRB, há uma carta datada de 2 de janeiro de 1886, de Alice, mulher de seu amigo Rodolfo, solicitando que Rui indique a dose de sulfato de quinino para prevenir um mal-estar do marido.¹⁹

Antes de elaborar seu discurso em homenagem a Osvaldo Cruz, para comentar as pesquisas do cientista sobre beribéri, febre amarela, engenharia e higiene sanitária, Rui adquiriu livros sobre os assuntos, estudou-os e inteirou-se das novidades científicas.

¹⁷ CASTRO, Aloísio de. *Recordações de Rui Barbosa*, p. 86.

¹⁹ Cf. CORRESPONDÊNCIA de Rodolfo E. de Sousa Dantas, p. 140.

Voz

A voz devia ser volumosa e extensa em contraste com a estatura. Quando conversando, adquiria ondulações, era branda, meiga, "não enfada, prende".¹ Desde cedo, notando-lhe o pendor para a oratória, seu pai ensinou-lhe a empostar a voz, a adotar as atitudes de um tribuno. Rui subia numa velha mala e com voz forte, pronunciando distintamente as sílabas, recitava de cor trechos dos clássicos, de modo a ser ouvido pelo "auditório", que na realidade era a sua pequena família.²

Comentando o resultado de sua obra numa carta ao conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira, datada de 6 de agosto de 1874, João José assim descreve o sucesso do filho:

Ele, falando aqui em público pela quarta vez, foi aplaudido de um modo que me comoveu. [...] Severo na dicção, que sempre o fiz cultivar, muito dialético, já com algum cabedal, boa voz e imaginação bastante, com mais anos e o amor ao estudo que sempre o caracterizou, ele será de algum nome, se Deus quiser e a saúde, que hoje tem, lhe não faltar.³

Quando Rui pronunciava um discurso ou uma conferência, variava de timbre e de tons: principiava suavemente, "pouco a pouco o timbre vocal se tornava mais sonoro e mais firme",⁴ ganhava mais vibração, crescia, arrebatava, dominava o ambiente. "Ninguém dirá que daquele corpo débil e frágil sai aquela voz".⁵ "Prodigiosa máquina de falar admiravelmente",⁶ era capaz de falar duas, três até quatro horas ininterruptas sem que sua voz perdesse o vigor "sem fraquejar ou titubear, sem tossir ou pigarrear, sem uma pausa para ao de leve molhar os lábios".⁷

Evidentemente impunha-se também pela força das palavras empregadas, pela riqueza do vocabulário, pela propriedade da linguagem e pela beleza das imagens. Os gestos eram regulares, comedidos, sóbrios. A fisionomia tornava-se impassível, contida.

Os que o ouviram falar assim se expressaram:

¹ MENESES, Nazaré. *Rui Barbosa*, p. 76.

² Cf. VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 9.

³ BARBOSA, Rui. *Mocidade e exílio*, p. 72-73.

⁴ BITTENCOURT, Raul. *Rui Barbosa*.

⁵ MENESES, Nazaré. *Rui Barbosa*, p. 136.

⁶ CELSO, Afonso *apud* MENESES, Nazaré. *Rui Barbosa*, p. 128.

⁷ CORDEIRO, J.P. Leite. *Frases esparsas*, p. 247.

Com grande surpresa minha, daquela pequenez física uma voz estridente e metálica rompeu, nitidamente audível no teatro inteiro, com um tanto, de falsete ou de polichinelo, mas vincada de entonações batidas, clara em sílabas marteladas e sibilantes [...]. Rui falara e de um golpe a beleza clássica da frase arrebatara a multidão.⁸

A palavra fácil, o timbre claro, a dicção oportuna, a imaginação sempre pronta a formar a imagem segundo as suas necessidades de expressão.⁹

A atitude, em regra, serena, calma, imperturbável, movimentava-se por vezes, mas contida sempre na moldura de uma gesticulação sóbria e elegante.¹⁰

Mantém o braço esquerdo quieto, com a mão colocada atrás das costas, de onde raras vezes é retirada para esboçar um gesto mais enérgico, e o direito então gesticula, move-se, agita-se, seguindo irrequeto o tumultuar da eloquência prodigiosa.¹¹

⁸ RODRIGUES, José Júlio. *Silhuetas e visões*, p. 283.

⁹ ECHENIQUE, Renato. *Biografia de Rui Barbosa*, p. 7.

¹⁰ CORDEIRO, J.P. Leite. *Frases esparsas*, p. 247.

¹¹ MENESES, Nazaré. *Rui Barbosa*, p. 137.

Hábitos alimentares

O café da manhã na Vila Maria Augusta era servido, às vezes, no quarto. Rui preferia chá preto com leite e torradas quentes de pão de Provença com manteiga. As outras refeições eram demoradas e servidas à francesa, e sempre havia dez a doze convidados. O almoço era servido na sala de almoço (Sala Questão Religiosa), e o jantar, na sala de jantar (Sala Bahia). Maria Augusta sentava-se à cabeceira, e Rui colocava-se a sua direita. Os filhos não eram admitidos à mesa, a não ser quando se tornavam maiores, lembra Lucila, sua neta.¹

Rui alimentava-se bem, mas moderadamente, provando de todos os pratos. Tinha fino paladar e era exigente quanto à qualidade da comida. "Chegava ao ponto de conhecer, na mesa, que a cebola não era partida daquele dia. [...] Quando ia almoçar em qualquer lugar, achava tudo uma delícia", lembra-se Baby, "ao que mamãe dizia: Ah, pois é, Rui, você em casa exige tudo, aqui qualquer coisa acha maravilhosa".²

Apreciava caldo de feijão, canja, frango ensopado com batatas, frango ao molho pardo (moela e fígado – os pedaços preferidos), legumes, arroz feito na manteiga, miolo de boi, carne de carneiro e, como bom baiano, todos os pratos típicos – especialmente moqueca de peixe e molho de pimenta. Seu prato preferido era arroz de hauçá (arroz com carne seca e molho de pimenta). A comida era feita num fogão a lenha, grande, em panelas "de cobre muito brilhante",³ que conservavam mais calor.

Não passava sem ter a seu lado um grande pedaço de queijo do qual ficava tirando fatiazinhas durante a refeição toda, afirma Baby.

Tinha uma predileção especial pelas frutas. Raramente tomava cerveja, e o vinho só era consumido quando havia convidados cerimoniais. Nessas ocasiões era servido licor ou conhaque Três Estrelas, após o clássico cafezinho. Durante anos, Rui fez uso do copo de leite às refeições, costume que abandonou depois de regressar do exílio.⁴

Quando ia falar no Senado ou no Supremo Tribunal, a sua refeição consistia numa xícara de chá preto com leite e torradas, porque achava que era melhor passar fome do que ser surpreendido por um mal-estar.

¹ Depoimento de Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira, para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 25 de junho de 1985.

² Depoimento de d. Baby (Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra), para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 10 de abril de 1975.

³ Depoimento de Stella Maria Rui Barbosa Batista Pereira, para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, neta de Rui, em 25 de junho de 1985.

⁴ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 275.

Sobriedade

O vício arrecada sobre a atividade do ocioso quatro espécies de impostos: a perda do tempo, a perda do estímulo, a perda da saúde e a perda do dinheiro. [...]

Deus agraciou-me com a fortuna, preciosa entre todas, de não ter vícios. Por isso todos os frutos do meu trabalho pertencem à minha família e aos meus deveres.

[BARBOSA, Rui. Resposta a Cesar Zama. In: _____. *Discursos parlamentares*, p. 67-68. (OCRB. v. 23, 1896, t. 5).]

"Rui não tinha vícios. Fumou uma única vez, em menino. Tomou tamanha tonteira que não quis repetir a travessura. Nas refeições, bebia de quando em vez cerveja ou vinho. Licor, depois do jantar. Mas aos poucos foi abolindo as bebidas."¹

"Alheio sempre às pândegas das ruas e cafés",² foi um homem de vida regradíssima, sóbrio e austero, que tinha horror ao jogo e não se entregava a excessos, a não ser aos do trabalho e do estudo.

¹ BARBOSA, Francisco de Assis. *Rui Barbosa visto por sua esposa...*, p. 49.

² BITTENCOURT, Liberato. *Rui Barbosa*, p. 27.

"Rui Barbosa era um homem de estudo; nada em seus hábitos podia substituir as horas dedicadas à leitura, distribuídas entre a literatura e a ciência, sem excluir o domínio mais alto da filosofia."¹ Mesmo nas horas de descanso, lia. À noite, para atenuar a tensão do seu espírito, voltado para as coisas sérias, e repousar sua mente fatigada, buscava a leitura amena das obras de ficção. Tinha predileção pelos romances policiais e os de aventuras, as novelas de capa e espada e todos os tipos de revistas, até mesmo as infantis. Lia no original e deleitava-se com as aventuras de Sherlock Holmes e as de Arsène Lupin. Alfredo Pujol, conhecendo-lhe o gosto por este gênero de leitura, presenteou-o com a coleção espanhola de livros do criador do Nick Carter.²

Considerava Alexandre Dumas um grande romancista e mandou encadernar a sua obra.³ Possuía muitos livros de Walter Scott, o *Ben-Hur* de Lewis Wallace, traduções em francês e espanhol dos contos de Edgard Allan Poe e Nathaniel Hawthorne. Possuía cinco edições do *Dom Quixote*, três delas assinaladas com minúcias. Certa vez foi surpreendido rindo das aventuras de Sancho Pança. Atraía os netos para a leitura comentando com eles "a leveza, a graça, o humorístico das peripécias novelescas."⁴ Todas as semanas comprava o *Tico-Tico* para eles, mas era o primeiro a ler a revista. Numa das ocasiões, o desembargador Palma, seu amigo, encontrou-o mergulhado na leitura e gracejou: "Você virou criança?" Rui, sério, respondeu: "O espírito tem necessidade de distrações amenas, e nada melhor para conservá-lo jovem do que as leituras infantis".⁵ No *Tico-Tico* Rui se inteirava das novidades, é o que afirmou Constâncio Alves.⁶ Seguiu os episódios em série publicados no semanário *Seleto*, que aguardava com ansiedade.

¹ DUARTE, Samuel. Rui Barbosa e os direitos humanos, p. 286.

² Nick Carter é um detetive profissional, criado ainda no fim do século XIX nos Estados Unidos. Suas histórias circularam, primeiramente, em romances vendidos a dez centavos de dólar. Em 1915, as histórias passaram a ser publicadas semanalmente, em revistas traduzidas em várias línguas.

³ Cf. BROCA, Brito. Rui e a literatura, p. 8.

⁴ RUI Barbosa e a metodização de sua vida intelectual.

⁵ PALMA, José Joaquim da. A oração da amizade.

⁶ Cf. RUI Barbosa e o *Tico-Tico*.

Distração preferida

O cinema é o teatro condensado e rápido. É o drama ou a comédia tendo por fundo a realidade, a natureza e o universo, na variedade infinita de todas as suas cenas. No cinema viajo longes terras; vejo mundos por onde nunca me seria dado transitar; vou aos desertos da África, aos gelos polares, aos penetrais mais ínvios das nossas florestas, estou com os homens de todas as nacionalidades, de todas as raças; contemplo a atitude, a ação de todos os costumes e assisto a cenas cuja grandeza me enche a alma de impressão consoladora. No cinema vejo, aprendo, adquiero em instantes uma experiência que em anos não poderia adquirir.

[BARBOSA, Rui *apud* PEREIRA, Edgar Batista. *A casa de São Clemente*, p. 40.]

Rui apreciava muito o teatro, porém gostava mais do cinema. "Preferia as fitas naturais."¹ Diariamente ia ao cinema, à tarde. Frequentava o Central, o Cine-Palais, o Parisiense. Nestes cinemas não lhe cobravam entrada. Certa vez, no Odeon, que ficava na avenida Rio Branco, esquina da rua da Assembleia, alegou que estava com dois amigos e o gerente argumentou: "Vindo com V. Ex^a é a mesma coisa".² No cinema Ideal, na rua da Carioca, 62, chegou a ter uma cadeira especial, que lhe foi oferecida como homenagem da gerência.

Acompanhava com enorme interesse a projeção e à noite comentava as fitas. Certa vez referiu-se a uma das cenas de *Chispa de fogo* que "o impressionara vivamente pela brutalidade e realismo".³ "Gostava de filmes de *far-west*."⁴ "Vibrava com as aventuras de Tom Mix⁵ e torcia mais do que a criança. Gostava também de filmes cômicos, como os de Charles Chaplin."⁶ "Nos últimos anos [...] deixou de ir diariamente ao cinema. Dizia que não queria se escravizar a hábito nenhum."⁷

¹ PEREIRA, Edgar Batista. *A casa de São Clemente*, p. 40.

² BARBOSA, Mário de Lima. O feitiço de Rui Barbosa, p. 174.

³ PEREIRA, Edgar Batista. *A casa de São Clemente*, p. 40.

⁴ VILLAÇA, Antônio Carlos. O lado humano.

⁵ Tom Mix é o primeiro caubói do cinema norte-americano. Na verdade, é o nome artístico do ator Thomas Hezikiah Mix, que deu início, ainda no tempo do cinema mudo, ao gênero faroeste. De tal modo se identificou com sua personagem, que criou para si mesmo uma biografia cheia de aventuras, confundindo os fãs, que não conseguiam separar ficção de realidade.

⁶ Depoimento de Rui Barbosa Neto, para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 23 de agosto de 1976.

⁷ BARBOSA, Francisco de Assis. Rui Barbosa visto por sua esposa..., p. 49.

Paixão pelas plantas

Manda-me plantar em São Clemente, especialmente junto à parede da casa, na parte onde se acha a sala de jantar, jasmineiros e roseiras trepadeiras (sobretudo *Marechal Niel* e *Captain Christy* trepadeira), de modo que subam para o terraço. Devem-se comprar para isso os maiores pés que se encontrarem. É recomendação de Cota.

[Carta de Rui a Carlos Viana Bandeira, de Londres, 20 de abril de 1895. In: BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 195.]

Recomenda ao Luís que não esfriem nos trabalhos do jardim, e puxem por eles a bom puxar, de sorte que os vamos encontrar adiantados. Mas não me façam excessos na poda.

[Carta de Rui à filha Maria Adélia, de Friburgo, 9 de abril de 1906. Original no Arquivo Histórico Institucional da FCRB.]

Em todas as casas em que Rui Barbosa morou havia um jardim que era sua constante preocupação e também o seu deleite.

Aos sábados, era certa a ida de Rui ao Fonseca, dono de uma floricultura na rua do Riachuelo – em frente ao plano inclinado de Paula Matos para Santa Teresa –, onde adquiria novas espécies de roseiras e outras mudas de plantas. Ainda nesses dias e aos domingos, Rui e Carlos Viana Bandeira cultivavam o jardim. É seu cunhado que conta:

Ele, com o podão, limpando roseiras e palmeiras, cortando hastes secas aqui e ali, ajeitando galhos, melhorando canteiros, e eu a revolver a terra, a adubar os pés das plantas, a regá-las continuamente. E mais: anotava num caderno os nomes das culturas, para catalogá-las e posteriormente tentar enxertos. E colocava no pé de cada planta uma tabuinha, que pintava de branco e onde, a tinta ainda fresca, inscrevia a lápis o título da variedade num processo que resiste muito ao tempo. Tudo feito de acordo com os ensinamentos do Fonseca, homem inteligente e bom, com quem Rui conversava sobre jardim, porque o apreciava.¹

"Não raro ouvia dele palavras com que lastimava ter de colher rosas para os jarros das salas, o que tanto atraía abelhas e colibris."² Sabe-se que não descurava das plantas, nem mesmo quando se tornou ministro da Fazenda. Sua casa à praia do Flamengo possuía um belo jardim. Todos os dias, às primeiras horas da manhã, cultivava as rosas com o gosto e a perícia de um colecionador. "Não compreendia a vida sem flores."³ Tinha predileção pelas rosas e a

¹ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 13.

² *Ibid.*, p. 14.

³ FRÓES, José Kopke. *Petrópolis e Rui Barbosa*, p. 133.

compra de roseiras era para ele uma despesa normal. No seu diário registrava a quantia gasta com "os exemplares raros com que enriquecia a coleção".⁴ Quando comprou a Vila Maria Augusta, o terreno continha o grande parreiral sobre vergalhões e barras de ferro, além de jardim, pomar e horta; no entanto, a parte dos fundos que dá para a rua Assunção estava vazia.⁵

Quando Rui estava no exílio, Carlito lhe propôs explorar a chácara através da criação de vacas para a venda de leite, aproveitando a saída dos fundos.⁶ Rui concordou, mas ponderou a necessidade de entregar a tarefa a pessoa habilitada, e Carlito, receoso do empreendimento, desistiu da ideia.

Morando na Vila Maria Augusta, Rui cuidou de plantar a chácara toda, enchendo-a de árvores, com a ajuda de dois jardineiros, o Luís e o Antônio. O pé de lichia, árvore da China, rara no Brasil, foi plantado por Rui. Ele não chegou a provar-lhe os frutos porque morreu antes da primeira frutificação. Instalou uma estufa toda de vidro, onde cultivou grande variedade de plantas; palmeirinhas, hortênsias, samambaias e avencas. Destas últimas, Maria Augusta chegou a ter grande variedade.⁷

"O jardim da Vila Maria Augusta era grande; era um jardim com grama inglesa [...] cuja maior riqueza eram as roseiras."⁸ Rui chegou a colecionar quatrocentas variedades de rosas, às quais dispensava cuidados especiais. Diariamente, munia-se de uma tesoura e dispunha-se a cortar os galhos secos, que não lhe escapavam aos olhos.

As árvores também recebiam a sua visita. Orientava os jardineiros, alertava-os para as pragas e parasitas, recomendava escovar os troncos das árvores, exigia mais comedimento nas podas.

Conta-se que na época em que as árvores do Rio de Janeiro sofriam com as podas excessivas, Rui compadecia-se chamando-as "pobrezinhas".

Rui

era um contemplativo da natureza. Fartava-se com os encantos do mar e das praias, e deliciava-se com os belos aspectos terrenos e os longes dos horizontes. Mas, apenas, visualmente, cerebralmente. Assim, também, com os animais, filhos da natureza. Seria capaz de observar um vigoroso cão pacífico, ou um bem tratado gato de raça; mas repelia aproximações. [...]

⁴ VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 117.

⁵ Cf. RUI Barbosa e a agricultura.

⁶ BANDEIRA, Carlos Viana, *Lado a lado de Rui*, p. 196.

⁷ Depoimento de d. Baby (Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra), para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 10 de abril de 1975.

⁸ Depoimento de Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira, para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 25 de junho de 1985.

Não espalmaria a mão, em gesto carinhoso, sobre a anca de bonita montaria, ou de vistoso animal de tiro. Galináceos e palmípedes, queria-os à distância. Aves engaioladas, bem longe dele. Gostava de mirar uma bela parelha luzidia e roliça, como as que tivera na cocheira. Trazia preso o cão de guarda de São Clemente. Mas, deleitava-se com o chilrear dos tico-ticos e o gorjeio dos sabiás, que sempre lhe enchiam o parque. [...] Tinha estima à vaquinha, que lhe deram de presente, quando ele veraneava no Alto da Tijuca.⁹

Lucila Batista Pereira recorda que a Vila Maria Augusta tinha muitos animais no fundo do quintal: junto ao galinheiro, os gansos faziam um grande alarido; ao lado ficavam dois cachorros enormes e ferozes, dois mastins; o papagaio, que falava aportuguesado por causa dos empregados portugueses; o cãozinho *collier* – o Joy – da Baby. Lembra que o jardim era

completamente diferente; a rua que foi passada aqui ao lado [Barão de Lucena] desfigurou muito os jardins [...] árvores foram derrubadas como o "olho-de-boi". Havia um lindo fícus que se deitava sobre o lago – aquele do lado esquerdo [...] um pé de bráunea; acácia imperial, que florescia em novembro/dezembro, e o *flamboyant*, atrás do chuveiro, que uma tempestade derrubou.¹⁰

Stella Batista Pereira conta que as roseiras eram limitadas por uma gradezinha, para preservá-las das incursões das crianças.

O entusiasmo, interesse e mesmo envolvimento de Rui com a natureza estão evidenciados na sua obra. Descrevendo o espetáculo das andorinhas de Campinas, o estouro da boiada, o caranguejo, comparando a paixão da verdade às cachoeiras da serra, expressando-se sobre a boa e a má árvore, a couve e o carvalho, em vários momentos, Rui se revela um entendido em assuntos que hoje chamaríamos ecológicos. Nas suas visitas à fazenda Rio das Pedras, em Campinas, da família do primo Albino, Rui entretinha-se percorrendo sozinho o pomar, os terreiros de café, as tulhas, a casa das máquinas de benefício de café, a moenda de cana e o alambique.¹¹ Rui sentia igual atração pelas orquídeas e, durante sua estada em Santos, aprendeu com seu amigo Júlio Conceição o pouco que se sabia sobre o assunto, mas teve medo de cultivá-las.¹²

⁹ BANDEIRA, Carlos Viana, *Lado a lado de Rui*, p. 143-144.

¹⁰ Depoimento de Lucila Batista Pereira, para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 25 de junho de 1985.

¹¹ Cf. NOGUEIRA, Ataliba. *Rui Barbosa e Campinas*, p. 295.

¹² PEREIRA, Batista. *Rui Barbosa em Santos*, p. 31.

Capacidade de trabalho

Dez, doze horas de aplicação mental são o meu ordinário cotidiano. E quantas vezes não excedido! Mas, se as obrigações parlamentares, ou os comícios do povo chamam por mim, não é com três ou quatro horas de elocução continuada, três ou quatro horas de estação na tribuna, que me esvaio. Na câmara a que pertenço, tenho, por vezes, reiterado essa cansaça dias sucessivos, três e quatro, sem que a saúde se me ressinta.

[BARBOSA, Rui. Minas vitoriosa. In: _____. *Campanha presidencial*, p. 150.]

Rui tinha uma capacidade incrível para o trabalho. Disciplinado, dotado de grande resistência física e de fibra de lutador, era um "trabalhador das madrugadas".¹

Acreditava que "o amanhecer do trabalho há de antecipar-se ao amanhecer do dia. [...] Sobre a noite o cérebro pende ao sono. Antemanhã, tende a despertar".² E declara que "o mais dos frutos do seu trabalho" devia às madrugadas.

Quando os habitantes da Vila Maria Augusta despertavam, Rui já ganhara três ou quatro horas de vantagem, lendo, estudando ou executando as tarefas planejadas na véspera.

Rui considerava o trabalho o grande removedor de obstáculos. "Tudo o que nasce do trabalho é bom. Tudo o que se amontoa pelo trabalho é justo. Tudo o que assenta no trabalho é útil".³

A missão do trabalho seria a reação "sobre as desigualdades nativas, pela educação, atividade e perseverança".⁴ Nos seus quatorze meses à frente do Ministério da Fazenda durante o Governo Provisório, Rui trabalhou de tal maneira que seu colega Quintino Bocaiuva, ministro das Relações Exteriores, chegou a dizer que padecia de "nevrose de trabalho".

Biógrafos seus, como Nazaré Meneses, chegam à conclusão de que, no momento em que um trabalho sério lhe preocupava o espírito, Rui ocupava todo o tempo na realização de seus objetivos. E aponta como exemplo dessa concentração de esforços o parecer sobre a redação do projeto do Código Civil, escrito em menos de trinta dias, a réplica às críticas a esse parecer, pronta em pouco mais de vinte dias, e a plataforma eleitoral feita em uma semana.⁵

¹ LACOMBE, Américo Jacobina. *O pensamento vivo de Rui Barbosa*, p. 25.

² BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*, p. 24.

³ BARBOSA, Rui. *A questão social e política no Brasil*, p. 11.

⁴ BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*, p. 21.

Rodrigo Otávio, no livro *Minhas memórias dos outros*, recordando a convivência com Rui, durante a Segunda Conferência Internacional da Paz em Haia, e comentando a capacidade de trabalho do primeiro delegado do Brasil, atesta que "todo esse trabalho o formidável trabalhador fez só, inteiramente só".⁶ E continua: "Rui Barbosa era uma criatura que, no domínio espiritual, bastava-se a si mesmo. A formidável obra que deixou [...] é exclusivamente trabalho seu".⁷

Nem doente Rui deixava de trabalhar. Numa de suas habituais crises de enxaqueca, ditou para a filha Maria Adélia, em francês, o discurso de saudação a Anatole France, que pronunciou em nome da Academia Brasileira de Letras.

Livros

"Perdoa, minha filha. Já é uma verdadeira mania" – dizia Rui à esposa, ao entrar na Vila Maria Augusta acompanhado do empregado que sobraçava o embrulho dos livros. E ela carinhosa e sorridente respondia-lhe: "Mas, Rui, não há de que perdoar. É a tua ferramenta de trabalho".
[PEREIRA, Edgar Batista. *A casa de São Clemente*, p. 29.]

Ao se transferir do Recife para a Faculdade de Direito de São Paulo, em 1868, no terceiro ano acadêmico, Rui levava uma bagagem de livros que impressionou os colegas. Ele mesmo, aliás, na resposta às acusações de César Zama, aponta o início da formação de sua biblioteca, salientando ser ela o resultado de "lenta estratificação de 25 anos de amor das letras".¹ Com a morte do pai em 1875, "o que se apurou do seu inventário foram duas estantes de ferro com 210 volumes de livros diversos".² Mas foi depois de adquirir, em 1893, a Vila Maria Augusta, que os livros se avolumaram, a ponto de "se lhe constituir a casa verdadeira cidade dos livros", no dizer de Homero Pires.³

Quando estudante vivia com o rosto encostado aos livros. Contava Domingos Guimarães, um dos seus companheiros de quarto na república de estudantes, que a vela que Rui usava para ler não os deixava dormir. Alguns anos depois dessa época, perguntou a Rui se ainda estudava com a mesma intensidade, e este respondeu-lhe com tristeza: "Domingos, não poderei nunca me utilizar de tudo o que tenho estudado".⁴ Maria Augusta contava que costumava gracejar com o marido a respeito do seu apego aos livros: "Ah! Rui, se não fosse eu, tu não serias nada! Ficarias a vida inteira em casa, entre os teus livros, continuamente a ler e estudar".⁵

Rui não costumava frequentar as bibliotecas públicas, nem recorria a terceiros, e por isso criou o seu próprio ambiente de trabalho. Quase todos os dias após o almoço, visitava as principais livrarias do Rio: Briguiet, Garnier, Quaresma, Francisco Alves. Na Briguiet, sua

¹ BARBOSA, Rui. Discurso no Senado em 13.10.1896. In: _____. *Discursos parlamentares*, p. 49 (OCR, vol. 23, 1896, t. 5).

² PIRES, Homero. Rui Barbosa e os livros. In: SENNA, Homero (Org.). *Rui: sua casa e seus livros*, p. 32.

³ *Ibid.*, p. 35.

⁴ *Ibid.*, p. 63

⁵ *Ibid.*, p. 70.

preferida, detinha-se sempre cerca de uma hora vendo as novidades, escolhendo, encomendando obras que às vezes eram até desconhecidas do livreiro.

Ao ser convidado a pronunciar um discurso ou uma conferência sobre assunto que não era do seu domínio, como por exemplo na ocasião da homenagem a Osvaldo Cruz, cuidou de encomendar livros sobre higiene e saúde pública para se aprofundar no tema. Interessava-se pelos livros de referência, pelos tratados de direito, história, filosofia, linguística, filologia; pouco importavam as línguas em que eram escritos. Até o fim da vida, não cessou de comprar livros. Quando não podia mais frequentar as livrarias, elas passaram a remeter-lhe pacotes com as novidades para que ele escolhesse os que interessavam. Jamais achou um livro caro; era pontual nos pagamentos.

Na Vila Maria Augusta, os espaços foram sendo ocupados pelas estantes lotadas com duas até três ordens de livros e mais aqueles empilhados sobre os que ficavam de pé. As estantes com portas eram as preferidas por Rui. As que rodeiam o salão principal da biblioteca (Sala Constituição) datam de 1898, foram encomendadas a um marceneiro da rua dos Inválidos e pagas parceladamente ao preço de quinhentos mil réis por mês.⁷ A principal dessas estantes, que tem no alto as iniciais RB, durante certa época foi objeto de comentários maldosos: dizia-se que elas faziam parte do patrimônio nacional, do qual Rui se teria apropriado quando ministro e que as letras significavam República Brasileira. Calúnia. Na época em que era ministro da Fazenda, Rui morava numa casa na praia do Flamengo, na qual as estantes nem caberiam. Somente em 1893 comprou a Vila Maria Augusta, e as estantes foram adquiridas em 1898. Ademais, a expressão República Brasileira não era usada nessa época.⁸

Não costumava seguir as normas de biblioteconomia quando arrumava os livros; dir-se-ia que atendia "às preferências do coração".⁹ Américo Jacobina Lacombe diz que "como Dom Pedro II, Rui amava os livros com os cinco sentidos: conhecia-lhes o tom, a cor da capa, a macieza do papel, o cheiro e a consistência".¹⁰ Ele próprio os arrumava, e nessa tarefa quem o acompanhasse só fazia auxiliá-lo.

Embora tivesse muitos livros em brochura, dava preferência aos encadernados. Costumava lê-los antes de mandar encaderná-los em Paris, através da livraria Briguiet. No início essas encadernações compensavam, não somente pelo preço, mas sobretudo pela

⁷ PENALVA, Gastão. A casa de Rui Barbosa.

⁸ Cf. LACOMBE, Américo Jacobina. *À sombra de Rui Barbosa*, p. 161-162.

⁹ PIRES, Homero. Rui Barbosa e os livros. IN: SENNA, Homero (Org.). *Rui: sua casa e seus livros*, p. 153.

¹⁰ LACOMBE, Américo Jacobina. *À sombra de Rui Barbosa*, p. 142.

qualidade. Ao remeter os livros tomava os cuidados devidos; tinha noção da arte de encadernar: exigia que fossem conservadas as margens e a folha de rosto e que a encadernação fosse "com lombada de vitela amarela com os títulos sobressaindo num pequeno pedaço de couro encarnado".¹¹

Com a guerra de 1914-1918, as encadernações na Europa tornaram-se inviáveis e passaram a ser feitas em sua própria casa. Exigia que o canto de cima da guarda posterior viesse sempre por colar para que pudesse comprovar a boa qualidade do papelão empregado.

Na época do exílio na Inglaterra recomendava a Carlos Viana Bandeira: "Peço-te que tomes sob teu especial cuidado a casa de São Clemente, e não a deixes deteriorar-se, que veles pelos meus livros, prodigalizando-lhes a naftalina, para os preservar". E adiante esclarecia: "Estes [os livros] estão já seguros, e parece-me que devem continuar na mesma companhia."¹²

Tinha cuidados especiais com os livros.

Não os lia sem antes haver lavado as mãos. Não os abria de todo para não trincar a cola da lombada e não afofar as páginas inchando o volume. Não os guardava sem tirar-lhes o pó com uma pelúcia. Não os encaixotava sem envolvê-los, um a um, em papel, e sem encher de jornais velhos um espaço do caixote, que os garantisse do bico dos pregos da tampa,¹³

afirma seu genro Antônio Batista Pereira. "Ele virava as páginas dos livros com um cuidado, como se aquilo fosse uma relíquia", acrescenta Baby.¹⁴

Quando contratou o sr. Antônio Joaquim da Costa para mordomo na Vila Maria Augusta, descreveu-lhe as exigências que fazia, exigências essas todas circunscritas aos livros. Perguntou-lhe se gostava deles, recomendou-lhe que os tratasse como às crianças, que os livros mereciam cuidados especiais, não os deixasse cair e não os abrisse demasiadamente, que atentasse para a presença dos carunchos e dos fungos.

Ao adquirir um livro já usado, Rui não o guardava imediatamente nas estantes. Depositava-o sobre uma mesa durante oito a quinze dias, em observação. Não havendo sinais de contaminação, o livro era escovado, limpo com um pano e posto na estante. No caso de contágio, era posto numa lata de folha de flandres com naftalina; aí ficava mais de oito a quinze dias, quando era então levado à estante. Descoberto na biblioteca um livro atacado pelo caruncho, o volume era mergulhado numa solução de querosene branco, creosoto de

¹¹ RUI Barbosa e a livraria Briguier.

¹² BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 175.

¹³ PEREIRA, Batista. *Rui estudante*, p. 30-31.

¹⁴ Depoimento de Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra (Baby), para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 10 de abril de 1975.

mineral, essência de cravo e de alfazema, em seguida ia para a lata com naftalina, depois era posto sobre a mesa para secar e só então voltava à estante. Os livros próximos ao infectado eram colocados na lata com naftalina.

Rui herdou do pai o ciúme dos bibliófilos, apesar de recusar esse título. Quando estudante, partiu da Bahia para São Paulo levando da biblioteca paterna a obra clássica de Duvergier de Hauranne sobre parlamentarismo. João José deu pela falta do livro e escreveu ao filho, reprovando-lhe o procedimento. Também não gostava de emprestar seus livros. Não tinha livros "senão para o trabalho e para a leitura, nunca para completar coleções, ou pelo prazer estético de encher estantes".¹⁵ Costumava se valer de certas táticas para fugir dos empréstimos: percebendo o olhar do visitante fixado numa determinada obra, cuidava de mudá-la de lugar para, no momento oportuno, justificar a negativa.¹⁶ Mas, quando emprestava, costumava comprar logo outro exemplar – como na vez em que certo advogado lhe pediu por empréstimo o sexto volume do *Cours de droit civil* de Aubry e Rau. O livro foi devolvido e a biblioteca passou a contar com o tomo em duplicata.

Edgar Batista Pereira lembra que certa vez o deputado Leovigildo Filgueiras pediu-lhe emprestado *An introduction to the constitutional law of the United States*, de Pomeroy. Rui comprou outro exemplar e o enviou com dedicatória ao interessado. Filgueiras entendeu o significado do gesto e aprendeu a lição.

Batista Pereira sabia que Castro Alves extraviara um livro de Rui – no caso, um volume das obras de Antônio Feliciano de Castilho. Rui jamais se esqueceu disso, não pelo livro, mas pelo princípio.¹⁷ Capistrano de Abreu foi obrigado a comprar tela inglesa para reencapar um livro que havia pedido emprestado a Rui.¹⁸

¹⁵ LACOMBE, Américo Jacobina. *À sombra de Rui Barbosa*, p. 139.

¹⁶ *Ibid.*, p. 141.

¹⁷ PEREIRA, Edgar Batista. *A casa de São Clemente*, p. 31.

¹⁸ ABREU, Capistrano de. Um perfil de Rui Barbosa.

Carros

Quando morava na praia do Flamengo, Rui "raramente se servia dos bondes, pois dispunha do *landau* que lhe fora oferecido pelos amigos" Carlos Nunes de Aguiar, Antônio Barroso Fernandes e seu cunhado Carlito.¹ O *landau* pertencera a outro cunhado de Rui, Fernando Dobbert, que se desfez de tudo que possuía, após ganhar dinheiro na bolsa de valores e decidir mudar-se para Lisboa.

O *coupé*, "carro leve e gracioso", foi com todos os arreios da parelha, presente de Carlos Viana Bandeira à sua irmã Maria Augusta. A neta de Rui, Lucila Batista Pereira, lembra que esse carro era forrado de cetim cor de pérola, e ela e as outras crianças da família gostavam de brincar dentro dele.²

O carro vitória era um carro inglês, surgido por volta de 1846, e tomou esse nome em homenagem à rainha Vitória. Adquirido depois, era o preferido da família, "até ser vendido a terceiro. Rodou muito, a aluguel, em Petrópolis, onde o apontavam como tendo pertencido ao Conselheiro".³ Ficava na cidade serrana e, com a morte de Rui, foi vendido ao sr. Alfredo Fonseca, que o transformou em transporte de aluguel. Posteriormente, pertenceu à fábrica de pólvora da Raiz da Serra e, em 1943, por solicitação do Ministério da Educação e Saúde, passou para o acervo do Museu Casa de Rui Barbosa.

Havia também um Ford bigode, com vidros, disputado pelos netos, que, em Petrópolis, à noite, tiravam-no da garagem, sem ligar o motor, empurrando-o pela rua, até o posto de gasolina, onde enchiam o tanque, por conta de Rui. Quando Maria Augusta descobriu, proibiu esses passeios.⁴

Luciano, cocheiro de Rui durante catorze anos, conta que Rui preferia as carruagens aos outros carros, porque podia apreciar a parelha de animais, mas, ao quebrar a perna em 1915, teve de aderir aos carros. Restabelecido, voltou às carruagens. Já Maria Augusta preferia os carros. O cocheiro lembra que esperava Rui sempre na saída lateral da casa.

¹ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 63.

² Depoimento de Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira, para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 25 de junho de 1985.

³ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 63.

⁴ Depoimento de Rui Barbosa Neto, para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 23 de agosto de 1976.

Quando paravam na esquina da rua Rodrigo Silva com Sete de Setembro, no centro da cidade do Rio de Janeiro, uma multidão de curiosos se aproximava e Rui.⁵

O automóvel, placa 833, marca Daimler Benz, foi um dos primeiros a circular no Rio de Janeiro. Tinha oito cilindros em linha, montados em duas seções de quatro cilindros cada, 55 HP, motor nº 4.698, com capacidade para desenvolver uma velocidade de aproximadamente 80 km/h. Conta-se que o carro teria sido fabricado para o *Kaiser* Guilherme II, que o doara ao marechal Hermes da Fonseca, e que este o vendera a Joaquim Pereira Teixeira, por não poder retirá-lo da alfândega. Bianor de Lamare, filho de Joaquim de Lamare, antigo industrial, grande admirador de automóveis e primeiro proprietário do veículo, desmentiu esta versão. Fabricado em 1913, na Alemanha, de Lamare o adquiriu, através da firma Steinberg & Meyer, sucessores de Carlos Schollosser, únicos representantes da fábrica Benz no Brasil.⁶

Por problemas financeiros, de Lamare o vendeu a Joaquim Pereira Teixeira, Teixeirinha, deputado federal pela Bahia, que o ofereceu ao casal amigo Rui Barbosa em 1915. "Rui devolveu o carro duas ou três vezes até que ele o ofereceu a Maria Augusta."⁷ Foi um dos poucos automóveis de alto luxo do princípio do século a percorrer as ruas do Rio, sobretudo o bairro de Botafogo. Carroceria de madeira pintada de preto – "um monstro de rodas, uma catedral negra", como o chamou Carlos Drummond de Andrade⁸ – internamente tinha forro e estofos de tecido adamascado de cor creme, era decorado com floreiras de cristal, cinzeiro e papeleiras e pequena mesa desmontável, com guarnições de prata e marfim, teto fixo, vidro da frente reversível, lanternas e faróis em metal prateado; incrivelmente sofisticado para a época. A iluminação era feita pelo sistema de carbureto. A cabine da frente dá lugar para um motorista e seu ajudante e é inteiramente isolada da dos passageiros. Na parte posterior, há um painel, com diversos botões, que tem por finalidade indicar ao chofer o que fazer: voltar para casa, continuar, parar etc. O volante é colocado à direita e no banco traseiro há lugar para duas pessoas, havendo mais dois bancos sobressalentes, dobráveis.

O sistema de arranque, bem primitivo, é acionado com auxílio de manivela. O motorista devia ser bastante forte, para acionar o motor. Ele primeiro regulava o carro na

⁵ Cf. FRANÇA, Sebastião de. Eu fui cocheiro de Rui.

⁶ Depoimento do dr. Bianor de Lamare, para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 17 de maio de 1977.

⁷ Depoimento de Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra (Baby), para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 10 de abril de 1975.

⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. Rui e o carro nº 833.

direção, saía para girar a manivela e, se o carro não pegasse, fazia nova regulagem e recomeçava o processo, tantas vezes quantas fossem necessárias.

Após a morte de Rui, o Benz foi remetido para o Museu Histórico Nacional, por sugestão de Antônio Batista Pereira. Em 1936, o carro voltou à sua antiga garagem, na Vila Maria Augusta.

Em 1956, a Mercedes Benz realizou uma exposição em São José dos Campos, SP, e, com o assentimento da direção da Casa de Rui Barbosa, exibiu o carro, placa 833. Nessa oportunidade, a fábrica em São Bernardo do Campo restaurou a pintura, colocou novos pneus, especialmente fabricados, e reviu o motor. Fez, ainda, um seguro, na The Home Sure Company New York, no valor de um milhão de cruzeiros – apólice nº H 30.135, que cobria não só o transporte do veículo para o local da exposição, como também o período de permanência nela. Em 1963, por iniciativa da Casa de Rui Barbosa, o estofamento foi todo reformado, conforme o modelo original, pela firma Valentim Ltda., ao preço de Cr\$299.000,00. Em 5 de novembro de 1967, o carro saiu mais uma vez da Vila Maria Augusta, para figurar na exposição em homenagem a Rui na Escola de Desenho Industrial, na Cinelândia. A exposição durou do dia 6 de novembro a 2 de dezembro. Em 1973, no cinquentenário da morte de Rui Barbosa, foi exposto pela última vez fora da Vila Maria Augusta, no saguão do novo edifício da Caixa Econômica Federal, na avenida Rio Branco.

O carro Benz é uma das peças de maior valor do museu da Fundação Casa de Rui Barbosa. Em 1968, a Daimler-Benz, de Stuttgart, comunicou ter interesse na compra do veículo, a fim de completar a sua coleção.

Memória

Graças a Deus, sempre me tiveram, até os meus desafetos, por sujeito de retentiva alguma coisa acima do vulgar.
[BARBOSA, Rui. *Réplica*, p. 361.]

Rui era dotado de uma memória privilegiada, acrescida de uma curiosidade intelectual insaciável. Segundo seu genro Antônio Batista Pereira, ele foi "um produto de alta cultura: o que estudou, estudou com fervor, tenacidade e paixão."¹

Ao completar cinco anos, ingressou no colégio de instrução primária do professor Antônio Gentil Ibirapitanga, que lhe aplicou o método Castilho, alcançando resultados surpreendentes. Em apenas quinze dias, Rui sabia ler e conjugar verbos. Percebendo-lhe o prazer no estudo, seu pai não lhe deu mais tréguas; chamava-o para ler e estimulava-o a decorar e a recitar longos trechos. Com dez anos o menino declamava Camões e conhecia autores clássicos. Gradativamente, os hábitos da leitura e da escrita foram-se incorporando a sua vida, de tal maneira que mesmo as horas de lazer eram dedicadas aos livros. Tinha consciência da importância da arte de saber ler e assim se expressava: "Saber estudar, possuir a arte de aprender, habilitar-se a navegar seguro por essas águas e através desses escolhos já é ser abastado nas posses, e ter aproveitado o tempo".²

Anotava e assinalava verbetes e assuntos, fixava ideias e frases, elaborava bibliografias, tudo que lhe interessasse e de que um dia viesse a precisar. Este hábito, ele o desenvolveu ao longo da vida; ajudou a exercitar sua memória e duplicou sua capacidade de trabalho. Recolhia esse "material para as suas composições verbais, de que ele dispunha como um verdadeiro mágico musical".³ Graças a sua capacidade auditiva preocupava-se com a cadência e harmonia dos termos, tornando-se um "orquestrador de palavras" na opinião de Capistrano de Abreu.⁴

Anotava tudo o que lia, usando a língua do texto da obra, fosse francês, latim, inglês, italiano ou espanhol. Chegou a ler página por página da primeira edição do dicionário de

¹ PEREIRA, Antônio Batista. Rui artista.

² BARBOSA, Rui. *Discurso no Colégio Anchieta*, p.13.

³ LACOMBE, Américo Jacobina. *À sombra de Rui Barbosa*, p. 127.

⁴ Cf. ABREU, Capistrano de. Um perfil de Rui Barbosa.

Cândido de Figueiredo, anotando-o e acrescentando-lhe novos vocábulos. Também os dicionários de Moraes e Aulete foram integralmente lidos e anotados.⁵

Seus apontamentos de leitura, ele os guardava cuidadosamente. Consciente do significado do seu papel no panorama político e jurídico, cuidou de preservar para a história roteiros de discursos, rascunhos de conferências, pareceres, artigos de jornal e documentos diversos.

Por ocasião do banquete no *Jornal do Commercio*, seu discurso não foi taquigrafado e alguém solicitou-lhe que o reconstituísse. Ele assim o fez, exatamente como foi proferido, é o que afirma Capistrano de Abreu.⁶ Certa vez, seu amigo Pinto da Rocha procurou-o para que o ajudasse a documentar com um texto autorizado uma alegação jurídica. Rui não somente indicou-lhe o livro na estante como também a página. Sua biblioteca de trinta e cinco mil livros não dispunha de catálogos. Respondia a todos quantos lhe cobravam um fichário, já que não organizara seus livros racionalmente, que os tinha na memória; no dia em que não mais a tivesse, não precisaria de biblioteca.

Costumava escrever de Friburgo para seu cunhado Carlito pedindo-lhe um determinado livro. Na carta indicava-lhe as características e a localização da obra.

Conta-se que certa vez alguém lhe perguntou por que motivo o padre Antônio Vieira, ao passo que empregava *devação*, não dizia *devato*, e sim *devoto*. Rui respondeu-lhe que *devação* está no seu sermão sobre o bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, mas, nos sermões posteriores, só usou *devoção*. E mostrou-lhe um dos tomos dos *Sermões*, apontando-lhe as páginas. Noutra oportunidade, alguém lhe conta que lera num autor italiano um improcedente juízo sobre Napoleão, o Grande. Rui observou-lhe que não era novidade, que certa revista inglesa anteriormente emitira juízo semelhante. Buscou a revista e mostrou-lhe a página com a nota dele à margem explicando a im procedência da opinião.

⁵ PIRES, Homero. Rui Barbosa e os livros. In: SENNA, Homero (Org.). *Rui: sua casa e seus livros*, p. 66.

⁶ ABREU, Capistrano de. Um perfil de Rui Barbosa.

Coragem

Com o meu temperamento acanhado, retraído, e talvez tímido ao contato das coisas delicadas, nunca me faltou a coragem do coração, a coragem das ideias, a coragem do patriotismo, a coragem da honra.

[BARBOSA, Rui. *Discursos parlamentares*, p. 31. (OCRB, v. 34, 1907, t. 1).]

Rui não conhecia o medo e não recuava diante de qualquer obstáculo. Ao longo de sua vida deu provas de coragem moral, enfrentando e afrontando perigos e ameaças, vinganças e calúnias e assumindo posições arriscadas.

Não tinha noção de sua fraqueza física. Certa vez, discutindo com Pinheiro Machado, deu um aparte bastante ofensivo, no qual lhe corrigiu a gramática: "Pinheiro aplicou o verbo errado e Rui repetiu a pergunta com o verbo certo".¹ Na saída do Senado, Batista Pereira ponderou a Rui que a intervenção tinha sido demasiada e ofendera Pinheiro, a ponto de este comentar que se não fosse o respeito devido a Rui, teria ido às vias de fato. Rui zangou-se com a benevolência, achando possível uma confrontação física com Pinheiro. Segundo João Mangabeira, Pinheiro Machado comentara com Rafael Pinheiro que "Rui tinha mais coragem que talento".² Rui tinha o costume de sair sozinho e desarmado e "nunca se serviu de capangas, guarda-costas ou outra polícia particular ou preventiva".³ Todavia, os amigos se preocupavam com a sua segurança; Carlito prevenia o Juca Rocha (José Martins da Rocha), cunhado do Carlos Nunes de Aguiar, que dispunha de pessoas que seguiam Rui sem que este tomasse conhecimento, pois, se soubesse, recusava peremptoriamente.

Quando em 1889 agia a "guarda-negra da Rainha",⁴ Rui figurou na lista dos indiciados do seu ódio e "não faltou quem o aconselhasse a precaver-se, a sua família e a seus bens".⁵ Principalmente para não pôr em risco estes últimos, por indicação da família Carneiro da

¹ Depoimento de Américo Jacobina Lacombe, para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 21 de abril de 1976.

² MANGABEIRA, João. *Rui, o estadista da República*, p. 130.

³ LOSSIO, Rafael de. Rui Barbosa. In: CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS. *Contribuição...*, p. 43.

⁴ "Organização clandestina de anarquia sanguinária, composta de cocheiros, criados, carroceiros, réus de polícia, malfeitores da pior casta, cujo juramento era morrer pela princesa redentora" (a Princesa Isabel). Cf. BARBOSA, Rui. *Queda do Império*, p. 65, 73, 135, 173, 265 e 291.

⁵ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 26.

Rocha, contratou os serviços de José Lucas, valente paraibano, que passou a responder pela segurança da casa dia e noite, embora desempenhasse as funções de ajudante de copeiro.⁶

Já por ocasião do assassinato de Pinheiro Machado, em 1915, recusou a proteção de alguns soldados da Polícia Militar, alegando que sua consciência estava tranquila e não se julgava culpado de coisa alguma.

Segundo Austregésilo de Ataíde,

Rui possuía grande bravura cívica. O seu jornalismo revelava coragem não raro temerária. Assim fora nos últimos tempos da Monarquia, quando desafiava os afeiçoados do trono, os fanáticos da Princesa Redentora. Acredito, porém, que a fase do *Jornal do Brasil* tenha sido a mais perigosa. Era o período do arbítrio, o governo e os seus amigos mostravam-se irritados com a campanha do senador da Bahia. Choviam ameaças anônimas. Os companheiros e correligionários de Rui temiam por sua vida.⁷

Conta Péricles Madureira de Pinho que durante a campanha na Bahia em favor de Paulo Fontes, em dezembro de 1919, Rui tinha discursado em Bonfim, então Vila Nova da Rainha, e retornava com a comitiva ao trem, quando se ouviram de seus adversários que pretendiam esfriar o entusiasmo dos militares. Um dos meninos da comitiva tenta acalmá-lo, dizendo não haver perigo, ao que Rui responde: "Se alguém aqui está com medo, é o senhor. Estamos todos na tranquilidade dos que cumprem o seu dever".⁸

⁶ Ibid., p. 26.

⁷ ATAÍDE, Austregésilo. Prefácio, p. xvii.

⁸ Depoimento de Péricles Madureira de Pinho em 10 de junho de 1976 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

Crença

Nunca ocultei que a minha fé houvesse fraqueado muitas vezes. Mas também nunca me senti constrangido em professar, através dessas vacilações, a minha fidelidade à religião dos meus antepassados. Católico, no entanto, associei sempre à religião a liberdade, bati-me sempre, no Brasil, entre os mais extremados, pela liberdade religiosa, fui, no Governo provisório, o autor do ato que separou a Igreja do Estado, e com satisfação íntima reivindico a minha parte na solução constitucional que emancipou, em nossa terra, a consciência cristã dos vínculos do poder humano.

[BARBOSA, Rui. *Excursão eleitoral*, p. 60. (OCRBR, v. 37, 1910, t. 1).]

Rui foi criado num ambiente de tradições religiosas de fé cristã. Tinha como parentes religiosos famosos como sóror Joana Angélica de Jesus, abadessa do Convento da Lapa (BA) e mártir da nossa Independência; José Barbosa de Oliveira, advogado defensor dos mártires da Inconfidência Baiana de 1799, que depois se ordenou sacerdote, tornando-se vigário capitular e governador eclesiástico da Bahia; e dom Rodrigo de São José, abade do Mosteiro Beneditino do Rio de Janeiro.

Sua mãe, Maria Adélia, mulher piedosa e cheia de virtudes, diariamente rezava as Horas Marianas, ou seja, o pequeno ofício de Nossa Senhora. Seu pai, João José, homem preocupado com a educação, não esquecia a instrução religiosa na formação do caráter dos filhos: todos os dias, depois da ceia, abria a *Histoire du Nouveau Testament*, de Derôme, e pelas ilustrações contava as edificantes passagens da vida de Jesus Cristo na terra. Sabe-se que ele incentivava a prática dos sacramentos. Nos seus escritos costumava manifestar protestos de adesão à fé cristã. Sobre a religião de seu pai, Rui assim se expressou:

Em conta de católico teve-se meu pai sempre. Divinos, reputava os sacramentos, e a sua família os aconselhava. Professava todos os artigos do antigo credo católico. Mas quanto ao dogma de 1854 [da Imaculada Conceição] e o de 1870 [da infalibilidade do papa], esses, a consciência rejeitava-lhe inflexivelmente. [...] O catolicismo de meu pai era o *velho catolicismo* de Döllinger.¹

De fato, João José sofreu influências da corrente ultraliberal, formada pelos *velhos católicos* liderados por Johann Joseph Ignaz von Döllinger e pelos ortodoxos orientais,

¹ Declaração sobre a morte de João Barbosa em 22 de outubro de 1875. Cf.: VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 52.

luteranos e anglicanos. Esses contestavam o ultramontanismo encarnado em Pio IX e na Companhia de Jesus, "considerada uma força secreta e inescrupulosa".² De seu pai, Rui herdaria as convicções, princípios e ideias.

Nos tempos da Faculdade de Direito de São Paulo, abraçou a maçonaria, atuando na Loja América. Convencido de que a Igreja se constituía num obstáculo à liberdade, embrenhou-se nas leituras sobre o assunto e certificou-se da necessidade da separação da Igreja do Estado.

Durante a Questão Religiosa combateu "o odioso e inepto regalismo da Coroa"³ e, embora o considerassem um anticlerical, advogou a absolvição dos bispos de Olinda e do Pará – este, dom Antônio de Macedo Costa, seu amigo e professor dos tempos do Colégio Abílio. A essa altura, Rui já havia abandonado a maçonaria, pois, segundo veio a declarar mais tarde, faltavam-lhe "algumas das qualidades essenciais ao maçom: o culto das solenidades, a confiança no prestígio do sigilo, o respeito das hierarquias suntuosas".⁴

A tradução do panfleto de Edouard Laboulaye sobre a Imaculada Conceição, feita por seu pai, sob pseudônimo de Febrônio, e publicada logo após a morte dele, em 1874, iria comprometer a reputação de Rui, que foi acusado de ateísmo.

Publicamente, integrava o grupo dos adversários dos ultramontanos e na maçonaria ainda era recebido como um irmão, sendo então incumbido de pronunciar uma conferência na Loja Grande Oriente Unido do Brasil sobre liberdade religiosa: "A Igreja e o Estado", que teve larga repercussão.

Por sugestão de Joaquim Saldanha Marinho, maçom e velho amigo de seu pai dos tempos do Parlamento, resolve publicar a tradução do livro de Döllinger, *O papa e o concílio*, obra que se constituía numa "tremenda acusação contra o Vaticano".⁵ Além da tradução, Rui escreve uma introdução, tão grande quanto a obra, para ele

inflamada, impetuosa, borbulhante, de onde a defesa das igrejas livres no Estado livre se levanta como homenagem "ao sentimento que paira acima do egoísmo, do amor e da pátria; [...] ao sentimento mais universal, menos morredouro, mais indomável, mais heroico do indivíduo e do povo; – ao sentimento religioso".⁶

Nessa introdução ele reclama pela liberdade religiosa; pela religião

² LACOMBE, Américo Jacobina. Introdução. In: BARBOSA, Rui. *Discurso no Colégio Anchieta*, p. xvi.

³ BARBOSA, Rui. Introdução. In: _____. *Queda do Império*, t. 1, p. xxi.

⁴ BARBOSA, Rui. *Excursão eleitoral*, p. 217.

⁵ VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 72.

⁶ BARBOSA, Rui. *Visita à terra natal*, p. 46-47.

do "homem novo", renascido sob a cruz; do espírito, que vivifica, e não da letra, que mata; da comunicação interior entre o coração e Deus; da caridade e brandura para com todos os homens; da religião de luz, que se alimenta de luz, e que na luz se desenvolve; religião cujo pontífice é o Cristo; religião de igualdade, fraternidade, justiça e paz.⁷

As consequências não tardariam: sua candidatura a deputado pela Bahia sofre a maior perseguição por parte da Igreja. Do púlpito, sacerdotes o acusam de "enxovalhar imagens, metê-las em baixo da cama, e estampá-las na sola dos sapatos".⁸

Ao se referir a essa fase de sua vida, se justificou:

Eu não renegava o princípio cristão. Longe disso, escrevia o seu panegírico com frases, cada uma das quais ressurte em fagulhas vivíssimas, da coroa solar do Evangelho. [...] Nem mesmo contra o clero me animavam prevenções inimigas. Eu trabalhava simplesmente pela liberdade.⁹

Do período em que se elegeu deputado, passando pela fase jornalística no *Diário de Notícias*, até tornar-se ministro da Fazenda do Governo Provisório, o binômio religião e liberdade será o motivo principal da sua pregação.

Aqueles que o acusavam de ateísmo não imaginariam que para elaborar a lei de 7 de janeiro de 1890, lei da separação da Igreja do Estado, Rui vai ouvir a opinião da Igreja, entrando em entendimentos com seu antigo professor, dom Antônio de Macedo Costa. Também na questão do casamento civil eles encontram a solução ideal para instituir a medida sem qualquer abalo para o país, convertendo-se Rui, assim, num intérprete das pretensões da Igreja.

Em abril de 1892, ao discursar no Supremo Tribunal Federal em defesa do *habeas corpus* dos presos da ditadura Floriano, faz uma declaração de fé: "Profundamente cristão, se o cristianismo se resume no preceito de 'não fazermos a outrem o que não quisermos que nos façam', cristão por necessidade do meu temperamento, sem sacrifícios, pois, nem virtude".¹⁰

No ano seguinte faz uma conferência em benefício de cinquenta órfãs de um colégio de irmãs de Nossa Senhora de Lourdes de Feira de Santana e, na ocasião, protesta contra a pecha de ateísmo:

⁷ BARBOSA, Rui. Introdução do tradutor. In: _____. *O papa e o concílio*, trad., p. 535-536 (OCRB, vol. 4, 1877, t. 1).

⁸ BARBOSA, Rui. *Cartas de Inglaterra*, p. 295.

⁹ BARBOSA, Rui. *Visita à terra natal*, p. 48 e 50.

¹⁰ BARBOSA, Rui. *Trabalhos jurídicos*, p. 109.

Filho de um século devorado pela curiosidade suprema do infinito, duvidei, neguei, blasfemei, talvez como ele. Mas esses momentos passaram sempre como rápidas tempestades na minha consciência: quando elas se afugentavam, o horizonte do mistério eterno me reaparecia como eu o vira, no coração de meus pais.

E adiante:

Vejo a ciência que afirma Deus; vejo a ciência que prescinde de Deus; vejo a ciência que proscree a Deus; e, entre o espiritualismo, o agnosticismo, o materialismo, muitas vezes se me levanta da razão esta pergunta: onde está a ciência? A mesma névoa que a princípio se adensara sobre as inquietações do crente acaba por envolver o orgulho do sábio. A mesma dúvida, que nos arrastara das tribulações da fé ao exclusivismo científico, pode reconduzir-nos do radicalismo científico à placidez da fé.¹¹

Durante o exílio na Inglaterra, novamente são atacadas suas convicções religiosas. Seu estudo "As bases da fé" sobre o livro de Arthur Balfour desencadeia as acusações de Afonso Celso de que se convertera: "tornou-se crente convicto dos dogmas cristãos, renunciou às suas antigas ideias de intolerante irreverência religiosa, para ajoelhar-se diante dos altares, que outrora tantas vezes conspurcara".¹²

Rui se defende com veemência em "As minhas conversões", dizendo que sua mutação religiosa é

uma invenção absolutamente falsa e muitas vezes rebatida. [...] A minha reputação de incredulidade, materialismo e ateísmo nasceu da especulação maligna de adversários sem escrúpulos, em questões onde a minha atitude era justamente o penhor mais claro da seriedade das minhas crenças morais.¹³

Numa autoanálise, afirma: "Combati o jesuitismo com o Evangelho, o exclusivismo religioso com a palavra de Cristo, o Concílio do Vaticano com a história da Igreja primitiva".¹³ Luís Viana Filho, seu biógrafo, assinala que foram as desilusões e o sofrimento do exílio que operaram uma transformação nos sentimentos religiosos de Rui.¹⁴

O antigo adversário da Igreja, que se insurgira contra o ultramontanismo de Pio IX, suplicaria a benção apostólica do novo pontífice, Leão XIII, afixando-a sobre a cabeceira da

¹¹ BARBOSA, Rui. *Visita à terra natal*, p. 45-46.

¹² *Apud* BARBOSA, Rui. *Cartas de Inglaterra*, p. 292.

¹³ *Ibid.*, p. 293.

¹³ *Ibid.*, p. 293-294.

¹⁴ Cf. VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 280.

sua cama na Vila Maria Augusta. O contraditor do dogma da Imaculada Conceição entronizaria na sua nova residência a imagem da Virgem Maria, feita em pedra-sabão. Também o retrato em esmalte da Mãe de Deus e um grande quadro de Nossa Senhora com o Menino Jesus, cópia da obra de Murillo existente no Museu do Prado, foram trazidos da Europa.

No atentado a Prudente de Moraes em 1897, Rui vai ao Senado prestar sua solidariedade. Erguendo uma súplica a Deus, afirma sua reconciliação com as crenças religiosas:

Se os responsáveis pela solução do problema contemporâneo do Brasil continuarem a se paralisar nessa timidez quase criminosa, deixando perder os poderosos elementos de reação vital, que se lhes oferecem nas boas qualidades nativas da nossa raça, ainda não estragadas de todo pelas propagandas perversas, pelos exemplos atrozos e pelas irresponsabilidades funestas, então, àqueles, como eu, que a experiência política reconciliou intimamente com as crenças religiosas, só resta esse recurso, sobre todos solene, benfazejo sobre todos, que os povos mais livres e maiores do mundo não esquecem nas horas mais gratas, como nas horas mais tristes da sua vida; [...] só resta voltar os olhos para o céu e buscar remédio no Todo-Poderoso.¹⁵

Numa carta dirigida a seu amigo e compadre Casusa (José Eustáquio Ferreira Jacobina, padrinho de Baby), de Friburgo, 2 de abril de 1898, confia:

Nunca senti pelas vilanias humanas mais enjoos e, pela sorte de nossa terra, mais desânimo. Felizmente a fé em Deus se me vai acendendo, à medida que se me apaga a confiança nos homens. No meio de tantos desconfortos e iniquidades tenho-me entregado estes dias exclusivamente à leitura do Evangelho, a eterna consolação dos malferidos nos grandes naufrágios.¹⁶

Reconcilia-se com os jesuítas, no momento em que vai confiar a educação de seu filho João aos irmãos da Companhia de Jesus do Colégio Anchieta de Friburgo. Em algumas de suas frequentes visitas ao filho, chega a hospedar-se no colégio e torna-se amigo dos sacerdotes. Entrega-se a intermináveis conversas com o padre Galanti e, com o padre diretor Luis Yábar y Arteta, trocava assídua correspondência. Este o convida insistentemente para paraninfar a turma de alunos de 1902, mas somente no ano seguinte Rui pronuncia o discurso conhecido como "Palavras à juventude", que "marca um momento decisivo na sua evolução

¹⁵ BARBOSA, Rui. *O Partido Republicano Conservador*, p. 178.

¹⁶ BARBOSA, Rui. *Mocidade e exílio*, p. 320.

religiosa".¹⁷ Dirigindo-se a estudantes adolescentes, apresenta-se como um "homem de luta e combate, cumulado de ódios, mortificado de reveses, golpeado de provações, um político malogrado, com todos os seus erros e todas as suas culpas, todas as suas queixas e todos os seus pecados".¹⁸

É um discurso pleno de conceitos, uma "lição de fé e humildade."¹⁹ Nele, Rui apresenta a síntese de sua vida: "Estremeceu a pátria, viveu no trabalho, e não perdeu o ideal." Define pátria, trabalho e ideal, "as três faces" da sua vida. Define o homem como "o espírito fecundado na íntima fusão da liberdade com a fé." Afirma: "Os descrentes, em geral, são fracos e pessimistas, resignados ou rebeldes, agitados ou agitadores. Mas ainda não basta crer: é preciso crer definida e ativamente em Deus, isto é, confessá-lo com firmeza e praticá-lo com perseverança".²⁰

Admite: "Grande é a ciência, bem o creio; é a maior de todas as grandezas; mas abaixo *da outra*: a divina, que lhe há de sobrepairar eternamente".²¹

Convence:

Deus é a necessidade das necessidades, Deus é a chave inevitável do Universo. Deus é a incógnita dos grandes problemas insolúveis, Deus é a harmonia entre as desarmonias da criação. Incessantemente passam, e hão de passar, no vórtice dos tempos, as ideias, os sistemas, as escolas, as filosofias, os governos, as raças, as civilizações; mas a intuição de Deus não cessa, não cessará de esplender, através do eterno mistério, no fundo invisível do pensamento, como o mais remoto dos astros nas profundezas obscuras do éter. A realidade suprema, de onde nos cai perenemente esse raio de luz, é inextinguível. Mas de tão longe nos vem ele na imensidade do existir, que, ainda quando momentaneamente lhe pudéssemos supor apagado o foco remotíssimo, primeiro pereceria a humanidade que deixasse de ver aceso na extrema do horizonte esse ponto luminoso.²²

Quando, em novembro de 1904, no governo Rodrigues Alves, a lei da vacina obrigatória gerava protestos populares e a revolta da Escola Militar, Rui desafia as convicções materialistas que imperavam nos homens de letras.²³ Numa carta ao jornal *A Tribuna*, prega a generosidade cristã com os vencidos, invocando o nome de Deus:

Não sei se incorro em ridículo, trazendo por estas alturas o nome de Deus. Se incorrer, paciência. Não me arrependo, e persisto. Nasci na crença de que

¹⁷ LACOMBE, Américo Jacobina. Introdução. In: BARBOSA, Rui. *Discurso no Colégio Anchieta*, p. xiii.

¹⁸ BARBOSA, Rui. *Mocidade e exílio*, p. 6.

¹⁹ VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 281.

²⁰ BARBOSA, Rui. *Mocidade e exílio*, p. 8, 44 e 48.

²¹ *Ibid.*, p. 51.

²² *Ibid.*, p. 52.

²³ Cf. VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 280.

o mundo não é só matéria e movimento, os fatos morais, acaso ou mero produto humano.²⁴

Na sua plataforma como candidato à presidência da República, posiciona-se sobre os seus sentimentos religiosos, ratificando as ideias desenvolvidas no discurso do Colégio Anchieta:

Em poucas palavras se condensam. Observância da igualdade legal entre todas as crenças. Imparcialidade em relação a todas, no exercício das funções do Estado. Defesa da maioria católica nos seus direitos constitucionais, contra as intolerâncias da irreligiosidade. Proteção das minorias religiosas contra os excessos da maioria.²⁵

Outra vez Rui iria reafirmar seus princípios religiosos, desta vez na missa campal celebrada em 11 de agosto de 1918 pelo cardeal Arcoverde na comemoração do seu jubileu cívico:

A soberania da verdade eterna, nos ministros do Evangelho, nas dignidades religiosas, no príncipe da Igreja que, [...] se dignou de vir hoje ao seio desta multidão, para celebrar, aos seus olhos, a memória do sacrifício supremo, que, há vinte séculos, se renova todos os dias, por toda a terra, sempre novo na sua perpetuidade eternamente santa. [...] A pedra de ara ainda estremece ao milagre da transubstanciação, visível aos crentes. [...] A mesa do sacrifício incruento ainda está posta. O Pai de todos nós, que, pouco há, baixava ao meio de seus filhos, ainda se não ausentou dentre eles. A impressão da sua visita ainda palpita no ambiente. A sua imagem cresce nos raios solares, enchendo o espaço, o mundo, o infinito. [...] Onde Ele se mostrou, onde surgiu, onde se percebeu, não existe mais nada senão Ele, Ele o que só é grande, Ele o que só é sábio, Ele o que só é justo, Ele o que só é bom, Ele o que só é belo, Ele o que só é forte, Ele o que só é glorioso.

E assegura convicto:

Toda a minha vida não vale nada e, comparação deste único momento onde se me depara a bem-aventurança de vos poder trazer [...] este inabalável testemunho de que só nele reside a nascente de toda a glória e de toda a força, de todo o bem e de toda a beleza, de toda a verdade e de toda a ciência, de toda a justiça e de toda a grandeza.²⁶

²⁴ Cf. LACOMBE, Américo Jacobina. Introdução. In: BARBOSA, Rui. *Discurso no Colégio Anchieta*, p. xxv.

²⁵ BARBOSA, Rui. *Excursão eleitoral*, p. 62.

²⁶ BARBOSA, Rui. Discurso proferido na praça de S. Cristóvão, a 11 de agosto de 1918... In: _____. *Novos discursos e conferências*, p. 400, 403.

E por fim, paraninfando a turma de bacharéis da Faculdade de Direito de São Paulo, lavra "o testamento mais alto de sua sensibilidade, a *Oração aos moços*".²⁷

No discurso, ele abre o "livro de sua vida", pedindo aos jovens que o aceitem "como um ato de fé", como "o testamento de uma carreira, que poderá ter discrepado, muitas vezes, do bem, mas sempre o evangelizou com entusiasmo".²⁸

Adiante encontramos passagens como esta: "Por derradeiro, amigos de minha alma, a última, a melhor lição da minha experiência. De quanto no mundo tenho visto, o resumo se abrange nestas [...] palavras: Não há justiça, onde não haja Deus".²⁹

Ao enumerar os mandamentos da missão do advogado sintetiza-os com essas palavras: "Amar a pátria, estremecer o próximo, guardar fé em Deus, na verdade e no bem".³⁰

Conta Josué Montello que Humberto de Campos, nomeado diretor da Casa de Rui Barbosa, ao visitar a Vila Maria Augusta, teve sua atenção voltada para um genuflexório diante de um Cristo crucificado e indagou do mordomo Antônio Joaquim da Costa se Rui era religioso. Além de responder-lhe afirmativamente, ele acrescentou que, todas as manhãs Rui se ajoelhava com o *Breviário romano* na mão e meditava. O mordomo lembrou que, certa vez, o bispo de Mariana, dom Silvério, visitava a Vila Maria Augusta na companhia do dr. João de Assis Lopes Martins. Rui não estava com eles no momento. Pegando no *Breviário*, o dr. João Lopes mostrou ao bispo as anotações. Este comentou: "Ele não vai à missa, mas está mais perto do Céu do que nós."³¹

Américo Jacobina Lacombe na introdução à edição avulsa do *Discurso no Colégio Anchieta*, esclarece que foram "a leitura e a releitura da *Imitação [de Cristo]* a porta aberta para outras leituras religiosas, até chegar ao próprio *Breviário*, [...] que ele gostava de ler alto, à noite, para tirar todo o proveito da musicalidade da língua latina".³² Tanto o texto da *Imitação de Cristo* como o "Formulário de orações", em apêndice, estão bastante anotados: notas referentes à linguagem e outras especialmente relacionadas às meditações.

Afirma ainda dr. Lacombe que todos os íntimos sabiam das práticas religiosas de Rui, "especialmente a oração feita de joelhos pela manhã e pela noite".³³ Maria Augusta lhe contou que Rui nunca se deitou sem rezar de joelhos e quando casou recomendou-lhe que

²⁷ REALE, Miguel. Posição de Rui Barbosa no mundo da filosofia, p. 862.

²⁸ BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*, p. 16.

²⁹ Ibid. p. 45.

³⁰ Ibid. p. 46.

³¹ MONTELLO, Josué. Rui Barbosa entre os livros e a família". In: SENNA, Homero (Org.). *Rui: sua casa e seus livros*, p. 184.

³² LACOMBE, Américo Jacobina. Introdução. In: BARBOSA, Rui. *Discurso no Colégio Anchieta*, p. xxiv.

³³ Ibid., p. xx.

fizesse o mesmo. Ela disse que rezava deitada, mas ele protestou: "de joelhos, foi assim que minha mãe me ensinou". E ela riu: "Eis o ateu com quem diziam que eu ia casar".

Receoso de que a publicação de *O papa e o concílio* provocasse uma reação da Igreja Católica, apressou seu casamento, que foi oficiado em 23 de novembro de 1876, pelo velho amigo de seu pai, o cônego Manuel Teodolindo Ferreira. Foi este mesmo sacerdote que realizou o batizado de Dedélia.

A entronização de um grande quadro do Coração de Jesus na Vila Maria Augusta, oficiada por seu dileto amigo monsenhor Fernando Rangel e o mesmo ato em Petrópolis, celebrado por frei Celso, foram exigências próprias de um cristão.

Por duas ocasiões Rui iria receber os últimos sacramentos: uma vez, em agosto de 1922, ao sofrer um edema pulmonar, quando se confessou a monsenhor Rangel e dele recebeu a unção dos enfermos, e novamente, antes de sua morte, em 1923, perante frei Celso Dreiling. Rui não foi ateu nem materialista. Tinha a alma sinceramente religiosa e as atitudes de um crente. Um crente, ora atormentado de dúvidas, ora sereno e confiante, mas sobretudo um crente. Não pertencia ao grupo dos espíritos mornos, dos alheios aos problemas religiosos, nem tampouco ao grupo dos indiferentes. As questões ligadas à existência e às aspirações do homem eram sua preocupação constante.

O princípio cristão e os ideais de liberdade e justiça o dominariam por toda a vida e iriam refletir-se na sua obra. Rui considerava o princípio cristão o "elemento essencial e fundamental do direito brasileiro. Nesta verdade se encerram todas as garantias da liberdade e todas as necessidades da fé".³⁴

Entendia que "nos espíritos devastados pelo ceticismo facilmente se estabelece o desânimo da luta, a resignação às misérias da servilidade. Nas almas retemperadas pela crença o sentimento intenso da nossa origem divina zomba das ameaças, desafia os obstáculos, triunfa dos perigos, e aniquila as opressões".³⁵

³⁴ BARBOSA, Rui. *Discurso no Colégio Anchieta*, p. 37.

³⁵ BARBOSA, Rui. *Excursão eleitoral*, p. 274-275. (OCRB, v. 37, 1910, t. 1).

O MEIO

Influência paterna

Falei-vos em meu pai. O que eu sou, menos o coração, em que minha mãe entrou grandemente, dele nasce quase exclusivamente, como a água que corre da água que já correu. Esta palavra, de que eu uso, em mim diminuída, era dele, o maior orador que jamais conheci. Esta cabeça, que eu tenho, não é mais que uma apagada sombra da sua. Esta paixão da liberdade e do direito e da justiça, herdou-ma ele, a mais justa das almas, o mais irredutível liberal que eu nunca vi, liberal à inglesa e à americana. O amor da pátria, a intransigência da honra, a firmeza da vontade, o culto dos princípios, o desprezo dos perigos, o fundo religioso do sentimento e das ideias, isso tudo é seu. De modo que, a cada passo da minha vida, o que eu sinto dentro no mais íntimo de mim mesmo é meu pai. Ele não morreu: em mim vive, e reviverá, enquanto alguma coisa de mim restar.

[BARBOSA, Rui. *Excursão eleitoral*, p. 210-211. (OCRB, v. 36, 1909, t. 1)].

O pai de Rui, João José Barbosa de Oliveira, nasceu na Bahia em 2 de julho de 1818, filho de Rodrigo Barbosa de Oliveira e Maria Soares Simas. Rodrigo morreu moço, deixando a viúva com seus oito filhos em precária situação financeira, vivendo à custa do aluguel do andar térreo do sobrado em que morava, único bem deixado pelo marido. Ela contava que o filho primogênito, João José, fosse substituir o pai no comércio. Mas o rapaz sonhava ser advogado, carreira que, na época, proporcionava maior ascensão social. Além disso, nascera para ser um orador, um polemista, um agitador de ideias. No entanto, como não havia recursos para que fosse estudar direito no Recife ou em São Paulo, acabou por se matricular, aos 18 anos, com a anuência da mãe, na Faculdade de Medicina da Bahia, onde se formou.

João José, médico, tentou em vão formar uma clientela, até 1846, quando se inscreveu no concurso para professor substituto da Seção Médica na Faculdade de Medicina. Não conseguiu aprovação, embora tivesse apresentado uma monografia bem estruturada, completa e tendo sua prova escrita causado sensação no meio médico. Pensou em afastar-se da profissão e se lançar na política, esperando nela representar um papel de destaque. Filiado ao Partido Liberal, em 1848 consegue eleger-se deputado à Assembleia Provincial, graças à influência de amigos e parentes. Mas o seu temperamento, de atitudes arrebatadas, e a sua intransigência foram empecilhos para torná-lo um grande político,

um aglutinador de homens, um chefe. Não sabia esquecer; tinha mais espírito de clã do que espírito político. Homem de talento e vasta cultura, deixou-se quase sempre dominar pelos ódios

locais. [...] Alardeando independência, desprezando certas conveniências de ordem política, quis ser algumas vezes defensor de grandes ideias, doutrinário, mas o meio, a que se prendia, não o compreende, nem tampouco ele o compreendeu, e, irritado, deblaterava contra tudo e contra todos, ferindo até mesmo amigos e parentes.¹

Intelectual que era, isolou-se, não atentou para os anseios e sofrimentos do povo.

Seus projetos e ideias "em prol da educação do povo, da moralidade administrativa e da melhoria de serviços de higiene pública [...] não foram postos em prática".²

Ainda em 1848, em 29 de julho, casa-se com Maria Adélia, sua prima. Essa aliança "encontrou oposição por parte dos pais da noiva, [...] porque talvez não lhes agradava ver a filha casada com um moço inteligente e deputado, porém sonhador e que não encarava a vida pelo lado objetivo".³

Com o nascimento dos filhos Rui e Brites, aumentam os encargos da família. No entanto, João José sonha com vitórias políticas imaginárias e nem pensa em clinicar. Nas horas vagas dedica-se às suas leituras prediletas ou escreve versos. Gosta de receber os amigos, e sua casa torna-se ponto de reunião dos liberais de certa influência. Não conseguira reeleger-se deputado, mas tornara-se redator do jornal liberal *O Século*. Em 1854, pretende a nomeação para um lugar de professor na Faculdade de Medicina, criado por um decreto que reorganiza o ensino médico, e é preterido. Durante a epidemia de cólera em 1855, é nomeado, em 28 de agosto, diretor de um posto sanitário entre a ladeira de São Bento e a rua dos Capitães. Em 1856, seu nome figura na lista dos fundadores do Instituto Histórico da Bahia, e em 1857, na vaga deixada pelo afastamento do dr. Abílio César Borges, assume o cargo de diretor geral do ensino provincial, cargo em que permanece até agosto de 1868. Conhecedor profundo da situação do ensino e versado nos assuntos de educação, apresenta alguns relatórios para enfim publicar em 1860 o Regulamento Orgânico que orientou a reforma radical da instrução pública na província da Bahia.

Em casa, João José, que Rui qualificava de "espírito severo", cuidava da educação dos filhos com desvelo e carinho, mas dentro da mais "dura austeridade".⁴ Era um pai amigo que gostava de contar-lhes histórias de fundo moral, embora eles preferissem aquelas contadas por Maria Adélia. Todos os dias depois da ceia, atraía as atenções das crianças para a leitura da vida de Jesus, através das ilustrações da *Histoire du Nouveau Testament*, enquanto sua mulher

¹ GOMES, Ordival Cassiano. *O pai de Rui*, p. 85-86.

² *Ibid.*, p. 86-87.

³ *Ibid.*, p. 87.

meditava sobre as *Novas Horas Marianas*. Ao primogênito Rui, não descurava "um só instante de segui-lo, vigiá-lo e orientá-lo",⁵ tornando-se o mais dedicado professor, a principal influência na sua formação moral e intelectual. É o próprio Rui quem atesta:

Os meus professores da língua portuguesa, os primeiros, senão os únicos, foram meus pais: minha mãe e meu próprio pai, pois, como é sabido, meu pai era homem dado a estes estudos, profundo conhecedor da língua portuguesa, estilista, orador e clássico. Meu pai foi o meu verdadeiro professor da língua portuguesa.⁶

João José "idealizou, para a educação do filho, um vasto programa de estudos, e, nesse particular, foi inflexível".⁷ Mesmo estando numa reunião, ao chegar a hora de explicar-lhe a lição, pedia licença e retirava-se. Até nos feriados, Rui tinha que fazer a lição em determinadas horas. Incutiu-lhe a devoção aos clássicos, sobretudo Vieira e Castilho (seus preferidos), a preocupação com a oratória e a "boa dicção"⁸, o "respeito à documentação em suas pesquisas".⁹

Com a dissolução da Câmara em 1863, João José elegeu-se deputado à Assembleia Geral do Império e veio morar no Rio até 1868, quando perdeu definitivamente o mandato e retornou à Bahia.

Não mais contando com o cargo de diretor geral do ensino provincial, sobrecarregado de obrigações financeiras e sem a ajuda de Maria Adélia, que falecera no ano anterior, tenta uma olaria. Amargurado pelas contrariedades e pelas decepções, vai acumulando dívidas e fracassos. Só a esperança no futuro do filho lhe ameniza a vida. É com orgulho e enlevo que atesta as suas primeiras vitórias numa carta ao conselheiro Albino, datada de 6 de agosto de 1874, três meses antes de sua morte, aos 56 anos. Assim escreve:

Com efeito, devo ao Rui muitos dias de vida, pelo quase orgulho que me vem de seu procedimento, e do seu bonito talento, que é tão incontestado, que V. não me levará a mal reconhecê-lo. Em 23 anos poucos o igualam; porque, muito aplicado, e com os dotes intelectuais que tem, meu filho propõe-se a escritor notável e a orador de primeira ordem.¹⁰

⁴ LACOMBE, Américo Jacobina. *À sombra de Rui Barbosa*, p. 2-3.

⁵ GOMES, Ordival Cassiano. *O pai de Rui*, p. 90.

⁶ BARBOSA, Rui. *Discursos parlamentares*, p. 180. (OCR, vol. 29, 1902, t. 5).

⁷ GOMES, Ordival Cassiano. *O pai de Rui*, p. 90-91.

⁸ LACOMBE, Américo Jacobina. *À sombra de Rui Barbosa*, p. 124.

⁹ LACOMBE, Américo Jacobina. *Rui escritor*, p. 12.

¹⁰ BARBOSA, Rui. *Mocidade e exílio*, p. 72.

Por sua vez, é assim que Rui recorda essa época no seu discurso na Convenção do Teatro Lírico em 1909:

Desde que a carreira pública de meu pai entrou a se desdobrar na minha, há 35 anos, quando, num teatro da Bahia, de que este é ampliada imagem, as mãos do velho liberal misturaram com as suas bênçãos os aplausos aos meus primeiros ensaios da tribuna popular na grande cena política [...]¹¹

Analisando a relação entre pai e filho, João Mangabeira diz:

Jamais um pai se refletiu e plasmou mais vivamente num filho que João José no seu. Fisicamente a mesma estatura, a mesma palidez, a mesma fragilidade aparente, encobrando, de fato, um organismo resistente. [...] Moralmente, porém, pai e filho tinham o mesmo diâmetro. A mesma paixão. A mesma flama. A mesma agressividade. A mesma falta de serenidade no julgamento dos adversários, a mesma falta de tato no conhecimento dos homens, a mesma falta de medida na reação. Ambos prontos na resposta, mordazes na réplica, ferinos na represália. Em ambos o mesmo ímpeto, o mesmo assomo, o mesmo orgulho. O mesmo espírito de luta, intransigência e sacrifício. Por amor de uma ideia, Rui iria, como seu pai, até às portas da miséria. Como seu pai, tão frágil quanto ele, ter-se-ia empenhado até em lutas físicas. Como o filho, João Barbosa não recuava de nenhum perigo. A coragem moral de um era a do outro. Igual, a coragem física. O mesmo horror à mentira, à hipocrisia, à dissimulação.¹²

João José foi um médico mal-aventurado na profissão, de "atitudes arrebatadas", incapaz "de guardar conveniências", "revoltado", "insatisfeito"¹³ e, por considerar-se um frustrado, foi um homem amargo, desiludido, severo, irritadiço, mas extremamente bem-educado e devotado amigo dos filhos.

Rui teve pela sua memória um culto profundo. Não só herdou-lhe as dívidas, mas também os rancores políticos e as antipatias pessoais. [...] Não é somente o sucessor: é o vingador das frustrações paternas. [...] As relações entre as duas fortes personalidades nem sempre foram fáceis.¹⁴

Eram ambos orgulhosos, mas afetuosos, e admiravam-se reciprocamente.¹⁵

¹¹ BARBOSA, Rui. *Excursão eleitoral*, p. 45. (OCRB, v. 36, 1909, t. 1).

¹² MANGABEIRA, João. *Rui, o estadista da República*, p. 359-360.

¹³ GOMES, Ordival Cassiano. *O pai de Rui*, p. 95 e 17.

¹⁴ LACOMBE, Américo Jacobina. *À sombra de Rui Barbosa*, p. 3-4.

¹⁵ Cf. ATAÍDE, Raimundo. *Rui na intimidade*.

Presença materna

Imagem da bondade e da pureza, que verteste em minha alma a felicidade do sofrer e do perdoar, que me educaste no espetáculo divino do sacrifício coroado pelo sacrifício, carícia do céu na manhã dos meus dias, aceno do céu no horizonte da minha tarde, anjo da abnegação e da esperança, que me sorris no sorriso de meus filhos, espírito sideral de minha mãe...
[BARBOSA, Rui. *Visita à terra natal*, p. 28.]

O anjo bom da infância de Rui foi sua mãe, Maria Adélia, nascida em 18 de agosto de 1818. "Calma e bem-educada",¹ "amena de trato, prendada, de formação religiosa, amenizava o rigor do pai na educação do filho".² Dela Rui herdou a exagerada sensibilidade, as virtudes do coração. Para ele e sua irmã Brites "não havia ninguém melhor do que Maria Adélia deixando-os correr pela casa com os filhos dos escravos".³ Na ausência de João Barbosa, Maria Adélia não permitia que o filho se entregasse a leituras excessivas. Foi uma mulher valorosa que, logo cedo, compreendeu "que o marido não estava disposto ao sacrifício do seu direito de sonhar com triunfos imaginários. [...] Mesmo quando as dívidas começaram a acumular-se, ele não modificou os seus hábitos, continuando a anotar clássicos portugueses, manusear escritores ingleses e trabalhar no jornal [*O Século*] gratuitamente".⁴

Decidiu mobilizar "os escravos da casa, organizando pequeno fabrico de doces" e, daí então, "não pediu mais dinheiro ao marido".⁵ Provada pelos reveses do marido, não desejava que Rui sofresse os mesmos desenganos, preferia torná-lo um pacato pai de família, magistrado ou advogado, a vê-lo envolvido na política. O que realmente a contrariava era a briga de família entre seu irmão Luís Antônio e João José, motivada por querelas políticas que degeneraram em agressões pessoais na imprensa e no Parlamento.⁶ No instante em que Rui se identificou com o ódio paterno, ela sofreu mais ainda, tornou-se uma pessoa acabrunhada e, em 16 de junho de 1867, faleceu de "moléstia interna", aos 49 anos. Rui não estava em casa para assisti-la nos últimos instantes, mas foi assim que expressou a sua dor:

¹ VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 5.

² PEREIRA, Edgar Batista. *A casa de São Clemente*, p. 15.

³ VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 9.

⁴ *Ibid.*, p. 8.

⁵ *Ibid.*

⁶ *Ibid.*, p. 18.

A imagem querida de minha mãe desapareceu um dia de cima da terra, sem que eu pudesse abraçá-la ao partir, sem que eu tivesse a amarga ventura de fechar-lhe os olhos, nem de colher-lhe dos lábios as últimas pérolas de sua alma.

Então, ... achei os livros mudos, a razão muda, e a filosofia estéril. Chorei e abracei-me à cruz. Foi a fé que me salvou.

Hoje a recordação daquele grande espírito dorme no seio de minha alma embalsamada pelo amor e pela saudade.⁷

⁷ BARBOSA, Rui. *Primeiros trabalhos*, p. 160.

Irmãos

Brites

A irmã Brites, um pouco mais moça que Rui, "não ocupa muito espaço na biografia dele".¹ Os dois irmãos se correspondiam quando longe um do outro, sobretudo se felicitavam nos aniversários. Que Brites sentia ciúmes justificados da preferência do pai por seu irmão é provável, mas apesar disso, eram amigos e "entendiam-se perfeitamente bem".² Ao falar com ela, Rui adquiria a postura de irmão mais velho. Conta-se que para estimulá-la no estudo do piano procurou acompanhá-la nas aulas, mas algum tempo depois desistiu, pois "a música não era o seu forte".³

Com a morte de João José em 1874, Rui tornou-se o chefe da família; era sua intenção renunciar os valores da casa em favor da irmã, mas, assumindo os encargos e as dívidas do pai, viu-se impelido a pedir a adjudicação dos bens. Dois anos depois, Rui preparou o enxoval do casamento de Brites com Januário da Silva Lopes, negociante,⁴ e, para isso, contraiu o empréstimo de oitocentos mil-réis com a firma Teixeira Queirós & Hasselmann, sob a garantia de Manuel Pinto de Sousa Dantas Júnior. Numa carta ao conselheiro Albino, datada de 1º de março de 1876, Rui comunicou o casamento para o dia 22 de abril desse ano e deu suas impressões do cunhado:

Anuí à aliança de minha irmã, porque não tinha motivos de contrariá-la. Tudo quanto, pelos meios possíveis, pude colher acerca do noivo, já da sua pessoa, já da sua vida quer de portas adentro, quer de portas afora, induz-me a crê-lo capaz de merecer a mão de Brites, e a prever nele um bom pai de família. Pelo que toca a meios de subsistência, tem-nos até hoje quantos bastem para viver independente. É negociante, em começo ainda, é verdade, mas que permitindo Deus, pode vir a ser muito feliz. É até onde humanamente me era lícito a mim calcular. Quanto ao mais, está nas mãos de Deus, que é de quem todos afinal dependemos.⁵

Brites teve uma filha, Amália, e em 2 de março de 1879 morreu na Bahia em consequência do parto de seu segundo filho, Cristiano. Rui era deputado geral e morava no

¹ LACOMBE, Américo Jacobina. *À sombra de Rui Barbosa*, p. 4.

² VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 20.

³ Ibid.

⁴ Cf. Ibid., p. 58. Carlos Viana Bandeira (*Lado a lado de Rui*, p. 169) menciona a ocupação de "corretor".

⁵ BARBOSA, Rui. *Mocidade e exílio*, p. 83.

Rio. Acabrunhado, escreveu a amigos seus e de seu pai externando toda a amargura, a dor de sua família "ceifada com tanta pressa pela morte".⁶

Clímaco Ananias

Sabe-se que Rui teria um irmão natural, fruto de uma relação amorosa de seu pai, na mocidade, oito anos antes do seu casamento com Maria Adélia. É Clímaco Ananias que se declara como tal, numa carta a Rui, datada de 26 de maio de 1894.

Clímaco era filho de Águeda Constança da Silva e Amaral, nasceu na Bahia em 21 de janeiro de 1840 e faleceu no Rio de Janeiro em 22. de agosto de 1912. Formou-se em medicina na faculdade do Rio em 1864 e chegou a exercer a clínica em São Paulo. Em 1885 era secretário da comissão encarregada das homenagens póstumas a José Bonifácio, o moço, e, por indicação sua, Rui foi convidado orador oficial da cerimônia.

Talvez porque pairasse alguma dúvida quanto a essa paternidade, João José jamais aludiu à existência desse filho com quem quer que fosse. Parece que Rui também não queria admitir o fato: no inventário do pai, em 1875, afirma que João José deixara apenas dois filhos, ele e Brites, sua irmã. Também ao requerer o *habeas corpus* em favor dos presos de 1892, o nome de Clímaco estava na lista, só que simplesmente grafado com o Barbosa em vez de Barbosa de Oliveira. Numa única oportunidade, no discurso na Imprensa Nacional em 13 de novembro de 1890, Rui evoca a Bahia, "donde era a família que me foi o berço: pais amados, irmão e irmã estremecidos",⁷ e assim admite a existência de um irmão, talvez porque Clímaco estivesse presente no momento. O que se pode afirmar é que este "era recebido com deferência e mesmo com especial carinho" na casa do conselheiro Albino, primo de João José, e por Rui, "com intimidade"⁸ de amigo, jamais com honras de parente. Tudo leva a crer que, embora a existência de um irmão de Rui fosse revestida de certa discrição, ninguém ignorava o fato. Nas Obras Completas de Rui Barbosa (v. 22, t. 1, 1895, p. 349), há uma carta do comandante do distrito militar da Bahia, general Inocêncio Galvão de Queirós, encarregado de prender Rui no seu retorno de Buenos Aires, na qual relata que a bordo da lancha *Luci*, no

⁶ Carta a Olímpio e Dalmácio Chaves, 12 de março de 1879. In: BARBOSA, Rui. *Correspondência de Rui*, p. 45.

⁷ BARBOSA, Rui. *A Constituição de 1891*, p. 361.

⁸ RUI, Afonso. Velhos papéis de família, p. 4.

Rio, Clímaco Barbosa esperava seu irmão e o ajudou a se transferir do navio *Madalena* para o *Aquidabã*.

No Arquivo da FCRB há muitas cartas de Clímaco a Rui, todas mais ou menos de caráter íntimo, algumas referindo-se a Lício, seu filho, que também se correspondia com Rui, tratando-o por tio e padrinho.

Maria Augusta, a companheira

Meu pai me deu o caráter; minha mãe me deu o coração, e minha mulher, a âncora do meu coração e do meu caráter. O que a ela devo é tanto que toda a minha vida a ela imolada seria apenas uma exígua parte da minha dívida.

Desde que a encontrei, [...] tornou-se ela o princípio e o fim da minha existência.

Hoje, volvendo os olhos ao caminho que tenho percorrido, e aos 43 anos de comunhão com a companheira de minha existência, vejo que ela constitui a parte melhor do meu coração e me tem dado a melhor parte de sua vida.

[BARBOSA, Rui. Palavras de agradecimento e saudade. In:_____. *Campanha da Bahia*, p. 273-274.]

Maria Augusta (23 de outubro de 1855- 27 de abril de 1948) foi uma figura marcante na vida de Rui. Era a penúltima dos cinco filhos – Adelaide (Sinhá), José (Casusa), Alfredo (Alfredinho), Maria Augusta (Cota ou Cotinha) e Carlos (Carlito) – do modesto funcionário público Alfredo Ferreira Bandeira, de tradicional família baiana, e de Maria Luísa Viana Ferreira Bandeira. Mais alta que Rui, extremamente atraente, tinha um porte esguio, um andar gracioso e altivo, uma atitude quase irritante, se bem que natural, que lhe dava um ar de grande dama. "Os cabelos ondulados, o nariz perfeito, boca bem talhada, dentes pequenos e alvos."¹

Cosia os seus vestidos; era bem recebida nos salões elegantes de Salvador; sobretudo era muito chique. [Ela e sua irmã Adelaide] formavam um par alegre, e onde estivessem era certo não ficar ninguém triste. Tocavam, cantavam, organizavam jogos de prendas, promoviam diversões adequadas aos salões e em roda delas logo se formava um círculo de admiradores.²

Um amigo da família, o médico Salustiano Ferreira Souto, foi quem apresentou Rui e seu amigo Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas a Maria Augusta. Na véspera da apresentação, ela dissera, por pilhéria, que com um deles haveria de casar-se. Noutra ocasião, num entrudo, eles tornaram a aparecer em sua casa. "Rodolfo envolto num lençol" e Rui "com a farda de chefe de polícia que pertencera ao Conselheiro [Manuel Pinto de Sousa Dantas]".³ Enquanto Rui "era baixo, feio, calado, pobre", Rodolfo era um belo homem, galante e sem problemas de

¹ PEREIRA, Edgar Batista. *A casa de São Clemente*, p. 36.

² VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 56-57.

³ BARBOSA, Francisco de Assis. *Rui Barbosa visto por sua esposa...*, p. 45.

dinheiro. Depois de certa indecisão ela definiu-se; da parte de Rui, a paixão foi "rápida e violenta",⁴ e durou toda a vida.⁵

Casaram-se em 23 de novembro de 1876, ela aos 21 e ele aos 27 anos, já no início de sua brilhante carreira de advogado, orador e jornalista. Para alguns, talvez, Maria Augusta não fosse a mulher ideal para um intelectual, mas ela tinha o senso da realidade e ajustou-se admiravelmente ao marido. Tratava-o sempre com muito carinho, chamando-o "meu filho".

Admirava o talento e a força de vontade do marido. Luís Viana Filho afirma que se enganavam aqueles que, vendo-a altaneira e bela, acreditavam na sua influência sobre as deliberações do marido. Na verdade, ela contribuía para determinadas resoluções, sobretudo na vida particular, mas era ele sozinho que tomava seus próprios rumos.

Perto de Cota, como Rui a chamava, os desânimos e contrariedades iam-se embora depressa. Nesses instantes ele desabafava sem nenhuma censura e ela se desdobrava solícita e protetora, sabia ouvi-lo, acalmava-o e o estimulava.⁶ Embora fossem de temperamentos diferentes, os dois "se completavam": Rui, passional, "vibrante, tempestuoso, às vezes triste"; Maria Augusta, "sempre serena, tão natural, em que cada gesto parecia corresponder a uma atitude interior de pacificação".⁷

De fato,

na intimidade, Rui tinha os seus repentes. Certas circunstâncias súbitas, às vezes desconhecidas dos que o rodeavam, faziam-no tomar atitudes bruscas, inesperadas, a revelarem gênio impetuoso e vontade pertinaz, em verdadeiros caprichos. Dona Maria Augusta era nestes momentos o anjo tutelar, que o conduzia para a melhor solução.⁸

Tobias Monteiro, secretário de Rui quando este foi ministro da Fazenda, contou como era o seu "temperamento, o seu gênio, quando ele disparava. Era uma verdadeira fera, um tigre. Quando ele ficava zangado era uma coisa horrorosa. Vocês não fazem ideia do que era a fera sem a domadora".⁹ Trancava-se no quarto e não queria receber ninguém, até que Maria Augusta decidia resolver o caso: batia na porta chamando-o "meu bem, meu bem", ele abria, ela entrava e "a crise se resolvia". Ele a respeitava, era muito educado; jamais permaneceu de

⁴ VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 57.

⁵ Cf. ATAÍDE, Raimundo. *Rui na intimidade*, p. 65.

⁶ Cf. VILLAÇA, Antônio Carlos. *O lado humano*.

⁷ DEPOIMENTO de Lucila Batista Pereira. In: LACOMBE, Américo Jacobina; PEREIRA, Lucila Batista. *D. Maria Augusta Rui Barbosa*, p. 11.

⁸ NOGUEIRA, Ataliba. *Rui Barbosa e Campinas*, p. 299.

⁹ Depoimento de Américo Jacobina Lacombe em 21 de abril de 1976 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

chapéu na cabeça na presença da esposa, e "não fazia nada que contrariasse frontalmente a vontade dela".¹⁰

Para o espírito de Rui "atormentado, pessimista e desencantado, ela era a paz, o porto seguro. Em Cota ele encontrava a doçura, a compreensão e o descanso. Ela era simples, acessível, tranquila e equilibrada".¹¹ Tremendamente agradável, esplêndida [...] não tinha quase cultura nenhuma [...] pouco acima da primária [...] recebia todo mundo sorrindo e agradavelmente. [...] Era uma pessoa jeitosa, sem ter grande elevação intelectual.¹²

Baby recorda a paixão de Rui por sua mulher:

Nunca vi paixão assim na minha vida. Se ela falecesse primeiro, acho que ele não resistiria. Não que ela gostasse menos dele do que ele dela, mas é que papai tinha um temperamento assim muito afetivo; mamãe também, mas ele tinha uma paixão louca por ela.¹³

Rui sentia ciúmes (que ele chamava de "zelo"¹⁴) de Cota. "Quando julgava demasiado seu decote, ou muito justo o talhe do vestido, pretextava dor de cabeça para não ir ao teatro."¹⁵ Certa ocasião, numa festa nos salões do barão de Nova Friburgo, Maria Augusta não pôde escusar-se a uma contradança com um convidado do barão: Rui "inopinadamente retirou-se".¹⁶

Com os filhos, ela era liberal e fraca. "Ocultava as coisas que eles faziam, para o marido não se aborrecer, e com isso prejudicou muito."¹⁷ "Era uma pessoa fabulosa, bastante avançada para a mentalidade da época. João (seu filho) era um sujeito conversador, brincalhão, alegre e gostava de contar-lhe anedotas",¹⁸ "piadas" e ela "se divertia, ria a morrer".¹⁹

¹⁰ Ibid.

¹¹ Depoimento de Stella Maria Batista Pereira em 25 de junho de 1985 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

¹² Depoimento de Américo Jacobina Lacombe em 21 de abril de 1976 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

¹³ Depoimento de Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra (Baby) em 10 de abril de 1975 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

¹⁴ PEREIRA, Edgar Batista. *A casa de São Clemente*, p. 37.

¹⁵ SOUSA, Antônio S. de. Rui esposo, p. 114.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Depoimento de Américo Jacobina Lacombe em 21 de abril de 1976 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

¹⁸ Depoimento de Charles Brooking em 19 de setembro de 1985 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

¹⁹ Depoimento de Irene, esposa de Rui Barbosa Neto, em 23 de agosto de 1976 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

Maria Augusta era uma mulher maravilhosa que serviu e serve de exemplo. [...] Soube envelhecer e conservar o espírito alegre de uma pessoa jovem [...] fazendo com que os netos a procurassem como se fosse da idade deles. Ela nos proporcionava horas muito alegres com sua conversa sempre atualizada.²⁰

Certa vez reuniu apenas os netos para seu aniversário. A filha Chiquita reparou não ter sido convidada; a mãe disse-lhe não querer saber de velhice, que estava se divertindo a valer e que sua filha viria falar de doença.

²⁰ Ibid.

Vida de família

A minha boca nunca se manchou com palavras que desapreciem a moralidade, o pudor e o dever; porque esses sentimentos me vêm do fundo d'alma: não são o sobredoidado ténue e fugaz da hipocrisia. Meus filhos não ouviram jamais de mim uma frase, que diante deles me pudesse fazer baixar os olhos. Sempre lhes disse com o calor da verdade que amo cada vez mais o trabalho, que o consolo único da nossa existência, *tudo o que se leva desta vida*, são as ações boas, e que a honra é a primeira das condições da felicidade.

[BARBOSA, Rui. *Esfola da calúnia*, p. 161.]

Numa entrevista datada de 13 de agosto de 1930, Maria Augusta conta a dedicação e ternura de Rui pela família, a sua preocupação com o bem-estar e educação dos filhos. Segundo ela, ele não se isolava lendo e escrevendo; era um homem cumpridor dos deveres domésticos, interessado por tudo, desde a decoração, o conforto, até a manutenção da casa.

Seu gosto combinava plenamente com o da esposa. "Era ele quem escolhia as alfaias, os móveis, os cristais, os quadros, todos os adornos",¹ enquanto ela se encarregava da colocação e arranjo dos mesmos, uma vez que não havia essa ideia de decoração.²

Quando subiam para Friburgo, prevendo que pudesse haver escassez de gêneros alimentícios, levava na bagagem caixotes contendo um pouco de tudo [...] Colocava o arroz e o feijão em latas, dispunha com graça as réstias de cebolas e os alhos e depois chamava a esposa: "Maria Augusta, vem ver a tua despensa se está bonita".³

Numa ocasião, como sua filha Baby ficasse desolada por ter queimado os bolinhos no forno quente demais, Rui mostrou entender de culinária, aconselhando-a a colocar as formas em banho-maria. Inquirido sobre como aprendera, respondeu-lhe: "Li isso na *Seleta*, não faz muito tempo."

Nas festas de aniversário de Maria Augusta, Rui enchia a casa de flores do seu jardim, espalhava plantas pelas salas e corredores e, ainda, comprava braçadas de flores, até que todas as dependências ficassem enfeitadas e seus olhos, satisfeitos.

Era um homem de largos gestos de ternura, como este contado por Maria Augusta:

¹ RUI Barbosa íntimo.

² Depoimento de Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra (Baby) em 10 de abril de 1975 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

³ BARBOSA, Mário de Lima. O feitio de Rui Barbosa, p. 176.

Na véspera de um Natal, quando sustentava violenta campanha, achou meios e modos de trazer uma árvore de Natal sem que eu visse. Escondeu-a no Gabinete Branco [hoje Sala Código Civil], e só me mostrou acesa e cheia de brinquedos."⁴

Gostava de movimento, de gente, barulho, conversa; quando estava em casa "os filhos vinham sempre ficar a seu lado".⁵ No seu papel de pai era "um homem como qualquer outro, sentimental, afetuoso, cheio de ternura para a mulher, e de cuidado com os filhos".⁶ Seu amor por estes "se era extremo, como demonstrava, não lhe avassalava, entretanto, o sentimento do dever paterno".⁷ Logo cedo preocupou-se com a educação dos filhos. Matriculou Maria Adélia (Dedélia) e Alfredo Rui (Ruizinho) nas aulas do professor João Köpke que dirigia um instituto na rua Real Grandeza. Dedélia progrediu nos estudos, enquanto Ruizinho, por sua vivacidade, mantinha o pai alerta. Na primeira gazeta do menino, Rui mandou cortar-lhe o cabelo à escovinha e decidiu enviá-lo para um centro educacional em Zurique. Para isso, encarregou o amigo da juventude Frederico Hasselmann, que, por intermédio de parentes e relações na Europa, resolveu os problemas de viagem, matrícula e indicação de um correspondente.⁸ Numa carta a esse amigo, confessou a preocupação em dar a Ruizinho "uma educação séria, que lhe cultive o coração, que lhe discipline o caráter, que lhe robusteça o corpo, e uma instrução sólida, prática, que o habilite a servir-se da sua inteligência como de um instrumento real de felicidade e progresso para si e para os seus semelhantes".⁹

Impedido de continuar mantendo seu instituto, por causa das dificuldades financeiras, o professor Köpke fechou sua escola. Rui, que já vinha acompanhando com vivo interesse os estudos de Isabel, filha mais velha do seu primo e amigo Jacobina (Antônio d'Araújo Ferreira Jacobina), no Colégio Progresso da professora americana Eleonor Leslie Hentz, na rua Conde de Bonfim, internou aí suas filhas Dedélia e Francisca (Chiquita). A educação de seu filho João, confiou aos cuidados dos padres jesuítas do Colégio Anchieta de Friburgo, internato cuja disciplina e métodos de ensino observara e acreditara formar o espírito e o coração. João, muito mimado pelos pais, nasceu quando Rui já havia passado dos quarenta anos. Rui achava-o sensível, com pendores para as artes da pintura e da música. Cheio de esperanças no futuro

⁴ RUI Barbosa íntimo.

⁵ Depoimento de Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra (Baby) em 10 de abril de 1975 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

⁶ VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 220.

⁷ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 29.

⁸ *Ibid.*, p. 29.

⁹ Cf. VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 220.

do filho, correspondia-se com o diretor, padre Luis Yábar e frequentemente visitava o colégio, chegando até a hospedar-se com os jesuítas.¹⁰

Sempre se mostrou desvelado com os filhos; embora não lhes poupasse as faltas, defendia-os das injustiças. Quando o deputado Augusto de Freitas duvidou das afirmações políticas de Ruizinho, Rui saiu em defesa do filho:

Fraco no estudo, nunca, porém, os seus mestres lhe negaram inteligência e capacidade. Passando aqui pelos melhores colégios, e educando-se quase quatro anos na Europa, formou-se depois na Escola Naval, e ultimamente cursou uma das nossas faculdades jurídicas, onde se bacharelou em direito. [...] É um filho de que seu pai se preza. Porque, aos olhos de seu pai, o valor dos homens está não tanto nas primazias da inteligência, quanto nas prendas d'alma. Meu filho é limpo, é cortês, é moderado. Não tem vícios, nem hipocrisias, nem presunção. Não mente, não trai, nem bajula. [...] É um caráter honesto, um excelente pai de família e um cidadão sem manchas na sua vida.¹¹

Noutra ocasião, João Rui foi reprovado no exame preparatório de francês, e Rui, convencido de que o menino fora injustiçado por ser seu filho, solicitou a José Veríssimo, diretor do externato do Ginásio Nacional (Colégio Pedro II), sindicarem o abuso, e reparar a injustiça.¹²

Dedélia se converteu "com sua inteligência finamente cultivada, sua bondade extremada e sua forte resignação diante da adversidade, no maior bem do coração de Rui".¹³ Ele, numa carta de Londres a Jacobina, em 17 de fevereiro de 1895, conta: "Esta minha filhinha cada vez nos dá mais provas de uma bondade extraordinária, que me faz ao mesmo tempo muito feliz e muito triste".¹⁴ Casada e com filhos, continuou morando em sua companhia e tornou-se a "cooperadora em horas ainda as menos atarefadas, e a assistente angelical nos momentos mais amargos. [...] Na casa de São Clemente o nome de Dedélia enchia gratamente todos os corações, sem queixas nem ciúmes".¹⁵

Chiquita também era objeto dos cuidados paternos, e, mesmo depois de casada, Rui não se esqueceu de estabelecer-lhe uma mesada.

Maria Luísa Vitória, a Baby, a última dos seus cinco filhos, nascida nos dias tristes do exílio, estudou durante seis anos no internato do Colégio Sacré Coeur da Tijuca. Ela, que seria

¹⁰ Cf. VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 281.

¹¹ *Ibid.*, p. 315.

¹² Cf. carta de Rui Barbosa a José Veríssimo em 6 de janeiro de 1897. Original no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

¹³ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 8.

¹⁴ BARBOSA, Rui. *Mocidade e exílio*, p. 291.

seu "ministro da Fazenda caso Rui se tornasse presidente", por ser solteira, ainda, teve seu futuro garantido com o seguro da Sul América de cinquenta contos de réis. A família se completaria com um sexto filho, gerado no intervalo entre João e Baby, e natimorto aos seis meses de vida intrauterina. Por intermédio de parentes, Baby soube que Rui chorou de pesar. Ela afirma que, embora os pais dissessem não ter preferências por quaisquer de seus filhos, João era o preferido de seu pai.

Com os netos era "terno e bondoso e apenas se zangava, quando tentavam desarrumar-lhe a biblioteca".¹⁶ Não concordava que Maria Augusta "proibisse a entrada deles no seu gabinete de trabalho".¹⁷ Interrompia os estudos e afazeres da maior responsabilidade para dar-lhes atenção. Deixava-se ficar horas inteiras brincando ou lendo e relendo histórias da Carochinha¹⁸ ou ouvindo sua neta Lucila "fingir ler".¹⁹

Era disciplinado, "amigo da ordem na arrumação dos seus objetos".²⁰ Conta-se que certa vez em Petrópolis voltou ao quarto depois de haver descido as escadas, ao lembrar-se de que não havia arrumado os chinelos debaixo da cama.

¹⁵ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 8.

¹⁶ VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 314.

¹⁷ RUI Barbosa íntimo.

¹⁸ Cf. BARBOSA, Francisco de Assis. *Rui Barbosa visto por sua esposa...*, p. 49.

¹⁹ COSTA, Antônio Joaquim da. *Rui Barbosa na intimidade*, p. 48.

²⁰ NERY, Fernando. *Rui Barbosa*, p. 184.

Amigo das crianças

Às vezes me parece que a página mais maviosa do Evangelho é a predileção do Cristo pelos meninos, a mais divina e a mais humana de todas: a que nos deixa parecermo-nos de longe com o Nazareno, sorvermos deliciosamente como um favo de mel toda a pureza de sua doutrina, toda a benignidade de sua palavra. Mas o Evangelho mesmo não soube reproduzir a linguagem de Jesus às crianças... ou o próprio Jesus não lhes soube falar, senão afagando-as.

[BARBOSA, Rui. *Visita à terra natal*, p. 37.]

Rui "era amigo das crianças". Gostava de conversar com elas. "Era paciente, compreensivo e carinhoso."¹

Américo Jacobina Lacombe tinha nove a dez anos quando foi à casa de Rui pela primeira vez, levado pela mão de sua avó Francisca Jacobina. Ele recorda que "ouviu do 'primo Rui' a história maravilhosa de João Felpudo, contada na varanda da sua casa em Petrópolis".² Noutra visita, desta vez à casa de São Clemente, ficou muito impressionado quando Maria Augusta lhe mostrou as estantes e os livros mais bonitos da biblioteca.³

Em frente à Vila Maria Augusta havia uma habitação coletiva, onde moravam diversas crianças, que se divertiam esperando a saída de Rui para abrir-lhe o portão. Ele sorria e atirava-lhes alguns níqueis. Um dia, alguém lhe observou que, na disputa pelas moedas, os pequenos estragavam o gramado. Rui respondeu que era preferível ver a grama pisada a ver os meninos atropelados, acrescentando que tinha dois jardineiros para cuidar do jardim.

¹ MONTEIRO, Diógenes B. Rui Barbosa. p. 111.

² BARBOSA, Francisco de Assis. Rui Barbosa visto por sua esposa..., p. 49.

³ Depoimento de Américo Jacobina Lacombe em 21 de abril de 1976 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

Serviçais

Nem queremos deixar sem um sinal de lembrança os velhos e fiéis criados da nossa casa, agora dispersa, especialmente a Emília e o Luís.

[Carta de Rui Barbosa a Antônio Batista Pereira, de São Paulo, em 14 de dezembro de 1910. Manuscrito no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.]

Quando casou, Rui tinha a seu serviço duas escravas, Judite e Lia, herdadas de sua irmã Brites, que ele alforriou antes do 13 de maio, "para mantê-las a aluguel".¹ Elas o acompanharam quando a família se transferiu para o Rio, mas, na época em que Rui morava no Flamengo, voltaram para a Bahia. Judite era inteligente e todos elogiavam "a clareza com que levava e trazia recados em época anterior ao telefone".² Lia era a cozinheira.

Nomes como Sinfrônio, cozinheiro baiano, que gostava de conversar com José Lucas, caboclo forte, corajoso e caladão, ajudante de copeiro e também encarregado da segurança da casa do Flamengo, e Sérgio, também cozinheiro, são lembrados pelo cunhado de Rui, Carlos Viana Bandeira, como empregados da família nessa época.

Quando Rui e a família moraram em Londres, Sérgio e José Lucas eram os responsáveis pela guarda da casa da rua São Clemente, por recomendação do mesmo cunhado de Rui, Carlos Viana Bandeira. De volta do exílio, Rui trouxe duas *nurses*: a de Joãozinho – Miss Santos, espanhola educada na Inglaterra, que demonstrava muito afeto ao menino e que depois de alguns anos na companhia da família, retornou a sua terra natal; a de Baby – inglesa, Amy Jered, mais velha que a outra *nurse*, viúva de dois policiais ingleses, dos quais recebia um soldo e que, no contrato com os patrões, além do ordenado, fez figurar o provimento da cerveja; ela permaneceu no Brasil durante cerca de oito anos.

"Numerosa era a criadagem em São Clemente",³ com um responsável para cada função, contratado pela dona da casa: cocheira, horta, jardim, mordomia, cozinha, copa e quartos. Eram vários empregados: o cozinheiro Sérgio com o ajudante; o copeiro João e seu auxiliar; uma empregada a serviço de Maria Augusta (Baby lembra de Maria Ferreira, portuguesa); três jardineiros, dentre eles, o Antônio, o chefe, o mais velho; Luís, "o homem de confiança entre os servidores da casa", que "deixou o trabalho, para fazer-se banqueiro de

¹ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 6.

² *Ibid.*, p. 6.

³ *Ibid.*, p. 63.

jogo do bicho";⁴ e Matias, que trabalhava duas vezes ao mês; Luciano Carneiro, o cocheiro português, que depois passou a motorista; Benedito, o encerador; Benito, espanhol, empregado doméstico; Alípio, vendedor de bicicletas, que, mais tarde, se tornou motorista de Rui Barbosa.

Além desses figuravam: Emília de Jesus, velha governanta portuguesa, "pequena e magra, que cuidava do quarto de vestir do 'Senhoire' Conselheiro [...] e recebia os recados para o 'Senhoire' Joãozinho",⁵ "resmungenta e birrona, coração de ouro";⁶ e Antônio Joaquim da Costa, também português, aos 29 anos de idade, no dia 2 de julho de 1909, começou a trabalhar como mordomo para a família Rui Barbosa. Fora empregado do presidente Afonso Pena. Perdeu o emprego com a ascensão de Nilo Pessanha. Conta ele que nos primeiros dias viu que os empregados faziam política interna, que eram muitos a dar ordens na casa e por esse motivo comunicou a Maria Augusta não poder continuar trabalhando. Ela pessoalmente resolveu o problema, conversando e promovendo a concórdia entre os serviçais, uma vez que

se preocupava muito com o tratamento de seus empregados. Tinha mesmo o cuidado de recomendar sempre que queria a mesa farta. Quase todos os dias, para melhor observar, descia à sala de almoço dos empregados na hora da refeição. Era sempre recebida com respeito e carinho, porque a sua presença, sempre alegre e risonha, irradiava simpatia.⁷

É ainda Antônio quem diz: "Meu patrão era um homem bom, muito simples e discreto. Moderado e educado, nunca o vi zangado proferindo impropérios, mesmo nos momentos mais difíceis da política. Sempre calmo, bem-humorado, fazia gosto servi-lo".⁸

O pagamento dos empregados e das despesas de armazém e confeitaria era feito por Maria Augusta, no primeiro dia de cada mês. Todas as noites o cozinheiro recebia o dinheiro para fazer as compras de açougue e quitanda no dia seguinte.

⁴ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 219 e 298.

⁵ COSTA, Antônio Joaquim da. *Rui Barbosa na intimidade*, p. 15.

⁶ PEREIRA, Edgar Batista. *A casa de São Clemente*, p. 38.

⁷ COSTA, Antônio Joaquim da. *Rui Barbosa na intimidade*, p. 54.

⁸ Apud ATAÍDE, Raimundo. *Rui na intimidade*, p. 70.

Rui, para os empregados e os mais humildes, "nunca teve uma palavra áspera, nunca deu uma ordem com imposições, nunca negou um obséquio de fácil realização".⁹

⁹ MENESES, Nazaré. *Rui Barbosa*, p. 57.

Vida social

Eu sou daqueles que respeitam a amizade ainda depois de extinta; timbro em observar rigorosamente essa norma. Se as circunstâncias políticas, tão dolorosas muitas vezes para os homens de coração, me obrigam alguma vez a me achar com meus amigos de ontem em campos opostos, guardo para com eles uma lealdade cuja observância é o meu maior prazer: respeito-lhes a honra e na sua reputação procuro guardar igualmente a garantia da minha. Mas se um dever público da humanidade, da ordem deste que se nos está impondo atualmente, clama pela minha consciência, não a posso trair. Carrego a cruz da minha responsabilidade, com todas as suas consequências, mas sem esquecer os meus deveres, ainda mesmo para com as boas relações extintas.

[BARBOSA, Rui. *Discursos parlamentares*, p. 117-118. (OCRB, v. 38, 1911, t. 1).]

Amigos e inimigos estão, amiúde, em posições trocadas. Uns nos querem mal, e fazem-nos bem. Outros nos almejam o bem, e nos trazem o mal.

Não poucas vezes, pois, razão é lastimar o zelo dos amigos, e agradecer a malevolência dos opositores. Estes nos salvam, quando aqueles nos extraviam. De sorte que, no perdoar aos inimigos, muita vez não vai somente caridade cristã, senão também justiça ordinária e reconhecimento humano. E, ainda quando, aos olhos do mundo, como aos do nosso juízo descaminhado, tenham logrado a nossa desgraça, bem pode ser que, aos olhos da filosofia, aos da crença e aos da verdade suprema, não nos hajam contribuído senão para a felicidade.

[BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*, p. 18.]

Os frequentadores da Vila Maria Augusta "não eram políticos, eram amigos íntimos. [...] O ambiente da casa era familiar, tranquilo, com muitos parentes visitando sempre e muitos amigos [...] a casa cheia e com muito movimento".¹ Os visitantes mais assíduos: Artur Imbassaí, Carlos Nunes de Aguiar, desembargador Palma, Rubem Tavares eram "comensais mais efetivos";² Júlio de Mesquita, que se orgulhava de ter encontrado em Rui, desde que o conheceu, invariável amizade pessoal e confiança, sobre a qual não pairou, um instante sequer, a sombra da mais leve suspeita";³ Licurgo José de Melo, irmão do Almirante Custódio

¹ Depoimento de Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira em 25 de junho de 1985 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

² Depoimento de Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra (Baby) em 10 de abril de 1975 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

³ MESQUITA, Julio de. Reminiscências.

de Melo, Sancho de Barros Pimentel, José Gonçalves e Artur de Carvalho Moreira (filho do barão de Penedo).

No governo Afonso Pena, a Vila Maria Augusta tornou-se a "Meca dos políticos baianos, sobretudo dos deputados".⁴ Quando aconteceu a cisão do Partido Republicano da Bahia, na sucessão do governador José Marcelino, Rui representava o Brasil na Segunda Conferência da Paz em Haia. A partir daí, as visitas dos partidários de Severino Vieira escassearam, enquanto os liderados por José Marcelino continuaram a frequentar a Vila Maria Augusta: José Augusto de Freitas, o Freitinhos, os Mangabeiras (João, o discípulo dileto, e Otávio, que se tornaram íntimos amigos de Rui), Virgílio de Lemos, Elpídio de Mesquita, Leovigildo Filgueiras, José Alfredo de Campos França, Artur Pedreira Franco, Ernesto Simões Filho, Pedro Lago e Fiel Fontes.

Francisco de Castro, seu médico, "cuja amizade ele tinha na conta de dádiva dos céus"⁵ e João de Assis Lopes Martins, dedicado amigo, "constante companheiro nos cinemas e na ida ao Senado",⁶ também frequentavam assiduamente a casa de São Clemente.

Das amigas de Maria Augusta, as mais íntimas eram Iaiá Mangabeira (Constança, mulher de João Mangabeira), Sinhá Azeredo (Bernardina, mulher de Antônio Azeredo) e Maricota Gordilho,⁷ que costumavam tomar o chá das cinco.

Rui ria pouco;⁸ era naturalmente grave e só se punha à vontade em ambiente íntimo. Era "sentimental e emotivo, [...] simples e bom, [...] humano e sensível, [...] sem pose estudada ou atitudes de importância".⁹ A aparência esquiava dissimulava a afetividade que só os íntimos adivinhavam. Sem ser expansivo, era confiante ao extremo, chegando a ser terno, quando alguém conquistava a sua estima. Era prestimoso com os amigos; por eles se empenhava com tal devotamento, que se entristecia quando não alcançava um benefício para a pessoa por quem interferia. Sendo "bom conviva, palestra com jovialidade".¹⁰

Não ostentava cultura nem tampouco erudição. Falava as coisas com singeleza e modéstia e era simples no trato. Sempre pronto a atender a qualquer pessoa com a mesma afabilidade e circunspeção, era acessível a todas as classes.¹¹ É Antônio Joaquim da Costa, o

⁴ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a Lado de Rui*, p. 98.

⁵ *Ibid.*, p. 83.

⁶ Apud OLÍVIA, Maria. Rui, um símbolo, p. 227-228.

⁷ Depoimento de Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira, em 25 de junho de 1985 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

⁸ BITTENCOURT, Liberato. *Rui Barbosa*, p. 27.

⁹ ATAÍDE, Raimundo. Rui na intimidade, p. 63-64.

¹⁰ PLUTARCO JÚNIOR. Rui Barbosa na intimidade, p. 114.

¹¹ GONÇALVES, Silo. *A Águia de Haia*, p. 46.

mordomo, quem conta a história do negociante de bicicletas, o Alípio, que estava conversando com um conhecido na porta de sua loja, quando Rui passou. O conhecido observou que o conselheiro não gostava de falar com as pessoas. Alípio contestou e cumprimentou Rui que, imediatamente, respondeu-lhe o cumprimento.

Conta Ferdinand Briguiet que certo dia ousou aceder ao convite de Rui e compareceu a uma reunião de ministros, deputados e senadores na Vila Maria Augusta. No primeiro momento, sentiu-se deslocado, mas Rui dedicou-lhe a mesma amabilidade e atenção que dispensou a todos.¹²

Otávio Tarquínio de Sousa, genro de João Luís Alves, que frequentou muitas vezes a Vila Maria Augusta, diz que Rui era um perfeito dono de casa: recebia muito bem as visitas, prestava atenção se estavam conversando, se estavam à vontade, ao contrário do que se pensava, que ele ficava macambúzio num canto.¹³

Numa carta datada de 24 de janeiro de 1884, dirigida a sua irmã Francisca Jacobina, Maria Amélia Barbosa de Oliveira, descreve Maria Augusta e Rui Barbosa:

Escuso dizer-lhe que estou apaixonada pelos nossos primos. Maria Augusta [...] é a amabilidade, a candura e a franqueza em pessoa. A ele tenho desconhecido: alegre, brincalhão, espirituoso, pronto sempre para rivalizar com Lulu [Luís Abino Barbosa de Oliveira], em gracejos e petas. Não o julguei assim tão franco e amável, imaginava-o mais macambúzio, um urso enfim.¹⁴

¹² Cf. RUI Barbosa e a livraria Briguiet.

¹³ Depoimento de Américo Jacobina Lacombe em 21 de abril de 1976 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

¹⁴ BARBOSA, Rui. *Mocidade e exílio*, p. 147.

Alguns amigos

Antônio Azeredo

Antônio Francisco de Azeredo era um jornalista moço e inteligente que dirigia um modesto jornal – *O Diário de Notícias*. Tornou-se íntimo amigo de Rui, e entre os dois estabeleceu-se a maior confiança. Azeredo era republicano e, em março de 1889, convidou Rui para ser redator-chefe do jornal. "Rui impôs condições: seria o único a mandar, e o jornal ficaria acima dos partidos, inteiramente livre de compromissos." Azeredo, por sua vez, criaria uma "coluna republicana". Fizeram um pacto e tornaram-se cada vez mais unidos.¹

Proclamada a República, Azeredo, então deputado à Constituinte, ajudou o ministro da Fazenda, Rui Barbosa.² Por ocasião da Revolta da Armada, divergiram: enquanto Azeredo culpava Rui pelos acontecimentos, este se irritava com a atitude do amigo, que votara a suspensão das garantias constitucionais, o que poderia se converter numa poderosa arma nas mãos do seu inimigo Floriano Peixoto. Logo, porém, os dois amigos se reconciliaram, para satisfação de Maria Augusta, que considerava Sinhá Azeredo (Bernardina), sua amiga preferida.³

Na sucessão do governo Afonso Pena, Rui e Azeredo tomariam caminhos opostos. Entre a vitória da candidatura militar e a amizade do candidato à derrota, Azeredo decide-se pela primeira. Numa carta patética e cheia de remorso, entre manifestações de afeto, justifica-se a Rui: "Quisera felicitá-lo com toda a efusão de minha alma pela sua candidatura. [...] Mentiria a minha consciência porque não acredito na probabilidade de êxito". Declara não ter tido outra ambição senão aquela de ver o amigo na "suprema magistratura" do país; confessa seu compromisso com o candidato "que reunia a maioria das vantagens políticas" e, com o

coração oprimido por uma dor intensa, sente a quebra dessa solidariedade política, que devia ser indefectível, mas que a fatalidade cruel veio estremecer, sem, entretanto, diminuir uma partícula sequer da minha amizade, do meu afeto desinteressado e da minha dedicação nunca excedida. Tenho fé, porém, que a Providência nos fará encontrar mais adiante e muito breve, unindo-nos pelos mesmos ideais, para nunca mais nos separarmos.⁴

¹ VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 148.

² Cf. *Ibid.*, p. 179.

³ Cf. BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 252.

⁴ Carta de Antônio Azeredo a Rui Barbosa em agosto de 1909. (MAGALHÃES, Rejane M. Moreira de A.; PEREIRA, Soraia Farias Reolon (Org.). *Campanha civilista*, p. 86-88.)

Sensível às palavras de afeto, Rui responde-lhe entre sarcástico e emocionado:

Só lhe direi, meu caro Azeredo, que as suas ilusões avaliam muito superficialmente a enormidade do caso hoje entre nós interposto. [...] A "probabilidade de êxito" não me preocupa quando oiço o rebate da minha consciência. A própria vida não é nada, em se tratando como agora, da honra e do dever.

Amargurado e desiludido, termina:

Estarei eu sendo vítima de uma alucinação? Será você quem acerte? Deus o queira, e tenha misericórdia de nós. Dela muito necessita o seu velho e desenganado amigo Rui Barbosa.⁵

Passa a Campanha Civilista e, inconformado com o estremecimento daquela amizade, Azeredo envia a Rui a carta de 20 de setembro de 1911, na qual afirma:

Creio que já é tempo de lhe dizer diretamente quanto você e dona Cota são injustos, mantendo-me sob a condenação de amigo infiel, porque em dado momento não estive absolutamente de acordo com o seu modo de ver em cousas políticas.

Diz ainda que a sua amizade "não mudou nem mudará", que Rui

conhece quais são em mim não somente a admiração, mas o embevecimento, a paixão por tudo que produz o seu gênio e pelo que tem sido a sua obra incomparável como homem e como cidadão. [...] Durante a sua estupenda campanha presidencial, sem entrar na contenda pessoal, ninguém o aplaudiu nem honrou mais do que eu e, depois, tive aqui a hombridade de me declarar sempre [...] seu constante e imutável amigo.⁶

No célebre caso do *Satélite*, Rui iria pedir contas ao governo Hermes sobre o fuzilamento dos marinheiros, e nos seus discursos não pouparia a responsabilidade de Azeredo. Nos seus mordazes apólogos, a alusão ao "quem te vestiu" fere profundamente o amigo de outrora.⁷

Mas Azeredo estava disposto a provar que continuava o mesmo amigo de sempre. No Arquivo Histórico da FCRB há muitos telegramas seus de felicitações em ocasiões festivas, até chegarmos finalmente a um de 28 de agosto de 1917, no qual agradece uma

⁵ Carta de Rui Barbosa a Antônio Azeredo em 30 de agosto de 1909. (MAGALHÃES, Rejane M. Moreira de A.; PEREIRA, Soraia Farias Reolon (Org.). *Campanha civilista*, p. 90-92.)

⁶ Original no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

⁷ Cf. BARBOSA, Rui. *Discursos parlamentares*, p. 312 e segs. (OCR, v. 51, 1914, t. 3).

correspondência amável que recebera de Rui. Reconciliados, os dois amigos trilham juntos a campanha presidencial de 1919.

Em 1923, depois da morte Rui, o senador Antônio Azeredo apresentou o projeto que autorizaria o Governo da República a adquirir a casa de São Clemente, com o mobiliário, a biblioteca, o arquivo, os manuscritos e as obras inéditas de Rui Barbosa.

Artur Imbassaí

A amizade entre Imbassaí e Rui era muito grande. Ambos baianos, foram discípulos de latim do velho Imbassaí (Henrique Teixeira dos Santos Imbassaí) "e mantiveram uma amizade muito leal, durante a vida inteira". Rui "fazia uma distinção muito grande e sentia prazer na companhia, na conversa" do amigo.⁸ Uma vez por semana, jantava na Vila Maria Augusta. Muitas vezes, antes de terminar a refeição, Rui chamava-o para conversar. Gostava de pilheriar e de fazer brincadeiras botando garfos e colheres nos bolsos de Imbassaí, que, nesses momentos, ficava satisfeito, vendo-o descontraído e alegre.

Artur Imbassaí era médico, foi crítico musical do *Jornal do Brasil* e colaborou na *Cidade do Rio* e no *Correio da Manhã*.

Rui foi padrinho de casamento de Judite Imbassaí.

Carlos Nunes de Aguiar

Um dos vizinhos de Rui da casa do Flamengo e que se tornou íntimo e dileto amigo foi Carlos Nunes de Aguiar. Estava ele ao lado de Rui quando este acompanhava com o binóculo a partida do navio *Alagoas*, levando a bordo o imperador dom Pedro II rumo ao exílio. Rui tinha os olhos rasos d'água e Carlos Aguiar observou: "– Que é isso, seu Rui? Não foi você que mandou o homem embora?" E toda vez que o via sofrer, incompreendido ou negado: "– Você teve razão de chorar quando o Imperador partiu."⁹

⁸ Depoimento de Judite Imbassaí de Melo, filha de Artur Imbassaí, em 5 de maio de 1976 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

⁹ PEREIRA, Edgar Batista. *A casa de São Clemente*, p. 41.

Era um homem elegante e de modos aristocráticos.¹⁰ Mereceu a irrestrita amizade de Rui,¹¹ que convidou a mulher dele Ana (Nicota) para ser madrinha de sua filha Baby (Maria Luísa Vitória), ao lado de José Eustáquio Ferreira Jacobina. Como Rui, morou também na rua São Clemente, numa casa em frente à rua Bambina.

Gostava de pilheriar com Rui, como bem demonstra Edgar Batista Pereira nesta passagem: quando soube que Rui havia cobrado pouco por um parecer que lhe custara dias de trabalho, observou: "– Dizem que tens talento, que és um gênio. Rui, tu o que não passas é de um asno chapado." E Rui, sem se ofender, sorriu carinhosamente.¹²

De outra feita, respondendo a Rui sobre seu achaques, declarou:

- Vão passando melhor, seu Rui. Nicota [falecida pouco antes] deixou uns frascos de remédio que me têm feito um bem enorme.
- Mas que remédio milagroso é esse, Aguiar?
- Rui, não lhe aconselho que o tome. É a Saúde da Mulher.¹³

Carlos Viana Bandeira

És e serás sempre meu filho, agora mais que nunca. Onde minha família tiver uma casa, tu a terás. Onde houver um bocado de pão para meus filhos, um quinhão dele será para ti.
[Carta de Rui a Carlito, de Teddington, 22 de agosto de 1894. In: BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 164.]

Não te magoes, pois, com o tom da minha última carta. Sempre te quis como filho meu. Julguei que te descuidavas de mim, e desafoguei francamente contigo como um pai desafogaria.
[Carta de Rui a Carlito, de Londres, 5 de fevereiro de 1895. In: BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 188.]

E, assim, Carlito escreve sobre sua amizade a Rui:

Meus olhos e meu coração passaram a encher-se de Rui, que, além do mais, era doido por crianças. [...] Tenho-o na retentiva, com as leves lunetas cavalgando-lhe o nariz, que mal avultava sob a fronte avantajada. Sua gravidade era natural e constante, e só a rompia quando muito à vontade ou em ambiente íntimo. Eu provocava-lhe momentos brincalhões.¹⁴

¹⁰ Ibid.

¹¹ Cf. BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 185.

¹² PEREIRA, Edgar Batista. *A casa de São Clemente*, p. 41.

¹³ Ibid., p. 41-42.

¹⁴ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 4.

Carlos Viana Bandeira, o Carlito, era o irmão caçula de Maria Augusta. Tinha seis anos quando seu pai, Alfredo Ferreira Bandeira, faleceu em 23 de janeiro de 1877, deixando a família em dificuldades financeiras. Carlito e sua mãe, Maria Luísa, cedendo às instâncias de Maria Augusta e Rui, foram morar com os recém-casados. A inclinação afetiva de Maria Luísa pela filha e a amizade maternal que já nutria pelo genro foram razões para a tomada de tal decisão.

Entre Rui e Carlito havia 21 anos de diferença, e justo seria que a saudade e a falta da figura paterna fizessem a criança se apegar ao cunhado, tornando-o seu ídolo. Carlito acompanhava Rui nas compras no centro da cidade e intrometia-se "insistentemente" nos passeios do casal.¹⁵ No seu livro *Lado a lado de Rui*, admite que esqueceu a igreja de seus pais, as missas e tudo de sua religião, que "aliás nunca abjurou, porque fez de Rui o culto que lhe bastava". Devotou "toda a vida a Rui nos mais elevados impulsos da alma. Não esperava agradecimentos, nem recompensas".¹⁶ De tal modo ajustou-se à vida do cunhado que "seu hábito infantil único, que tanto lhe comprazia à alma, ao coração, ao espírito, era o de achar-se junto a Rui, sair à rua com Rui, atender pressuroso aos mandados de Rui".¹⁷

Este, por sua vez, prestava muita atenção ao menino, fazia-lhe festas e divertia-se mandando-o repetir palavras longas como *Pindamonhangaba* e *Itaquaquecetuba*. Afeiçoou-se a Carlito como se ele fosse verdadeiramente seu filho, confiando-lhe as missões mais delicadas. Como diz Américo Lacombe no prefácio ao livro de Carlos Viana Bandeira, "com ninguém tinha Rui o hábito de se abrir inteiramente como com o seu cunhado".¹⁸

Rui não tinha "a bossa de bom agenciador" nos seus "interesses pecuniários", melhor dizendo, não sabia lidar "com a parte financeira da profissão".¹⁹ Era um homem que se alheava às próprias conveniências pessoais; não se preocupava em amedrontar dinheiro, mas em honrar seus compromissos acima de tudo e em manter um nível de vida condigno para sua família. Da advocacia, o que mais lhe interessava era o aspecto moral e técnico. Ele mesmo esclarece na *Esfola da calúnia* que eram seus amigos, companheiros e cointeressados que lhe supriam "o despeito e acanhamento", cuidando de fazer os contatos e acertando as questões de dinheiro. "Não sei pedir dinheiro a ninguém ainda mesmo em restituição do que me tomam, ou em pagamento do que me toca. Não devo; não cobro; não peço; é a minha norma."²⁰

¹⁵ Ibid., p. 5.

¹⁶ Ibid., p. 149.

¹⁷ VILAS-BOAS, Nailor Bastos. *O amigo perfeito de Rui Barbosa*, p. 5.

¹⁸ LACOMBE, Américo Jacobina. Prefácio. In: BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. xiii.

¹⁹ BARBOSA, Rui. *Esfola da calúnia*, p. 157.

²⁰ Ibid.

Carlito, naturalmente afável e bem-educado, relacionava-se com facilidade; era homem de iniciativa e de atitudes ousadas. Sabia lidar com Rui, que vivia absorvido pelas exigências da advocacia, do jornalismo e da política. Sabia encorajá-lo e instigá-lo, tirando-o do desânimo, do pessimismo e da descrença.²¹ Portanto, a participação de Carlos Viana Bandeira nos interesses particulares do cunhado foi fundamental. Sua dedicação foi tão integral que, segundo Nailor Vilas-Boas, sua lealdade e apoio, seu devotamento, sua modéstia e falta de egoísmo, sua clarividência e bom senso "se tornariam em instrumentos maiores da ação de Rui, na guarda elevada de seus interesses. Rui [...] não sabia prescindir do concurso, dos conselhos e dos passos desse filho antecipado".²²

Carlito tornou-se "a única testemunha de todas as fases da vida de Rui. [...] Não precisava que o convencessem da pureza moral do seu herói, porque ele tinha dela um conhecimento pessoal, direto, íntimo".²³

Quando Carlos Viana Bandeira pensou em casar-se com a prima Guilhermina, a Iaiá, foi com estas palavras que Rui fez o pedido à mãe da moça, dona Escolástica:

O Carlito cresceu, formou-se em nossa casa, como filho meu. Conheço-o, portanto, e posso aboná-lo; porque ele o merece. É de boa índole, ativo, hábil, pode ter um bom futuro no comércio, onde já conquistou posição e fortuna, que o habilita a ter casa sua, e desempenhar as obrigações de chefe de família.²⁴

Francisco de Castro

Um dos homens a quem nesta terra eu tributo mais admiração e respeito; um desses nomes bem raros entre nós, que neste país nos podem elevar o espírito acima da vulgaridade comum; um desses nomes que recomendam a nossa terra não só à estima dos seus filhos, mas ainda à consideração do estrangeiro.
[BARBOSA, Rui. *Discursos parlamentares*, p. 5. (OCRB, v. 28, 1901, t. 1).]

Desde que em 1891 Francisco de Castro, o Príncipe da Medicina Brasileira, entrou na casa de Rui para tratá-lo de grave pneumonia, estava iniciada uma grande e duradoura amizade. Alguns anos mais moço que Rui, Francisco de Castro era um homem suave, de

²¹ Cf. BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 134.

²² VILAS-BOAS, Nailor Bastos. Palavras do redator. In: BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 307.

²³ LACOMBE, Américo Jacobina. Prefácio. In: BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. xiii-xiv.

²⁴ Carta de Rui Barbosa a d. Escolástica. Cf. BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 34.

negra barbicha pontiaguda; foi poeta, filólogo, sábio professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e seus discípulos o cognominavam de "divino mestre".

Tudo simpaticamente atraía os dois amigos, um para o outro, em recíproca admiração. [...] Estreita afinidade espiritual, o mesmo fervor nas delícias e nas penas do estudo, o mesmo amor das literaturas clássicas e da nossa boa linguagem, em que ambos eram mestres, tudo aproximava os dois grandes espíritos. A autoridade de Francisco de Castro aparece muitas vezes citada na *Réplica* de Rui Barbosa. [...] Também os assuntos de medicina congraçavam os dois amigos.²⁵

Quando Rui se viu acusado de envolvimento na Revolta da Armada e foi prevenido do perigo que corria, seu particular amigo Francisco de Castro o abrigou em sua casa, na véspera da revolução e no dia seguinte o deixou a salvo na legação do Chile.

No dia 11 de outubro de 1901 morreu Francisco de Castro de peste bubônica. Rui, aturdido pelo golpe cruel,²⁶ logo chegou

para abençoar o morto no derradeiro sono. Abençoou-o com lágrimas, porque depois de contemplar a formosura do rosto que empalidecera, se retirou para o meu quarto de estudante, a sós comigo, sentou-se à beira do meu leito e aí, primeira e única vez, o vi cobrir o rosto com as mãos e chorar de verdade, chorar o bem perdido. Eu era moço e me edifiquei com a cena, ao ver que aquele grande homem, tão ensinado na experiência da vida e das coisas, nas suas formas inconstantes, ainda conservava a grandeza de saber chorar.²⁷

Jacobina

Já vês como me deve ter magoado o acolhimento seco e retraído, que te deu o J., quando era natural que te abrisse os braços, comovido pelos teus injustos sofrimentos. Mas eu te peço que lhe perdoes, lançando essa aspereza acerba à conta das moléstias que o afligem, e da irritação em que o deve entreter o estado atual das coisas. Todas as criaturas são compostas de bem e mal. O barro de que fomos amassados é mais ou menos ruim. Bons são aqueles, em que no meio da matéria ordinária se encontra alguma partícula de oiro fino. É o que se dá com aquele meu amigo. No seu caráter há qualidades raras, inestimáveis hoje. Sua fidelidade, sua devoção a mim nesta quadra terrível cativaram-me para sempre. Abandonado por todos, não encontrando para quem me voltasse depois do que te aconteceu, achei nele o arrimo e a salvação. Se não fosse o seu

²⁵ CASTRO, Aloísio de. *Recordações de Rui Barbosa*, p. 83-85.

²⁶ Cf. BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 83-84.

²⁷ CASTRO, Aloísio de, *Recordações de Rui Barbosa*, p. 100-101.

auxílio, eu teria talvez perdido a razão, lutando com a miséria e a fome na Europa. Relevalhe, pois, o desgosto que te deu, pelo muito bem que me tem feito.

[Carta de Rui Barbosa a Carlito, de Teddington, 22 de agosto de 1894. In: BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 164.]

Américo Jacobina Lacombe assim descreve seu avô, Antônio d'Araújo Ferreira Jacobina:

Gênio altivo e franco e temperamento intransigente [...].
Inteligência sólida servida por uma cultura notável e extensa. A sua conversa agradável e erudita deixou funda impressão em todos os que o ouviram. Foi esse o grande amigo de João e de Rui Barbosa²⁸

Em 1864, quando João José, pai de Rui, assumiu a cadeira de deputado no Rio, fez amizade com o jovem deputado Antônio d'Araújo Ferreira Jacobina. João José era hóspede do primo Albino José Barbosa de Oliveira e levou o amigo a conhecer a família. Jacobina enamorou-se de Francisca (Chiquinha), a filha mais velha do conselheiro Albino, e com ela veio a casar-se; assim, tornou-se, além de amigo por toda a vida, primo de João José.

Em 1872, durante uma visita de negócios à Bahia, Jacobina "aproximou-se consideravelmente de Rui".²⁹ Em 1880 Maria Augusta e Rui estavam hospedados na casa de Jacobina na rua dos Inválidos, quando nasceu Chiquita e, numa prova de reconhecimento e amizade, eles escolheram Francisca para madrinha da menina. Era Rui deputado geral e Jacobina tornou-se um constante colaborador nas pesquisas para elaboração dos pareceres sobre a reforma do ensino, e num plano de criação de banco de crédito real e comercial em São Paulo e Paraná, que não passou de projeto.³⁰

Os inúmeros bilhetes e cartas trocados entre eles revelam a grande intimidade que se estabeleceu daí em diante. Foi Rui quem pediu a mão de Isabel, a filha mais velha de Jacobina, para Domingos Lourenço Lacombe, no impedimento do pai do noivo, que se achava em Paris. E então Jacobina perguntou a Rui: "Tu darias a mão de tua filha?" E este respondeu: "Se não desse, não teria vindo aqui." Na cerimônia do casamento, Maria Augusta e Rui foram os padrinhos.

Feita a República e nomeado Rui ministro da Fazenda, a convivência dos dois passou a ser diária. Jacobina foi logo nomeado

²⁸ Américo Jacobina Lacombe apud BARBOSA, Rui. *Mocidade e exílio*, p. 41-42.

²⁹ *Ibid.*, p. 64.

³⁰ *Ibid.*, p. 102 e 105.

fiscal da emissão do Banco do Brasil e, pouco depois, dos empréstimos à lavoura nesse banco e no dos Estados Unidos do Brasil. Trabalhou muito [...] auxiliando na organização bancária. Em breve, porém, divergiram na orientação.³¹

Em 1891, novamente juntos, organizaram uma companhia de seguros, o Banco Vitalício do Brasil, que "durou apenas cinco meses".³²

No período da Revolta da Armada, enquanto Rui, receoso de perseguição política, abrigou-se na casa de seu amigo Francisco de Castro, Jacobina cuidava da segurança de Maria Augusta, dos filhos Dedélia, Chiquita e João, hospedando-os em sua casa. Diante dos boatos de bombardeio ao centro da cidade, Jacobina transferiu a família e os hóspedes para o Méier, casa de sua irmã Maria Amélia Jacobina (Marocas), e para Todos os Santos, casa da professora Maria Gomes Santarém Leite, amiga de sua mulher, Francisca, não sem antes comunicar a Rui, então homiziado na legação do Chile. Daí Rui tomou um navio inglês, *Madalena*, e rumou para Buenos Aires. No seu retorno de Buenos Aires para o Rio, a bordo do mesmo navio, Jacobina soube que se tramava contra a vida do amigo. Preocupado, encarregou seu filho Antônio Jacobina Filho (Totom), recém-vindo da Europa, e o primo Luís Carlos Barbosa de Oliveira de avisarem a Rui. Na saída do navio, os dois mensageiros foram presos e conduzidos para a casa de correção, onde ficaram detidos longos meses.

Em troca da liberdade de Totom, a polícia queria que Jacobina fizesse uma declaração de que a família de Rui não fora objeto de violências. Jacobina não aceitou a imposição e, como consequência, foi informado por seu amigo, livreiro português, republicano e florianista exaltado, José Carrilho Videira, de que corria perigo a sua liberdade, obtendo asilo juntamente com seu genro Domingos, na legação da Bolívia. No período em que Rui se achava em Buenos Aires, Domingos Lacombe era o intermediário das suas cartas a Maria Augusta. Também o irmão de Jacobina, Casusa (José Eustáquio Ferreira Jacobina), grande amigo de Rui, com enorme dedicação o auxiliou no embarque da família para o exílio na Inglaterra a bordo do *Galícia*.

Sobre sua amizade a Casusa, Rui assim se expressou numa carta a Jacobina, datada de 15 de janeiro de 1894:

Ele pode ter a certeza de que nesta casa o seu nome é um dos objetos de mais viva saudade, um dos temas habituais da conversa, um dos santos do nosso

³¹ Ibid., p. 159.

³² Ibid., p. 161.

triste lar (se assim me posso exprimir), onde a família Jacobina toda ela é amada com o mesmo sentimento com que amamos os irmãos e os filhos.³³

Ainda sobre Casusa, disse Rui noutra carta a Jacobina: "A adversidade sempre tem as suas compensações quando nos põe em contato com almas como a dele".³⁴

Jacobina foi o amigo incomparável que amparou Rui e família e zelou pelos seus interesses durante o exílio. Sobre essa amizade tão grata a seu coração, Rui escreveu a Jacobina em 20 de fevereiro de 1894: "Se algum consolo pode haver na minha situação, é esse de sentirmo-nos protegidos por uma afeição tão fiel, tão austera e, ao mesmo tempo, tão estremecida como a sua".³⁵

Novamente Rui reconhece na carta de 18 de abril de 1894: "Sua amizade foi o nosso amparo, quase o único pedaço da pátria cuja sombra ainda nos restou nesta fase terrível de abandono e solidão moral. Deixe-me beijar-lhe as mãos com lágrimas, como beijaria as de meu pai".³⁶

A correspondência frequente travada entre os dois só cessou no retorno de Rui ao Brasil, quando então os encontros e as conversas ao telefone se sucederam até a morte repentina de Jacobina, em 1º de novembro de 1896.

No seu livro *Lado a lado de Rui*, Carlito atesta:

Antônio Jacobina vinha habitualmente à casa de Rui. Tinham sempre o que conversar ou discutir. Chegava ao entardecer, já acesos os bicos de gás. [...] Sentava-se bem perto de um dos focos e abria um livro, na sala de jantar. Invariavelmente. Se não conversava, lia alto. Mas a fonte fluente da jovialidade era sua esposa, dona Chiquinha, criatura verdadeiramente encantadora e fascinante.³⁷

José Joaquim da Palma

O desembargador Palma morava próximo do solar de São Clemente.³⁸ Ele e sua mulher, Maria da Glória (Maricota), eram recebidos com intimidade na casa de Rui e

³³ Ibid., p. 219.

³⁴ Ibid., p. 222.

³⁵ Ibid., p. 221.

³⁶ Ibid., p. 228.

³⁷ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 15.

³⁸ Depoimento de Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira em 25 de junho de 1985 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

tratavam Maria Augusta pelo apelido. Frequentador assíduo e um dos comensais da Vila Maria Augusta, o desembargador tinha grande afeto por Rui.

Foi deputado federal pela Bahia e participou da Comissão do Código Civil na Câmara. Foi também chefe de polícia, jurista notável e, socialmente, irrepreensível. Rui pleiteou junto a Afonso Pena sua nomeação para ministro do Supremo Tribunal Federal, mas tal não aconteceu.

No enterro de Rui (4 de março de 1923), tomado pela emoção, Palma não pôde ler o seu discurso de adeus ao amigo, que, posteriormente, foi divulgado pela revista *O Tempo*. Confessando-se "o mais obscuro amigo do grande morto", expressa a sua dor com palavras de profunda admiração pela "riqueza inesgotável de afetos e de bondade" de Rui, pela "simplicidade e doçura de sua vida íntima" e pela "generosidade sem limites de seu espírito".³⁹

Pinheiro Machado

José Gomes Pinheiro Machado era um

gaúcho de lei que trazia no sangue o dom de comandar homens e situações. Mas agia com desassombro pessoal, com alta coragem cívica, com tal nobreza de atitudes e bravuras física e moral, que tudo isto constituía a chave do seu império. Tinha lhaneza no trato e gravidade e circunspeção impressionantes.⁴⁰

Quando Rui voltou do exílio (1895), Pinheiro Machado, que tinha sido florianista exaltado e combatera no Rio Grande do Sul os federalistas, logo percebeu "quanto lhe convinha ter, entre os seus aliados, personalidade como a de Rui".⁴¹ Este, por sua vez, já admirava Pinheiro antes mesmo de se unirem pelos vínculos partidários. No seu livro *Lado a lado de Rui*, Carlos Viana Bandeira não poupa elogios a Pinheiro Machado, proclamando-o "valeroso amigo e depois adversário de Rui". Chega mesmo a declarar que Pinheiro sempre lhe "mereceu a mais enaltecida estima e o mais profundo respeito, mesclados de justificada

³⁹ PALMA, José Joaquim da. A oração da amizade, p. 141.

⁴⁰ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 86.

⁴¹ VIANA FILHO, Luís. Rui e os gaúchos, p. 49.

gratidão".⁴² Atesta que as relações entre ele e Rui eram "cordialíssimas, francas e com intimidade".⁴³

O senador gaúcho e a esposa, Benedita (Nhanhã), frequentemente jantavam na Vila Maria Augusta e compareciam às recepções ali realizadas. Pinheiro costumava visitar Rui pela manhã, "a fim de concertarem planos para os debates no parlamento" e, "sem-cerimônia", introduzia-se no quarto de vestir;⁴⁴ certa vez encantou-se com umas gravatas de Rui, que formalmente disse-lhe estarem às ordens. Pinheiro tomou a resposta ao pé da letra e levou as gravatas.⁴⁵

Conta Ciro dos Anjos que certa vez, durante uma crise política, Pinheiro procurou Rui na Vila Maria Augusta, encontrando-o "mergulhado na leitura de Erasmo, em preciosa edição latina de 1527". Desanimado, Pinheiro exclamou: "Não é possível fazer política com um homem que lê Erasmo numa hora destas!".⁴⁶

Medeiros e Albuquerque, um dos críticos da obra de Rui, observou nas suas *Memórias* que, "durante muitos anos, Rui deixou-se explorar por Pinheiro Machado, que fez dele o que quis".⁴⁷ Lembra Américo Jacobina Lacombe que, quando corriam notícias "de arrepiar sobre a política do Rio Grande do Sul", Antônio Jacobina fez a seguinte observação: "Rui, este seu amigo Pinheiro é um monstro!". Mas, no instante em que Pinheiro veio à Vila Maria Augusta e se submeteu a um interrogatório de mais de duas horas, Rui ficou convencido da inocência do amigo gaúcho, a ponto de defendê-lo: "Quanta calúnia assoalham contra este homem! É uma pobre vítima". E os espectadores da cena – Jacobina, o desembargador Palma e Carlos Nunes de Aguiar – convenceram-se de que Pinheiro havia embrulhado Rui mais uma vez.

Rui e Pinheiro se afastaram por ocasião do civilismo, quando Pinheiro aderiu à candidatura Hermes.⁴⁸ Rui conta como se deu esse rompimento: tinha das datas bem presentes porque as circunstâncias as imprimiram na sua memória. Era domingo, 16 de maio de 1909. Incapacitado de receber quem quer que fosse por estar de cama com uma "tremendíssima enxaqueca", ditava para sua filha Dedélia a saudação a Anatole France que, no dia seguinte, leria na Academia Brasileira de Letras. Pinheiro veio procurá-lo, e Alfredo Rui disse-lhe das condições de saúde de seu pai. O senador gaúcho, que até então estava com Rui "para a vida e

⁴² BANDEIRA, Carlos Viana, *Lado a lado de Rui*, p. 86.

⁴³ *Ibid.*, p. 94.

⁴⁴ VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 273.

⁴⁵ Cf. ANJOS, Ciro dos. O Gabinete Branco. In: SENNA, Homero (Org.). *Rui: sua casa e seus livros*, p. 149.

⁴⁶ ANJOS, Ciro dos. São Clemente, 134. In: SENNA, Homero (Org.). *Rui: sua casa e seus livros*, p. 148.

⁴⁷ ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Minha vida*, p. 70.

⁴⁸ Depoimento de Américo Jacobina Lacombe em 21 de abril de 1976 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

para a morte", magoado retrucou: "Bem, não faz mal, porque se ele estivesse bom, naturalmente com dores de cabeça ficaria, depois do que eu lhe ia dizer".⁴⁹ Adversário irreduzível da candidatura militar, Rui havia sido prevenido por Francisco Glicério de que Pinheiro aderira à candidatura do marechal Hermes. Portanto, tudo leva a crer que Rui, magoado, não quisesse mesmo receber Pinheiro, embora Carlos Viana Bandeira assevere o contrário.

É assim que Carlito recorda esse momento: "Quando começou a esboçar-se a fatal divergência" entre os dois amigos, "com o coração transido de amargura", apressou-se a perguntar a Pinheiro: "Mas, General, por que é que não apoia a candidatura do seu amigo?" Ao que Pinheiro respondeu: "Como?! Para ser derrotado em meu próprio estado, pondo-me em oposição ao Borges de Medeiros?". Inconformado, Carlito declara que naquela noite de maio de 1909, Pinheiro deveria ter sido recebido na Vila Maria Augusta, tinha que constituir uma exceção, principalmente em tal momento político. Segundo ele, Pinheiro "chocou-se profundamente [...] rodou sobre os calcanhares, para nunca mais voltar".⁵⁰

No Senado, os dois amigos de outrora se defrontaram: Rui, como era do seu feitio, não poupou seu adversário político com seus famosos apólogos e pedia contas dos atos do governo Hermes.⁵¹ Pinheiro respondia-lhe à altura, chamando-o de sofista. Apesar de ásperos debates, havia sempre um clima de respeito entre os dois antagonistas.

Chega o dia 8 de setembro de 1915. O jornalista d'*A Noite*, Carlos de Oliveira Viana, chama Rui ao telefone para avisá-lo do assassinato de Pinheiro Machado no Hotel dos Estrangeiros. Com as mãos trêmulas e as faces úmidas de lágrimas, segundo depoimento do seu mordomo Antônio, Rui sofre talvez "o maior abalo moral da sua vida política".⁵² Redige uma carta à viúva do General e um ofício ao primeiro-secretário do Senado dizendo que: "entre as demonstrações de solene pesar [...] não se poderiam calar, ou retrair as do adversário leal [...] que nunca se esqueceu das relações de afeição, que outrora a ele o ligaram, nem quebrou os deveres de respeito à extinta amizade".⁵³

⁴⁹ Cf. BARBOSA, Rui. *Discursos parlamentares*, p. 475-476. (OCRB, v. 51, 1914, t. 2).

⁵⁰ BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 95.

⁵¹ Cf. BARBOSA, Rui. *Discursos parlamentares*, p. 312 e segs. (OCRB, v. 51, 1914, t. 3).

⁵² BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*, p. 124.

⁵³ BARBOSA, Rui. *Discursos parlamentares*, p. 257. (OCRB, v. 52, 1915, t. 2).

Inimigos

Nem todos os adversários de suas ideias foram seus inimigos pessoais.¹ Rui combatia por amor a seus princípios, não tinha vínculos com o poder, era intransigente e não fazia concessões nem concessões no terreno desses princípios que defendia; procurava falar em nome da lei e agir de acordo com suas convicções que, segundo ele, tinham "raízes inabaláveis no fundo da sua consciência".² O que mais importava era o cumprimento do dever, a defesa do oprimido, sempre que sua consciência apontava um ato de prepotência, uma injustiça. Assim, por contrariar muitos interesses e denunciar atitudes ilegais e ilícitas, conquistou muitos inimigos, principalmente durante a Campanha Civilista. Seu compromisso maior era com a verdade e a justiça.

Um dos detratores de Rui, Magalhães Júnior, num de seus trabalhos, não deixou de reconhecer que ele foi "o homem que exigia contas, o homem que gritava 'não!', o fiscal dos governos, o vigia severo dos desmandos, o inimigo da violência, das fraudes, da corrupção".³

Jamais mostrou ímpetos de vingança. Tanto nas vitórias quanto nas derrotas, mantinha sempre a mesma compostura. João Mangabeira, seu discípulo, "dos poucos que tiveram a honra e o prazer de sua intimidade",⁴ em *Rui, o estadista da República*, relaciona desafetos, adversários e inimigos de Rui: um desses desafetos foi Tristão de Alencar Araripe Júnior que lhe reconhece "todos os elementos a produzir os efeitos de um grande estilo";⁵ outro, Dunshee de Abranches, constata que "na primeira semana após a proclamação da República só um cérebro pensou e agiu: Rui Barbosa";⁶ Felisbello Freire, inimigo pessoal, reconhece a excelência do seu programa financeiro; Ramiro Barcelos, adversário no Congresso e crítico severo da gestão financeira, penitenciando-se, colocou-se ao lado de Rui contra a candidatura do marechal Hermes à senatoria do Rio Grande do Sul em 1915, dizendo: "O mal da República foi nós, os históricos, não termos compreendido logo a grandeza de Rui".⁷

Por outro lado, Floriano Peixoto, que confiava em Rui e o escolheu para representá-lo nas reuniões do Ministério, e que por indicação de Rui o substituiu no cargo de vice-chefe do Governo Provisório, tornou-se seu mais ferrenho inimigo na renúncia de Deodoro, quando

¹ DELGADO, Luís. *Rui Barbosa*, p. 263.

² BARBOSA, Rui. *Discursos parlamentares*, p. 38. (OCRB, v. 23, 1896, t. 5).

³ MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Que fez o Rui?*

⁴ MANGABEIRA, João. *Rui, o estadista da República*, p. 9.

⁵ *Ibid.*, p. 24.

⁶ *Ibid.*, p. 35.

Rui julgou ilegais seus atos e decretos; J.J. Seabra, um de seus velhos amigos, rompeu relações desde o fim do governo Rodrigues Alves, reatadas, no terreno dos princípios, no governo Hermes.

Pinto da Rocha, um de seus detratores, que propôs a remessa de Rui e Gaspar Silveira Martins para o presídio de Fernando de Noronha, diz que só Rui podia pedir contas, jurídica e moralmente, "pelas ofensas que a [sua] pena de redator-chefe da *Federação* lhe assacou" acrescentando que, anos depois, "sua grande alma, largo ninho de afetos, carinhoso e sereno asilo de bondade e de perdão" ofereceu-lhe "o agasalho de sua sombra".⁸

Houve quem afirmasse que Rui talvez "gostasse de encontrar de vez em quando um adversário, político ou gramatical",⁹ como Raimundo Teixeira Mendes, chefe do Positivismo brasileiro; Medeiros e Albuquerque, que o acusou de ter falsificado uma citação de Campbell Black no seu memorial sobre anistia inversa,¹⁰ com ele se reconciliou, por ocasião da candidatura Hermes, graças à interferência do amigo comum Álvaro Alvim.¹¹

Carneiro Ribeiro, antigo professor de Rui e seu opositor principal nas questões de linguagem no Código Civil, esquecendo os ressentimentos causados pela *Réplica*, saudou o antigo aluno na sua visita à Bahia em 1919.

⁷ Ibid., p. 46.

⁸ ROCHA, Pinto da. *O revolver das cinzas*, p. ix.

⁹ MICROMEGAS, pseud. Rui Barbosa. Micromégas é o nome do protagonista de um conto filosófico homônimo de Voltaire, publicado em 1752, no qual o filósofo faz crítica social e moral. O conto descreve a visita à Terra de um ser de outro planeta, sublinhando a relatividade de tudo e contendo uma crítica à religião.

¹⁰ Cf. NOGUEIRA, Rubem. Rui Barbosa e a técnica da advocacia, p. 501. "Anistia inversa" foi como Rui Barbosa chamou o decreto legislativo pelo qual os militares envolvidos na Revolta da Armada (1893) eram anistiados, mas impedidos de voltar ao serviço ativo antes de decorridos dois anos e ainda se a tanto anuísse o Poder Executivo.

¹¹ ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Minha vida*, p. 70-71.

A Vila Maria Augusta em festa

Rui entendia e era apreciador de boa música. Quando criança, durante alguns anos, chegou a estudar piano – quatro horas diariamente – para animar sua irmã Brites que se queixava do exercício de seis horas ininterruptas. Fernando Nery afirma que fez "tais progressos, que chegou a participar de vários concertos na Bahia";¹ Mário de Lima Barbosa atesta que "certa vez tocou em público, para acompanhar um flautista, na Bahia".²

"Quando veio residir no Rio de Janeiro, costumava ser assíduo frequentador de concertos e dos espetáculos da temporada lírica."³ "Com um ouvido exigente, entusiasmava-se quando ouvia um perfeito cantor."⁴

Maria Augusta entendia de música; quando solteira, acompanhava ao piano "as árias clássicas cantadas pela sua irmã mais velha, Adelaide";⁵ casada, "gostava de sentar-se ao piano todo domingo, antes do almoço, e tocava *Home, sweet home*".⁶

Na Vila Maria Augusta, às instâncias de Rui, Maria Lina Jacobina, mulher de seu primo Antônio de Araújo Ferreira Jacobina Filho (Totom), improvisava concertos de canto e piano, para a família reunida, parentes e amigos mais íntimos. Rui assistia à festa até o fim e era atencioso com os convidados. Ele e Maria Augusta eram muito sociáveis.

Na sala de música (Sala Buenos Aires), arrumada com um piano Bechstein meia cauda, além de Antonieta Rudge que ali executou as *Variações sobre o Hino Nacional*, de Gottschalk, Bebê Lima Castro cantou *Um petit verre de Clicquot*. Madalena Tagliaferro, Guiomar Novais e Cláudia Muzzio também se apresentaram, em noites memoráveis.

Judite Imbassaí de Melo, no seu depoimento em 5 de maio de 1976, conta que frequentava a Vila Maria Augusta e cantava nos aniversários de Rui (5 de novembro) e de Maria Augusta (23 de outubro). Quando se apresentou pela última vez, em 1906, fez um dueto com um baixo de uma companhia lírica, Giuseppe Soldi, que estava em visita ao Brasil. Afirma que a preferência musical do casal era música erudita, e as festas na Vila Maria Augusta davam o que falar. Maria Augusta se orgulhava "vendo desfilarem nos seus salões

¹ NERY, Fernando. *Rui Barbosa*, p. 37.

² BARBOSA, Mário de Lima. Um dos pendores artísticos de Rui.

³ Ibid.

⁴ RUI Barbosa íntimo.

⁵ VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 56.

⁶ Depoimento de Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra (Baby), para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 10 de abril de 1975.

Bebê Lima Castro, Joaquina Castro, as irmãs Laura Pimentel e Alice Ortigão ou Germana Barbosa"; o seu "Regimento" no dizer de Pinheiro Machado.⁷

Nos aniversários de Rui, Maria Augusta

fazia questão de dar sempre uma linda recepção [...]. O Conselheiro reclamava. Não queria que se fizesse nada a não ser a reunião da família. Dona Maria Augusta dava sempre a sua desculpa. Seria apenas uma reunião de amigos. Na hora, a casa parecia um jardim invadido pelas flores! O Conselheiro fingia-se zangado e acabava ficando alegre, vendo Dona Maria Augusta toda satisfeita.⁸

Para ele, o aniversário da mulher era a data mais querida, seguindo-se o aniversário de casamento, 23 de novembro (1876).

Na história da Vila Maria Augusta registraram-se alguns acontecimentos festivos marcantes, como

[...] em 1895, na data do seu regresso da Europa, onde o haviam levado as coações da política de Floriano Peixoto. Ele entrava pela primeira vez na sua casa da rua São Clemente, preparada durante a sua ausência. Era noite, multidão de amigos e aderentes, festa, e uma mesa de doces, que, confesso, na minha idade de então, me impressionou mais que tudo.⁹

A recepção do casamento de Chiquita (Francisca, filha de Rui), em 1º de setembro de 1900, foi

uma festa maravilhosa. Foi à noite, houve um baile... Brutal a quantidade de gente. Devia ter umas quatro ou cinco mil pessoas. O casamento na igreja São João Batista. Minha irmã Maria Adélia casou aqui (15 de julho de 1908), mas foi de manhã, com missa na biblioteca. E depois o lanche, a festa toda no jardim; [...] foi em casa, tanto o religioso como o civil. Os padrinhos foram a filha do Afonso Pena, a Conceição, a senhora do Edmundo Veiga foi madrinha, e o barão do Rio Branco foi padrinho do Batista [Antônio Batista Pereira, o noivo], eu acho. Vinha o serviço do Pascoal, a Confeitaria Pascoal, ali na rua do Ouvidor. Mamãe tinha uma quantidade enorme de cristais e fazia questão de, nessas festas, servir com os [seus] cristais. Ela deu recepções lindas aqui, com muitos concertos na sala de música, íntimos, às vezes; mas, às vezes eram cerimônias com muita gente, vinham até artistas de fora cantar, cantou o Gigli...¹⁰

⁷ VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*, p. 273.

⁸ COSTA, Antônio Joaquim da. *Rui Barbosa na intimidade*, p. 51.

⁹ CASTRO, Aloísio de. *Recordações de Rui Barbosa*, p. 56.

¹⁰ Depoimento de Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra (Baby), para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, em 10 de abril de 1975.

Antônio Batista Pereira, admirador de Catulo da Paixão Cearense, foi quem o introduziu na Vila Maria Augusta, a pedido de Rui. Por volta de agosto de 1918, Monteiro Lobato publicava seu livro de contos *Urupês*, onde figurava a imagem do Jeca Tatu, retrato do brasileiro apático e indolente, transposto por Rui para a sua conferência “A questão social e política no Brasil”. Inconformado, Catulo publicou "um volume, *O caboclo brasileiro*, que era uma longa toada chispante de imagens, em redondilha, em que Jeca Tatu respondia com música ao Conselheiro".¹¹ Lembra Antônio Costa que

na recepção oferecida no solar São Clemente, em homenagem à comissão de deputados belgas que visitaram o Brasil, realizou-se uma grande festa. Todas as árvores do jardim foram iluminadas, assim como os gramados. A casa apresentava o aspecto animado e alegre dos grandes dias festivos. Houve danças clássicas, música, cantos e declamações. Mas a nota mais viva foi Catulo da Paixão Cearense com o seu "Marroeiro".¹²

Catulo tanto "se empolgou com os seus próprios versos, que pareceu transfigurado. Rui escutou-o, reverente, [...] e o aplaudiu com veemência".¹³

Na Vila Maria Augusta havia também os chamados *garden parties*.

Delegações estrangeiras aqui estiveram por ocasião do Centenário da Independência do Brasil. Em 10 de setembro de 1922, Charles Hughes, ministro de Estado dos Estados Unidos da América, futuro presidente da Suprema Corte Americana, fez questão de estar com Rui, que, convalescente, o saudou em inglês. Sacadura Cabral e o presidente de Portugal, Antônio José de Almeida, também o visitaram, encantando os criados portugueses, que se perfilaram para cumprimentá-los.¹⁴

¹¹ MAUL, Carlos. *Catullo*, p. 33.

¹² COSTA, Antônio Joaquim da. *Rui Barbosa na intimidade*, p. 52.

¹³ MAUL, Carlos. *Catullo*, p. 33.

¹⁴ Depoimento de Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira, para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, 25 de junho de 1985.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Capristano de. Um perfil de Rui Barbosa. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 20 jan. 1940.

ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Minha vida: da mocidade à velhice: memórias 1893-1934*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934. v. 2.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Rui e o carro nº 833. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1973.

_____. Rui, naquele tempo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 mar. 1973.

ATAÍDE, Austregésilo de. Prefácio. In: BARBOSA, Rui. *A ditadura de 1893: Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1949. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 20, 1893, t. 2). p. xi-xxii.

ATAÍDE, Raimundo. Rui na intimidade. *O Cruzeiro*, ano 22, n. 4, p. 62-76, nov. 1949.

BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui: 1876 a 1923*. Rio: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1960.

BARBOSA, Francisco de Assis. Rui Barbosa visto por sua esposa d. Maria Augusta e sua filha Maria Adélia. In: _____. *Retratos de família*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. p. 41-51.

BARBOSA, Mário de Lima. O feitio de Rui Barbosa. *O Tempo*, Rio de Janeiro, n. 3, v. 13, p. 171-179, 15 jan. 1924.

_____. Um dos pendores artísticos de Rui. *Revista Branca*, n. 9, p. 10-12, out./nov. 1949.

BARBOSA, Rui. *A Constituição de 1891*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946. (OCRB, v. 17, 1890, t. 1).

_____. *A questão social e política no Brasil: conferência pronunciada no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, a 20 de março de 1919*. Ed. Anotada. Introdução de Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: LTr: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.

_____. *Campanha da Bahia*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988. (Obras Completas de Rui Barbosa, v. 46, 1919, t. 3).

_____. *Campanha presidencial*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956. (Obras Completas de Rui Barbosa, v. 46, 1919, t. 1).

_____. *Cartas de Inglaterra*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946. (Obras Completas de Rui Barbosa, v. 23, 1896, t. 1).

_____. *Coletânea literária: 1868-1922*. 6. ed. Organizada, anotada e prefaciada por Batista Pereira. São Paulo: Nacional, 1952.

_____. *Correspondência de Rui*. 3. ed. Seleção e notas de Afonso Rui. Salvador: Progresso, 1946. (Estudos Brasileiros. Autores Nacionais, v. 4).

_____. *Discurso no Colégio Anchieta*. Introdução de Américo Jacobina Lacombe. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1981.

_____. *Discursos parlamentares*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1985. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 23, 1896, t. 5).

_____. *Discursos parlamentares*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 28, 1901, t. 1).

- _____. _____. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 29, 1902, t. 5).
- _____. _____. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 34, 1907, t. 1).
- _____. _____. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 38, 1911, t. 1).
- _____. _____. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 51, 1914, t. 3).
- _____. _____. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1974. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 51, 1914, t. 3).
- _____. _____. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1981. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 52, 1915, t. 2).
- _____. *Escritos e discursos seletos*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- _____. *Esfola da calúnia*. 2. ed. Pref. e notas de Fernando Nery. Rio de Janeiro: Guanabara, 1933.
- _____. *Excursão eleitoral*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1965. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 36, 1909, t. 1).
- _____. _____. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1967. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 37, 1910, t. 1).
- _____. Introdução do tradutor. In: JANUS. *O papa e o concílio*. Tradução e introdução de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. p. 23-26. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 4, 1877, t. 1).
- _____. *Mocidade e exílio*: cartas ao cons. Albino José Barbosa de Oliveira e ao dr. Antônio d'Araújo Ferreira Jacobina anotadas e prefaciadas por Américo Jacobina Lacombe. Ed. do Centenário. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1949. (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasileira, série 5ª, v. 38).
- _____. *Novos discursos e conferências*. Coligidos e anotados por Homero Pires. São Paulo: Acadêmica: Saraiva, 1933.
- _____. *Oração aos moços*. 3. ed. Ed. popular anotada por Adriano da Gama Kury. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.
- _____. *O Partido Republicano Conservador*: discursos parlamentares. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 24, 1897, t. 1).
- _____. *Primeiros trabalhos*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1951. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 1, 1865-1871, t. 1).
- _____. *Queda do Império: Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 16, 1889, t. 1 e 2).
- _____. *Réplica*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1953. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 29, 1902, t. 2).
- _____. *Trabalhos jurídicos*: estado de sítio. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 19, 1892, t. 3).
- _____. *Visita à terra natal*: discursos parlamentares. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1948. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 20, 1893, t. 1).

- BITTENCOURT, Liberato. *Rui Barbosa: ensaio psicológico*. Rio de Janeiro: Of. Gráf. do Ginásio 28 de Setembro, 1924.
- BITTENCOURT, Raul. Rui Barbosa. *Rui: pela democracia brasileira*. Rio de Janeiro, 2 (11):3-6, 20 nov. 1938.
- BLOEM, Rui. Rui. *Folha da Tarde*, São Paulo, 22 nov. 1949.
- BRAGA, Rubem. Rui Barbosa e a Inglaterra. *Revista Acadêmica*, n. 52, p. 16, nov. 1940.
- BROCA, Brito. Rui e a literatura. *A Gazeta*, São Paulo, 5 nov. 1949.
- CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS. *Contribuição. Centenário do Nascimento de Rui Barbosa: 1849-1949*. Monografias premiadas. Santos: Linotecnica, 1953.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Como conheci Rui Barbosa. *A República*, Natal, 22 jun. 1949.
- CASTRO, Aloísio de. *Recordações de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.
- COARACI, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1955. (Documentos brasileiros, 88).
- CORDEIRO, J.P. Leite. *Frases esparsas*. São Paulo: [s.n.], 1952.
- CORRESPONDÊNCIA de Rodolfo E. de Sousa Dantas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. (Coleção Arquivo da Casa de Rui Barbosa 2).
- CORRESPONDÊNCIA: primeiros tempos, curso jurídico, colegas e parentes. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. (Coleção Arquivo da Casa de Rui Barbosa, 3).
- COSTA, Antônio Joaquim da. *Rui Barbosa na intimidade*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.
- DELGADO, Luís. *Rui Barbosa: tentativa de compreensão e de síntese*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1945. (Documentos Brasileiros, 48).
- DUARTE, Samuel. Rui Barbosa e os direitos humanos. *Revista da Ordem dos Advogados do Brasil*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 286-290, set./dez. 1970.
- ECHENIQUE, Renato. Biografia de Rui Barbosa. *O Técnico*, p. 7-8, set.-nov. 1949.
- FRANÇA, Sebastião de. – Eu fui cocheiro de Rui. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 58, p. 37-38, 16 ago. 1958.
- FREIRE, Felisbello. *História da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. da Revista dos Tribunaes, 1912. v. 1, 1564-1700.
- FRÓES, José Kopke. Petrópolis e Rui Barbosa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA VERNÁCULA, 1., 1949, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1957. v. p. 133-137.
- GERSON, Brasil. *História dos subúrbios: Botafogo*. [Rio de Janeiro]. Departamento de História e Documentação da Prefeitura do Distrito Federal, [195-?].
- GOMES, Ordival Cassiano. *O pai de Rui: dr. João José Barbosa de Oliveira*. Rio: Casa de Rui Barbosa, 1949.
- GONÇALVES, Silo. *A Águia de Haia: biografia de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- LACOMBE, Américo Jacobina. *O pensamento vivo de Rui Barbosa*. São Paulo: Martins, 1944.
- _____. Rui escritor. In: BARBOSA, Rui. *Escritos e discursos seletos*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960. p. 11-16.

- _____. *À sombra de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.
- LACOMBE, Américo Jacobina; PEREIRA, Lucila Batista. *D. Maria Augusta Rui Barbosa: dois depoimentos*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, [1957].
- LIMA, Alceu Amoroso. O jovem dr. Alceu. [Entrevista]. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, p. 8-14, 16 a 22 set. 1977.
- LUCAS, Fábio. O mito de Rui Barbosa. *Coluna*, Belo Horizonte, p. 19-26, out. 1957.
- MAGALHÃES, Rejane M. Moreira de A.; PEREIRA, Soraia Farias Reolon (Org.). *Campanha civilista: correspondência e estudos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012. (Coleção FCRB Estudos, 11).
- MAGALHÃES JÚNIOR, R. Que fez o Rui? *A Tribuna*, Santos, 8 nov. 1949.
- MANGABEIRA, João. *Rui, o estadista da República*. 3. ed. São Paulo: Martins, 1960.
- MAUL, Carlos. *Catullo: sua vida, sua obra, seu romance*. Rio: São José, 1971.
- MENESES, Nazaré. *Rui Barbosa: sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: Casa David, 1915.
- MESQUITA, Júlio. Reminiscências. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5 nov. 1949.
- MICROMEGAS, pseud. Rui Barbosa. *Careta*, Rio de Janeiro, 5 nov. 1949.
- MONTEIRO, Diógenes B. Rui Barbosa. *Revista do Serviço Público*, v. 12, n. 2, p. 111, nov. 1949.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952. t. 2.
- NERY, Fernando. *Rui Barbosa: ensaio bio-bibliográfico*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1932.
- NOGUEIRA, Ataliba. Rui Barbosa e Campinas. *Revista da Ordem dos Advogados do Brasil*, v. 2, n. 4, p. 291-307, set./dez. 1970.
- NOGUEIRA, Rubem. Rui Barbosa e a técnica da advocacia. In: BARBOSA, Rui. *Escritos e discursos seletos*. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1960. p. 491-508.
- OLÍVIA, Maria. Rui, um símbolo. *Boletim da Sociedade de Estudos Filológicos*, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 195-235, out. 1960.
- OTÁVIO, Rodrigo. *Minhas memórias dos outros*. Nova série. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1935.
- PALMA, José Joaquim da. A oração da amizade. *O Tempo*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 13, p. 141, 15 jan. 1924.
- PAULO FILHO, A. Rui Barbosa hipermetrope. Separata de: *Patologia ocular*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos da Clínica de Olhos Paulo Filho, 1954. v. 2.
- PENALVA, Gastão. A casa de Rui Barbosa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1930.
- PEREIRA, Antônio Batista. Ver PEREIRA, Batista.
- PEREIRA, Batista. Rui artista. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 nov. 1949.
- _____. *Rui Barbosa em Santos: em 1868 e em 1912*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1956.
- _____. *Rui estudante: homenagem a Rui Barbosa*. São Paulo: Centro Acadêmico Onze de Agosto, 1924.
- PEREIRA, Edgar Batista. *A casa de São Clemente*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

- PLUTARCO JUNIOR. Rui Barbosa na intimidade. *América Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 16, p. 114, abr. 1923.
- REALE, Miguel. Posição de Rui Barbosa no mundo da filosofia: subsídios para a compreensão de uma trajetória espiritual. In: BARBOSA, Rui. *Escritos e discursos seletos*. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1960. p. 843-862.
- REBEL, Pereira. Rui em Haia. Separata de: *Conferências*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1954. v. 4, p. 91-121.
- ROCHA, Pinto da. *O revolver das cinzas*: erguendo a luva. Ruy Babosa e Gaspar Martins. [S.l.: s.n.], 1911.
- RODRIGUES, José Júlio. *Silhuetas e visões*. Faro: Armelim Cácima, [19-].
- RUI, Afonso. Velhos papéis de família: Rui Barbosa e a revolução de 1893. Separata de: *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Bahia: Imprensa Oficial, 1949.
- RUI Barbosa e o Tico-Tico. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 60, n. 175, p. 89, nov. 1949.
- RUI Barbosa e a agricultura. *O Tempo*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 13, p. 201, 15 jan. 1924.
- RUI Barbosa íntimo. *Bahia Ilustrada*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1 p. 16, nov. 1933.
- RUI Barbosa e a livraria Briguiet. *O Tempo*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 13, p. 121, 15 jan. 1924.
- RUI Barbosa e a metodização de sua vida intelectual. *Bahia Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 28, ago. 1918.
- RUI e a medicina. *O Tempo*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 13, p. 198, 15 jan. 1924.
- SANT'ANA, Afonso Romano de. Quem é inteligente no Brasil? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 jul. 1983.
- SENNA, Homero (Org.). *Rui: sua casa e seus livros*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.
- SOUSA, Antônio S. de. Rui esposo. *Águia*: anuário literário e educativo ilustrado, [Fortaleza], p. 114. Edição especial comemorativa do 1º centenário de nascimento de Rui Barbosa.
- VIANA FILHO, Luís. Rui e os gaúchos. In: _____. *Rui Barbosa: seis conferências*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. p. 43-64.
- _____. *A vida de Rui Barbosa*. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio: Instituto Nacional do Livro, 1977. (Documentos Brasileiros, 177).
- VILAS-BOAS, Nailor Bastos. *O amigo perfeito de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1962.
- VILLAÇA, Antônio Carlos. O lado humano. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 fev. 1973.

O texto desta segunda edição foi preparado por Laura do Carmo e Marta de Senna, pesquisadoras do Setor Ruiano da Fundação Casa de Rui Barbosa.